



INSTITUTO FEDERAL
Paraíba

Campus
João Pessoa

**INSTITUTO FEDERAL De EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
– PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

PALLOMA DE SOUZA SILVA

**EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DENTRE
ESTUDANTES DO PROEJA NO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS DO
IFPB, CAMPUS JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA – PB
2024**

PALLOMA DE SOUZA SILVA

**EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DENTRE
ESTUDANTES DO PROEJA NO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS DO
IFPB, CAMPUS JOÃO PESSOA**



Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), como requisito à obtenção de grau de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Italan Carneiro Bezerra

**JOÃO PESSOA – PB
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha - *Campus* João Pessoa, PB.

S586e Silva, Palloma de Souza.

Expectativas sobre o futuro profissional dentre estudantes do PROEJA no Curso técnico em eventos do IFPB, *campus* João Pessoa / Palloma de Souza Silva. – 2024.

113 f. : il.

Inclui o Produto educacional cujo título é: Sequência didática : mundo do trabalho na educação profissional e tecnológica através do cinema.

Dissertação (Mestrado – Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação da Paraíba / Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), 2024.

Orientação : Prof. Dr. Italan Carneiro Bezerra.

1.Educação profissional. 2. Ensino técnico. 3. Expectativa profissional. 4. Mercado de trabalho. 5. PROEJA. I. Título.

CDU 377:331.5(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE NACIONAL

PALLOMA DE SOUZA SILVA

**EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DENTRE ESTUDANTES DO PROEJA NO CURSO
TÉCNICO EM EVENTOS DO IFPB, CAMPUS JOÃO PESSOA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Campus João Pessoa.

Aprovado em 23 de outubro de 2024.

Membros da Banca Examinadora:

Dr. Italan Carneiro Bezerra

IFPB - PROFEPT

Dr. Emmanoel de Almeida Rufino

IFPB - PROFEPT

Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

IFRN

Documento assinado eletronicamente por:

- **Italan Carneiro Bezerra**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 06/11/2024 22:34:40.
- **Emmanoel de Almeida Rufino**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 07/11/2024 08:29:07.
- **Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares**, PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR NA ÁREA DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, em 07/11/2024 17:11:58.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 11/10/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 618482
Verificador: a01c639305
Código de Autenticação:



Av. Primeiro de Maio, 720, Jaguaribe, JOAO PESSOA / PB, CEP 58015-435
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3612-1200

*Ao meu querido filho, **João Pedro**, que é a
razão do meu esforço e a luz que ilumina meu
caminho.*

*A minha mãe, **Maria da Penha**, que partiu,
mas cuja sabedoria e amor me guiam a cada
passo.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão a Deus, que me proporcionou força e inspiração ao longo de toda essa trajetória. Sem a sua direção, muitos dos desafios se tornariam insuperáveis.

Agradeço, com imenso carinho, a meu pai, João Anulino, que se apresentou como a pedra angular da minha vida. Seu estímulo constante e apoio nas empreitadas que têm significado profundo para mim foram essenciais, especialmente pelo amor e cuidado dedicados ao meu filho, João Pedro, durante todo o período do Mestrado. Sua presença inabalável foi um pilar fundamental em momentos de dificuldade e incerteza.

Não posso deixar de mencionar um querido amigo, cuja amizade e incentivo foram cruciais. Sua capacidade de me encorajar nos momentos mais desafiadores e sua crença inabalável no meu potencial foram elementos motivadores que me ajudaram a seguir em frente.

Sou grata também à minha família, cuja solidariedade e apoio incondicional foram a base que sustentou cada passo da minha trajetória. A presença deles se fez sentir em momentos de alegrias e desafios, tornando cada conquista ainda mais significativa.

Agradeço profundamente ao meu orientador, Doutor Italan Carneiro Bezerra, cuja dedicação e disponibilidade foram essenciais na concretização deste estudo. A troca de conhecimentos, as orientações precisas e o apoio incondicional foram aspectos fundamentais que guiaram meu percurso acadêmico.

Aos meus colegas da turma 4, agradeço pelos momentos de aprendizado e pela amizade genuína que compartilhamos. Cada interação e cada discussão enriqueceram minha experiência de forma ímpar.

Não poderia deixar de mencionar os alunos e professores do PROEJA – Curso de Eventos do IFPB, que prontamente aceitaram participar da pesquisa. A contribuição deles foi um fator determinante para o alcance dos objetivos deste trabalho.

Os professores do ProfEPT também merecem meu reconhecimento. Seus ensinamentos enriqueceram meu conhecimento e ampliaram minha visão sobre a educação. O aprendizado adquirido com cada um deles foi, sem dúvida, uma ferramenta valiosa.

Por fim, meus agradecimentos à banca examinadora, cujas contribuições foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho. Todos vocês desempenharam um papel fundamental em minha formação e realização.

A todos, que estiveram presentes nesta trajetória, o meu imenso obrigada!

“[...] com efeito, poderíamos fazer o nosso mea culpa reconhecendo que há erros nos princípios da nossa educação e que é, em primeiro lugar, pelo trabalho que se prepara para o trabalho, numa escola e numa sociedade do trabalho”

FREINET, Célestin – Pedagogia do bom senso (2004, p. 37)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo compreender quais as expectativas que os estudantes do Curso Técnico de *Eventos* do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, Campus João Pessoa, atribuem a esta modalidade de educação, quais seus anseios em relação à sua atuação profissional – destacando seus projetos pessoais e profissionais – e em que medida essas expectativas vêm sendo atendidas. Tratou-se de uma pesquisa exploratória e explicativa, finalizada sob a forma de estudo de caso. O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa de campo, na qual foram entrevistados(as) 14 (quatorze) estudantes do Curso Técnico em Eventos do IFPB, Campus João Pessoa, sem pretensão de amostragem probabilística. O material empírico das entrevistas foi analisado a partir da *Análise de Núcleos de Significado* (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021) e (Aguiar; Ozella, 2006). Como resultados do estudo, inferimos que há uma pluralidade de biografias e contradições impostas a vida material desses 14 sujeitos entrevistados. Homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores e desempregados, solteiros e pais/mães etc., expressam a riqueza sociocultural do grupo em questão. O que há em comum nessas trajetórias? Dizemos, em consonância com Bourdieu, que as expectativas em relação ao mercado de trabalho se relacionam à posição social, *ethos* familiar, de classe e composição dos capitais (econômico, cultural, simbólico, social), assim como às condições objetivas e simbólicas que se revelam relativamente específicas e distintas entre os 14 sujeitos entrevistados. Filhos de trabalhadores subproletariados e com pouca instrução escolar, os informantes reproduzem essa realidade e traduzem seu cotidiano como uma narrativa ainda fluida, aberta e à deriva, todavia entrecortada pelas expectativas de um futuro melhor, seja pelo sonho da emancipação financeira através do trabalho no mercado de eventos, seja pela possibilidade de realizar outro curso formativo. Como resultado prático da pesquisa, foi gerado um *Produto Educacional*. Tratou-se de uma *Sequência Didática* para se trabalhar a problemática do Mundo do Trabalho na Educação Profissional e Tecnológica, objetivando discutir os limites e possibilidades do empreendedorismo sob a égide neoliberal do capitalismo plataformizado e infoproletarizado.

Palavras-chave: educação profissional; ensino técnico; expectativas profissionais; mundo do trabalho.

ABSTRACT

This research seeks to find out what expectations students of the Events technical course (IFPB, Campus João Pessoa) attribute to this type of education, what their desires are in relation to their professional performance – that is, their personal and professional projects – and in to what extent these expectations are being met. It was an exploratory and explanatory research, completed in the form of a case study. In total, fourteen students from the Technical Course in Events at IFPB, Campus João Pessoa, were interviewed. The sample of 14 students corresponds to 20% of the total enrolled. This is not a probabilistic sampling process. The empirical material from the interviews was analyzed using Meaning Core Analysis (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021) and (Aguiar; Ozella, 2006). As result of the study, we show the plurality of biographies and the contradictions imposed on the material lives of these 14 interviewed subjects. Men and women, young people and adults, workers and unemployed, singles and parents, etc., express the sociocultural richness of the group in question. What do these trajectories have in common? We say, in line with Bourdieu, that expectations in relation to the labor market are related to social position, family ethos, class and composition of capital (economic, cultural, symbolic, social), as well as the objective and symbolic conditions that are specific and distinct among the 14 subjects interviewed. Children of subproletarianized workers with little schooling, the informants reproduce this reality and translate their daily lives as a narrative that is still fluid, open and adrift, however interspersed with expectations of a better future, whether by the dream of financial emancipation through work in the market of events, or the possibility of taking another training course. As a practical result of the research, an *Educational Product* was generated. It was a *Didactic Sequence* to work on the issues of the World of Work in Professional and Technological Education, aiming to discuss the limits and possibilities of entrepreneurship under the neoliberalism of platformized and infoproletarianized capitalism.

Keywords: professional education; technical education; professional expectations; world of work.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
3. MUNDO DO TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CURRÍCULO INTEGRADO	24
4. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: SUJEITOS, SIGNIFICAÇÕES E EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS	34
5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA	58
5.1. AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	82
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA	83
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	85
APÊNDICE C: SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA	89
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	109

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu da seguinte questão-problema: quais as expectativas que os estudantes do PROEJA no Curso Técnico de *Eventos* do Instituto Federal da Paraíba, Campus João Pessoa, atribuem a esta modalidade de educação, quais os anseios em relação à sua atuação profissional – destacando seus projetos pessoais e profissionais – e em que medida essas expectativas vêm sendo atendidas?

Questões dessa natureza surgem a partir do entendimento de Silva e Stefanini (2010), no qual trajetórias estudantis ilustram contradições e limites relativos às aspirações desejadas e oportunidades reais no tocante à educação e ao trabalho. Esses autores, fundamentados em Pierre Bourdieu, afirmam que as expectativas em relação ao mercado de trabalho se relacionam à posição social, *ethos* familiar, de classe e composição dos capitais (econômico, cultural, simbólico, social), assim como às condições objetivas e simbólicas que se revelam relativamente específicas e distintas entre os sujeitos. Deste modo, aqui compreendemos as expectativas e anseios desses estudantes não a partir de uma lógica quantitativa de causa-efeito, mas através das aspirações realistas de sujeitos em idade escolar ou para além dela (EJA/PROEJA).

Daí que esta pesquisa discute trajetórias acadêmicas no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Para tanto, é preciso entender que o mundo do trabalho tem presenciado mudanças cada vez mais rápidas, flexíveis, desiguais e intensas nos seus regimes de produção, acumulação e condições de trabalho, sobretudo após a década de 1990 (Antunes, 1999; Standing, 2017). Neste contexto estrutural de mudanças, a *Educação Profissional e Tecnológica* (EPT) tem passado também por rápidas transformações. Logo, novos padrões de adequação e ajustes competitivos têm imposto às práticas pedagógicas da EPT igualmente novos desafios. O padrão educacional tecnicista tradicional (Libâneo, 1984), herança de uma educação técnica classista liberal – voltada para as classes trabalhadoras pauperizadas –, já aparece desgastado segundo algumas perspectivas pedagógicas mais progressistas. A educação técnica passa a ser, pois, não somente uma armadilha conciliadora de classes, mas uma exigência competitiva para novos tempos.

Logo, neste trabalho de pesquisa destacamos a necessidade de pensar não somente a expansão – qualitativa e quantitativa – da oferta dessa educação técnica, mas principalmente as expectativas dos estudantes em relação ao futuro profissionalizante prometido por este

momento atual das políticas educacionais no país. Como colocam Schwab e Lazarotto (2013, p. 24), o conhecimento das “expectativas dos alunos poderá se constituir em um mecanismo para auxiliar na formação de um retrato discente e facilitar a busca pela melhoria no processo de ensino e aprendizagem pelo professor ou pela instituição de ensino”. Portanto, para essas autoras, as expectativas dos alunos correspondem aos seus anseios em relação à sua formação profissional, destacando certo grau de esperança relacionado com os projetos pessoais e profissionais. Complementando o argumento supracitado, “por expectativas em relação ao futuro compreende-se aquilo que os adolescentes percebem em relação a suas chances futuras, especialmente o lugar do trabalho em seu projeto de vida” (Macedo; Alberto; Araujo, 2012, p. 781). Eis aqui o que objetivamos compreender neste estudo.

Do ponto de vista empírico, esta pesquisa encontra justificativa social quando pretende investigar, diretamente junto aos principais sujeitos do conhecimento da EPT, isto é, os discentes, quais as suas expectativas em relação ao ensino técnico e de que maneira se enxergam reflexivamente como sujeitos ativos neste precário mercado do trabalho cada vez mais exigente e excludente. Como destacam Oliveira e Almeida (2019), o funcionamento do mercado de trabalho é estruturalmente desfavorável ao jovem ou mesmo sujeito adulto periférico, pois diante do excedente de mão-de-obra no mercado, encontram condições desfavoráveis de competição em relação aos adultos ou indivíduos mais polivalentes, tendo de assumir muitas vezes funções de qualidade inferior nas empresas. Para os autores citados, isso compromete a possibilidade de formação escolar e de se qualificar profissionalmente. Além disso, os jovens se submetem a empregos fora da área em que pensam em atuar, gerando um atraso no processo de formação, por isso a preferência pelo curso técnico à faculdade em curto prazo (Oliveira; Almeida, 2019).

No mais, a “entrada dos jovens no mercado de trabalho é um dos muitos ritos de passagem da adolescência para a vida adulta. Nessa etapa da vida, não raro os jovens estão cheios de expectativas e sonhos” (Lauer-Leite; Moreira, 2010, p. 14). Vê-se, pois, a necessidade de se analisar essas expectativas diante da expansão do ensino de EPT no Brasil. Assim, diante desta problemática geracional, esta pesquisa possui seu campo empírico demarcado pela *Educação Profissional e Tecnológica* (EPT), delimitada ao *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos* (PROEJA¹).

¹ “O Proeja foi criado inicialmente pelo Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005 e denominado como Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos [...] Sua criação foi uma decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa busca justificativa ao tratar a EPT não somente como educação envolvida com as contradições do capital e sua estruturação de classes, mas, sobretudo, por enfatizar a relevância de se trabalhar dentro de perspectivas críticas.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender as expectativas dos estudantes do IFPB (Campus João Pessoa) sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) a partir dos anseios em relação à sua formação profissional, destacando seus projetos pessoais e profissionais. Como objetivos específicos, definimos: a) refletir sobre os contextos históricos e políticos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil e suas perspectivas para com a mudança e reprodução social em contextos de desigualdades sociais; b) identificar como os discentes observam a proposta político-pedagógica do Curso técnico em eventos integrado ao ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos do IFPB; c) compreender e categorizar as expectativas geradas pelos estudantes sobre formação, profissionalização e trabalho técnico relacionado à constituição do sujeito histórico-político e ao mundo do trabalho; d) desenvolver o *Produto Educacional*, no formato de *Sequência Didática*, buscando trazer um instrumento didático capaz de realizar a crítica da educação-mercadoria e desconstruir os mitos do empreendedorismo como dominação ideológica.

No mais, esta pesquisa espera contribuir com a crítica da educação reprodutora do *status quo* e possibilitar uma reflexão crítica e propositiva acerca das possibilidades e limites da educação técnica.

Como autora, é mister dizer que realizar uma pesquisa sobre educação profissional diz muito sobre minha trajetória como docente e como coordenadora pedagógica. Um ofício profissional não é plenamente o resultado de escolhas sempre racionais ou mesmo um projeto desenhadamente reflexivo. Somos também o resultado de escolhas, condicionantes e caminhos não-premeditados que às vezes se interpõem em nossa trajetória biográfica.

Sou filha de professora e de pai operário, cujas trajetórias de formação científica foram obstruídas pelas muitas dificuldades materiais da vida. Eu e meus irmãos e irmãs também vivenciamos um quadro de desigualdade educacional que nos impôs certos limites projetivos em termos acadêmicos. Assim como os sujeitos ouvidos por esta pesquisa, a educação dominante e seu caráter classista me possibilitou vivenciar uma reprodução educacional determinada pela minha condição de classe (trabalhadora), limitando meus horizontes

profissional técnica de nível médio, da qual em geral são excluídos, bem como, em muitas situações, do próprio ensino médio [...] O programa teve inicialmente como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica [...] Por meio do Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, é ampliado em termos de abrangência e aprofundado em seus princípios pedagógicos, passando a se chamar Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)” (MEC, 2018).

performáticos. Não tive o privilégio de vivenciar uma formação escolar sólida numa escola de qualidade. Sou, dentro de certos limites, uma possibilidade concreta do que minha herança familiar/escolar legou. Portanto, não faço parte da classe dominante. Sou, pois, o que a educação pública me possibilitou.

Nasci, cresci, habito e trabalho em Nova Cruz, uma cidade interiorana do Rio Grande do Norte, localizada em sua região agreste. Sou oriunda – e defensora – da escola pública, onde cursei toda a minha educação básica. Por questões de deslocamento e de distância até a capital do Estado, Natal, formei-me pedagoga através do modelo semipresencial, estudando em minha própria cidade.

Já trabalhei como professora na educação pública (municipal e estadual), rede privada e hoje me ocupo como coordenadora, trabalhando diretamente com o ensino fundamental e com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

E qual a importância desta contextualização de meu lugar de fala? A resposta é: sinto-me representada tanto pelas trajetórias de meus alunos, quanto pelos sujeitos que fizeram parte desta pesquisa. Não somos diferentes e vivenciamos os mesmos dilemas e expectativas. Deste modo, a pesquisadora que aqui fala é também um ator social deste campo tão controverso que é a denominada educação das classes trabalhadoras. Deste modo, compreendo o cotidiano incerto e aberto de cada entrevistado e reconheço o quão complexo é uma escolha profissional, sobretudo quando se trata de indivíduos cujos caminhos quase sempre são determinados *a priori*.

Assim sendo, esta dissertação está organizada com a seguinte forma-conteúdo: uma **Introdução**, descrevendo as questões estruturais (problema, objetivos e justificativa) da pesquisa; o capítulo **Caminhos metodológicos**, momento em que detalhamos a metodologia empregada na pesquisa; o referencial teórico, cujo capítulo se intitula **Mundo do trabalho, educação profissional e currículo integrado**, aprofundando a questão estrutural do mundo do trabalho e como a lógica produtivista de classes tem impactos na educação; os resultados do campo, intitulados como capítulo **Sujeitos, significações e expectativas profissionais**, cuja abordagem ilustra os anseios e expectativas coletadas diretamente com os estudantes; o capítulo voltado à apresentação do **Produto Educacional** – também inserido como Apêndice –, expresso por uma Sequência Didática para trabalhar a problemática do Mundo do Trabalho através do cinema, aprofundando-se uma crítica a educação produtivista neoliberal e, por fim, a **Conclusão** da dissertação.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi iniciada a partir de revisão bibliográfica, dividida entre a construção do referencial teórico e o levantamento do estado da arte. A revisão teórica identificou e problematizou, no campo, os principais conceitos utilizados nesta seara acadêmica. O estado da arte identificou trabalhos empíricos já realizados sobre Educação Profissional e Tecnológica. Igualmente, a pesquisa também realizou um estudo documental, analisando o Projeto Político Pedagógico do Curso em análise.

Sobre a pesquisa de campo, este estudo é de natureza empírica, realizado a partir de trabalho *in loco*. Um estudo empírico se dedica ao tratamento factual da realidade, produzindo e analisando dados coletados sempre pela via concreta conforme o real se apresenta ao pesquisador (Demo, 2000).

Trata-se ainda de um estudo com abordagem qualitativa, baseado não na mensuração de variáveis quantitativas, mas sim na qualidade da interação com os sujeitos do universo delimitado. Segundo Brandão (2007), a experiência de trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade. Deste modo, todo trabalho de produção de conhecimento se passa através de uma relação subjetiva, no qual a pessoa que fala, fala para uma outra pessoa. Trata-se, pois, de uma relação entre pessoas que têm uma dimensão social e uma dimensão afetiva (Brandão, 2007).

Assim sendo, para Creswell (2010), uma pesquisa qualitativa significa um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. Pensando com Geertz (1978), a análise qualitativa é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados e uma avaliação das conjeturas, traçando conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas em que o mundo social se apresenta (Geertz, 1978).

A pesquisa se classifica, sob o aspecto metodológico, como exploratória e explicativa. Seu objetivo é, simultaneamente, obter conceitos iniciais e percepções sobre um fenômeno, além de identificar e esclarecer as causas e relações subjacentes a ele. Segundo Gil (2017), as pesquisas exploratórias têm como objetivo principal ajudar o pesquisador a se familiarizar com o fenômeno em estudo, permitindo que ele entenda melhor o contexto e as particularidades do tema.

Ademais, a presente pesquisa também apresenta um caráter explicativo. Segundo Gil (2017), objetiva-se com esse tipo de pesquisa identificar fatores e suas relações com a ocorrência de fenômenos, explicando a razão das coisas.

Em relação aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa adotou o tipo de pesquisa de campo e estudo de caso. Seu objetivo central é compreender as expectativas dos estudantes do curso técnico em eventos em relação à sua escolha pela Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e seus projetos profissionais futuros. Além disso, é importante analisar em que medida essas expectativas estão sendo atendidas, ou seja, como os esses estudantes percebem e avaliam a formação recebida.

O universo de pesquisa pode ser conceituado como o conjunto de indivíduos ou de seres inanimados (unidades estatísticas) que apresentam pelo menos uma característica em comum e que podem ser estudados objetivamente a partir de estudos observacionais e/ou experimentais (Marconi; Lakatos, 2003). Deste universo ou população podem ser estudadas variáveis, isto é, características que podem ser observadas e investigadas.

Do universo de pesquisa podemos extrair pesquisas censitárias, amostrais (representativos ou não) e estudos de caso (Richardson et al, 1999). As pesquisas censitárias captam e abordam todas as unidades estatísticas do universo/população; as pesquisas amostrais captam somente uma amostra (parte do universo), todavia podendo ou não ter cobertura representativa; os estudos de caso estudam somente alguns casos pontuais que possuam alguma significância fenomênica para o universo, não tendo pretensão estatística representativa. No geral, as pesquisas sociais trabalham com amostras, já que os estudos censitários demandam tempo e recursos e os estudos de caso não possuem cobertura amostral.

Nossa pesquisa possuiu como universo ou população os estudantes do PROEJA do IFPB do campus João Pessoa (curso técnico em eventos). Um total de setenta (70) estudantes estão matriculados nesta modalidade de educação profissional e tecnológica (EPT). Portanto, deste total trabalhamos com uma amostragem não probabilística por acessibilidade.

As amostragens podem ser probabilísticas ou não probabilísticas (Vergara, 2010). Na amostragem probabilística, a amostra – parte do universo – representa todo o universo, já que o erro amostral e o nível de confiança dão ao método estatístico segurança na inferência dos dados. Na amostragem não probabilística o erro amostral não é levado em conta, o que torna desconhecida a confiança/cobertura dos dados. Logo, na amostragem não probabilística a amostra (Parte da população) não representa o universo (o Todo) (Richardson et al, 1999). Para o nosso estudo escolhemos uma amostragem não probabilística: *por acessibilidade ou por*

conveniência. Nesta, selecionam-se os elementos do universo pela facilidade de acesso a eles (Vergara, 2010; Gil, 2008).

Segundo Antonio Carlos Gil, a amostragem por acessibilidade ou por conveniência:

Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão (Gil, 2008, p. 94).

Entendemos que, pelo tamanho reduzido do universo escolhido (estudantes da PROEJA do IFPB Campus João Pessoa), não precisamos de cobertura amostral. Nossa pesquisa é qualitativa, portanto, interessa mais a qualidade da interação com os sujeitos entrevistados – abordando visão de mundo, angústias, perspectivas de futuro, relações familiares, hábitos cotidianos, histórico escolar etc. – do que a mensuração de variáveis estatísticas objetivas e pré-determinadas (Chizzotti, 1981).

Continuando com Vergara (2010), a amostra – ou população amostral – expressa uma parte do universo escolhida segundo algum princípio objetivo de representatividade. Conforme apontado, nosso universo é composto por 70 estudantes do PROEJA atualmente matriculados no curso EPT de eventos no IFPB (Campus João Pessoa). Deste, estudamos, através da *amostragem por acessibilidade ou por conveniência*, 14 destes discentes (20% do universo, determinado arbitrariamente sem intenção estatística). O grupo de 14 não passou por técnica aleatória de cálculo amostral. Portanto, as conclusões do estudo dizem respeito somente aos 14 informantes. Isso não minimiza ou impede o exercício intelectual de fazer inferências para além do grupo em questão, todavia cientes de sua não pretensão estatística.

Reafirmando, nossa pesquisa é de abordagem qualitativa e não tivemos a intenção quantitativa de mensurar e prever variáveis. Interessa a este estudo compreender o conjunto de variáveis significativas do cotidiano social, simbólico e interacional destes estudantes, objetivando entender os significados da EPT em suas vidas.

O instrumento de pesquisa por excelência da pesquisa qualitativa é a entrevista (ver instrumento de pesquisa em apêndice A). Para Gil (2008), a entrevista é uma técnica em que o investigador se apresenta ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados, preferencialmente qualitativos. Muitos pesquisadores a consideram como a técnica por excelência na investigação social, sendo mais eficaz para a obtenção de dados em

profundidade acerca do comportamento humano. Em nossa pesquisa usamos a entrevista por pautas.

A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo. As entrevistas por pautas são recomendadas sobretudo nas situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez. Esta preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado ou por outras razões. À medida que o pesquisador conduza com habilidade a entrevista por pautas e seja dotado de boa memória, poderá, após seu término, reconstruí-la de forma mais estruturada, tornando possível a sua análise objetiva (Gil, 2008, p. 112).

Deste modo, as 14 (quatorze) entrevistas foram realizadas *in loco*, diretamente na unidade do IFPB. O anonimato de cada aluno(a) foi integral e efetivamente garantido. Não usamos nenhum nome real dos estudantes, optando pelo uso de codinomes. As entrevistas foram por acessibilidade, isto é, as 14 (quatorze) entrevistas se deram por disponibilidade voluntária.

A pesquisa de campo foi iniciada no dia 04 (quatro) de outubro, e finalizada no dia seguinte (05/10/2023). A pesquisa foi presencial, dispensando qualquer dispositivo remoto de interação. Esta pesquisadora entende, pois, que o contato direto com os sujeitos da pesquisa traz maior qualidade à interação e à coleta de dados qualitativos.

Ao todo foram entrevistados(as) 14 (quatorze) estudantes do Curso Técnico em Eventos do IFPB, Campus João Pessoa. Apenas escolhemos, arbitrariamente e por acessibilidade, o total de 20% da população total matriculada (estimativa de 70 discentes ativos) para compor o estudo, sem pretensão de generalização e/ou cobertura amostral. Neste sentido, interessa muito mais os aspectos subjetivos do campo do que quantificações estatísticas que pouco aprofundam as questões mais sensíveis – e urgentes – do cotidiano escolar. Logo, interessa muito mais ouvir e compreender seus anseios, expectativas e limites referentes ao futuro escolar/profissional, do que tabular, em números, essa realidade.

As entrevistas duraram, em média, 25 minutos, todas gravadas com o consentimento do informante (*ver O Termo de Consentimento como Apêndice B*). As entrevistas se deram no próprio IFPB, com o apoio da Coordenação do Curso e demais professores que colaboraram

autorizando e liberando os sujeitos da pesquisa. As entrevistas foram individuais e realizadas num espaço à parte, sem a interferência ou coerção de qualquer ator social do Instituto. Todo material gravado foi, a posteriori, transcrito rigorosamente, lido, relido, recortado ao nível de significação da pesquisa e analisado a partir dos objetivos traçados pela pesquisa. Da transcrição das entrevistas resultou um arquivo com mais de 70 páginas transcritas. Aqui não será colocado em anexo para não deixar o arquivo tão extenso.

A entrada em campo foi o momento mais sensível de um estudo empírico, já que requisitou atenção e cuidado aos momentos mais delicados do processo de escuta acadêmica: saber ouvir, saber reconhecer o Outro e, principalmente, reduzir a violência simbólica entre o pesquisador e aquele que é entrevistado (Bourdieu; Passeron, 1992).

Daí que as condições objetivas do campo foram satisfatórias. Ambiente acolhedor, professores colaborativos e discentes bem envolvidos deram ao campo maior legitimidade. Alguns estudantes estavam mais tímidos, outros mais ativos, mas no geral foi sentido um bom *feedback* em relação a aceitação da pesquisadora. Certamente pelo reconhecimento de uma mesma origem social e por também trabalhar com EJA, a resistência foi menor. Portanto, o campo foi receptivo e essa possível dissimetria (Bourdieu; Passeron, 1992) entre pesquisador e informante foi relativamente reduzida, implicando que as inevitáveis relações de poder fossem minimizadas ou, temporariamente, suspensas no momento da entrevista.

Quatorze (14) estudantes foram ouvidos(as). O quadro 01 abaixo caracteriza o perfil de nosso público-alvo, destacando a idade, gênero autodeclarado e o local de residência.

NOME	IDADE	GÊNERO AUTODECLARADO	CIDADE
Entrevista 01	40	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 02	40	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 03	28	Masculino	João Pessoa – PB
Entrevista 04	31	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 05	53	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 06	20	Feminino	João Pessoa – PB

Entrevista 07	41	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 08	43	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 09	58	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 10	33	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 11	55	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 12	46	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 13	23	Feminino	João Pessoa – PB
Entrevista 14	18	Masculino	João Pessoa – PB

Quadro 01: Perfil dos Informantes da pesquisa

Fonte: Pesquisa de campo da autora

Verifica-se uma idade média de 37 anos e público predominantemente feminino (apenas dois homens fizeram parte da amostra). Conforme a literatura aponta, sabe-se que o perfil da força de trabalho nos mercados de eventos é predominantemente feminino (Urry, 1996). É fundamental para muitos serviços voltados para o consumidor um “trabalho emocional”, de tipo público e reconhecível, sorrisos, reconhecimento dos nomes etc. Por isso, no mercado de eventos, o fato de que grande parte dele é fornecido pelas mulheres não é uma coincidência (Urry, 1996, p. 100). Isso está, pois, bem representado no quadro 01 acima. No mais, todos são residentes em João Pessoa/PB.

O material empírico das entrevistas foi analisado a partir da *Análise de Núcleos de Significado*, técnica proposta por Aguiar, Godinho Aranha e Soares (2021) e Aguiar e Ozella (2006), com a finalidade de elucidar o processo dialético de apreensão das significações produzidas em grupos. Para os autores, é importante lembrar que:

[...] que tal procedimento tem a clara intenção de indicar um processo de análise das falas (transcrição de falas), entendendo-as como ponto de partida, ainda aparente, mas considerando a essencialidade das categorias, totalidade e historicidade no processo analítico. Com isso, explicitamos que é um momento essencial tomarmos as transcrições das falas para apreender nosso objeto e objetivo de estudo, mas de modo algum pode ser compreendido como um fenômeno descolado das relações sociais e históricas que forjam os sujeitos e todas as suas expressões (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021, p. 03)

Assim, ao adotar esse referencial da Análise de Núcleo de Significado, os autores negam as concepções dualistas que separam o objetivo do subjetivo, o social do individual, o afetivo do cognitivo. Portanto, pretendem na análise da dimensão subjetiva da realidade não somente apreender as significações dos sujeitos, mas principalmente, com base nelas e nas mediações que as constituem, explicar o fenômeno. Daí que objetivam apreender a articulação e constituição das significações concebidas por sujeitos em atividades, sejam estas sobre concepções de mundo produzidas na escola, sobre gestão escolar e educacional, perspectivas sobre trabalho etc. (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021).

A Análise proposta pelos autores – e aqui reproduzida – se divide nas seguintes etapas:

1. leituras flutuantes e recorrentes do material transcrito
2. identificação da(s) palavra(s) com significado – pré-indicador(es);
3. agrupamento dos pré-indicadores em indicadores;
4. e articulação dos indicadores – a constituição dos núcleos de significação (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021).

Portanto, para Aguiar e Ozella (2006, p. 226), ao discutir *significado e sentido*, é preciso compreendê-los como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Assim,

[...] na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido (Aguiar; Ozella, 2006, p. 226).

Portanto, em termos metodológicos, os autores Aguiar e Ozella dizem que a análise se inicia por um processo intranúcleo, avançando para uma articulação internúcleos. Em geral, esse procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito.

Tais contradições não necessariamente estão manifestas na aparência do discurso, sendo apreendidas a partir da análise do pesquisador. Do mesmo modo, o processo de análise não deve ser restrito à fala do informante, ela deve ser articulada (e aqui se amplia o processo interpretativo do investigador) com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade (Aguiar; Ozella, 2006, p. 231).

Prontamente, num primeiro momento, a análise pode ficar mais circunscrita a aspectos da história do sujeito; entretanto, ao serem articulados com dados advindos da realidade social, cultural e com os outros núcleos, evidenciam-se outras determinações fundamentais, fazendo, inclusive, com que os dados adquiram outra qualidade (Aguar; Ozella, 2006, p. 241).

No mais, recapitulamos que esta pesquisa é qualitativa, não probabilística, delineada a partir de uma amostragem por acessibilidade com 14 estudantes do PROEJA do IFPB (Campus João Pessoa) e guiada por pautas. Esperamos, com isso, compreender uma parte inteligível do cotidiano simbólico, interacional, escolar e social dos sujeitos deste estudo, visando tecer inferências acerca das expectativas possíveis da educação profissional em suas trajetórias escolares e profissionais.

Esta pesquisa oferece minimamente alguns riscos e, apesar das questões não serem invasivas, podem acarretar alguma consequência de ordem psicológica e ou emocional, sendo os riscos possíveis: cansaço, constrangimento, incômodo, irritação por se sentir despreparado para o trabalho ou por ocasião das respostas da entrevista. Os riscos foram mitigados por meio da aplicação da entrevista guiada por pauta com o emprego de linguagem clara e acessível, em sala reservada que garanta a sua liberdade para não responder quaisquer perguntas ou ações constrangedoras, bem como a concessão de tempo adequado para as devidas respostas. A pesquisadora também esteve atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantindo a suspensão imediata da aplicação da entrevista, caso seja percebido algum risco ou danos à sua saúde. Os benefícios da pesquisa são superiores aos possíveis riscos, em poder compartilhar sua expectativa sobre o futuro profissional dentre os estudantes do curso de eventos do IFPB e poder ter um reconhecimento no social a partir do acesso ao resultado do estudo e da Sequência Didática para trabalhar a problemática do Mundo do Trabalho através do cinema, permite que o docente possa trabalhar os conceitos e temas do Mundo do Trabalho a partir de uma ação integrada entre teoria e prática, articulando a trajetória – biográfica, escolar, familiar, social etc. – de cada estudante com conteúdos reflexivos que tenham conexão com o mundo concreto de cada realidade subjetiva particular. Esta pesquisa está dentro dos parâmetros éticos estabelecidos pela Resolução 510/2016.

3. MUNDO DO TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CURRÍCULO INTEGRADO

Para Saviani (1989), a noção de trabalho – enquanto conceito e fato – deve ser considerada como o princípio educativo geral. Para o autor, toda a educação organizada se dá a partir do trabalho, ou seja, do entendimento da realidade do trabalho humano geral. Assim, partindo de Marx, Saviani explica que o trabalho constitui a realidade humana, sendo o processo pelo qual o Homem constrói sua existência, transformando a natureza e, portanto, a si mesmo.

Saviani faz esta introdução para apresentar seu conceito de *politecnia* e suas interfaces com o trabalho não alienado e uma educação crítica e emancipadora para a mudança social. Conceitualmente, define *politecnia* como a exigência da “superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral” (Saviani, 1989, p. 13).

É salutar abordar essa noção de *politecnia*, pois o capitalismo mantém e aprofunda as barreiras entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, isto é, conservando o trabalho alienado, coisificado, degradado. O trabalho intelectual, científico, de direção, controle, supervisão etc., estaria restrito a uma parcela da população cuja origem social não viria das classes trabalhadoras. Estas, por sua vez, estariam relegadas ao trabalho braçal, operacional, manual etc., típicos do *homo faber fordista* e da educação produtivista pró-Capital.

Assim, neste capítulo, temos como objetivo mostrar os limites de uma educação produtivista sob relações capitalistas, apontando alguns horizontes para uma tentativa de superação da dicotomia entre a mera instrução profissional (de dominação de classes) e uma educação profissional ampla, crítica e capaz de pensar e atuar no novo e precário mundo do trabalho (Antunes, 1999). Entendemos, para tanto, que a ideia de *politecnia* (Saviani, 1989), juntamente com uma noção ampla de *currículo integrado* posta em prática pelos Institutos Federais, significam um avanço substancial para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, de modo a tentar romper com as lógicas mecânicas e ideológicas (pró Capital) da escola técnico-profissional fordista.

O fordismo foi a forma pela qual o capitalismo se reproduziu durante dois terços do século XX (Antunes, 1999). O modelo de produção fordista estava baseado na acumulação em massa e no controle dos tempos e movimentos do trabalho e da gestão, criando um tipo padrão de trabalhador manual separado de suas funções criativas e reflexivas. No fordismo o trabalhador estava numa condição muito mais engessada, rígida e mecânica. Suas dimensões

subjetivas estavam muito mais anuladas pelos processos produtivos. Um bom exemplo para entender o fordismo é o filme *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin, no qual a rotinização do trabalho criou uma vida sem sentido, dentro e fora do trabalho, para o protagonista da narrativa.

Essa lógica fordista, que por sua vez deriva da *administração científica* iniciada por Frederick Taylor (criada no início do século XX), representou no âmbito do trabalho aquilo que na educação formal já se desenvolvia nos currículos, isto é, a separação entre conhecimentos manuais e os conhecimentos literários, científicos e filosóficos. O fordismo, igualmente a escola predominante no século XX, separou e dividiu o Homem entre aquele que obedece a um comando e aquele que pensa o comando, instituindo de vez a noção fragmentada de indivíduo (Antunes, 2017).

Sabemos que o taylorismo-fordismo buscou reduzir toda atividade de trabalho a “tarefas” rotinizadoras e, com isso, logrou rebaixar o valor da força de trabalho em geral [...] Tratava-se, portanto, de uma qualificação com base em uma especialização limitadora, tanto do conhecimento teórico, quanto das atividades práticas de trabalho. Uma qualificação marcada pela divisão entre teoria e prática, sendo ambas racionalizadas internamente e reduzidas a “tarefas” em suas execuções. Uma qualificação de tipo parcelar, fragmentada e que só poderia ser construída tendo por base ciências também especializadas. Por isso, o taylorismo-fordismo colocou como horizonte um projeto de educação baseado em escolas técnicas ditas “profissionalizantes”, cujo mote é formar os/as estudantes para o trabalho assalariado, ou melhor, formar a sua força de trabalho para o mercado (Antunes, 2017, p. 02).

Antunes (2017) mostra que essa era a escola ideal fordista, promotora do desmembramento entre conceito, teoria e reflexão (o trabalho intelectual), de um lado, e prática, aplicação e experimentação (o trabalho manual), de outro.

A lógica fordista durou, de forma hegemônica, até aproximadamente os anos 1960 nos países de capitalismo avançado (Antunes, 1999). No entanto, a produção em massa fordista e o padrão rígido de gestão do trabalho passaram a não mais responder às exigências postas ao capital para sua reprodução. Inicia aí a crise do fordismo (acumulação rígida) e o surgimento da acumulação flexível (toyotista), importada do modelo japonês de produção. Em outras palavras, a rigidez do padrão fordista teve que dar lugar à flexibilidade do toyotismo, modificando estruturalmente o mundo do trabalho, a subjetividade do trabalhador e a própria noção geral de educação adequada aos novos tempos (Antunes, 1999).

No toyotismo, iniciado didaticamente após os anos 60, mas principalmente a partir da década de 70, houve uma inversão da lógica fordista. No modelo japonês toyotista, a produção em massa passa a dar lugar a uma produção flexível, setorial, por escopo e sob demanda. No

lugar do trabalho braçal e não criativo, emerge a figura do trabalhador polivalente, flexível, multitarefeiro, engajado etc. (Antunes, 1999). Não que o toyotismo vá romper efetivamente com a lógica parcelar entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, mas a partir dele o trabalhador passa a não ser um mero apêndice da máquina. Exige-se, no toyotismo, algo que o fordismo tentou abafar, isto é, o envolvimento subjetivo e criativo do trabalhador com os processos de trabalho. Enquanto o fordismo esperava do trabalhador a mera repetição de tarefas, o toyotismo exigiu criatividade, envolvimento e superação. Assim,

O “trabalho polivalente”, “multifuncional”, “qualificado”, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas empresas terceirizadas, tem como finalidade a redução do tempo de trabalho. De fato, trata-se de um processo de organização do trabalho cuja finalidade essencial, real, é a da intensificação das condições de exploração da força de trabalho, reduzindo ou eliminando em muito tanto o trabalho improdutivo, que não cria valor, ou suas formas assemelhadas, especialmente nas atividades de manutenção, acompanhamento, inspeção de qualidade, funções que passaram a ser diretamente incorporadas ao trabalhador produtivo (Antunes, 2008, p. 45).

Na lógica toyotista, a transferência das responsabilidades de elaboração e controle da qualidade da produção, anteriormente realizadas pela gerência científica, passa a ser interiorizada na própria ação dos trabalhadores (Antunes, 1999). Surge, então, a necessidade real de um novo trabalhador, mais integrado, criativo e adaptado ao novo regime de acumulação capitalista.

A apropriação das atividades intelectuais do trabalho, que advém da introdução de maquinaria automatizada e informatizada, aliada à intensificação do ritmo do processo de trabalho, configuraram um quadro extremamente positivo para o capital, na retomada de seu ciclo de acumulação e na recuperação da sua rentabilidade (Antunes, 2008, p. 47).

Deste modo, para Antunes (1999), essas formas de gestão do trabalho trazem consequências imediatas para a classe trabalhadora. A classe trabalhadora passa a viver uma maior heterogeneização, complexificação e fragmentação, tendo como seqüela direta a precarização e a intensificação do trabalho. Deste modo, cria-se, o trabalhador polivalente e multifuncional da era informacional, capaz de exercitar com mais intensidade a dimensão intelectual do trabalho, mas, por outro lado, mantendo uma massa de trabalhadores precarizados e sem qualificação, vivenciando as formas de trabalho em *part-time*, emprego temporário, parcial, ou então no drama do desemprego estrutural (Antunes, 2008). Contudo, mesmo no

toyotismo a “alienação ou, mais precisamente o estranhamento do trabalho encontra-se, em sua essência, preservado”, já que, ainda que minimizado pela redução da separação entre a elaboração e a execução, a “subjetividade que emerge na fábrica ou nas esteiras produtivas de ponta é expressão de uma existência inautêntica e estranhada” (Antunes, 2008 p. 55). Isso tem, é claro, efeitos na constituição da educação profissional.

A empresa flexível só pode existir, então, com base no envolvimento, na expropriação do intelecto do trabalho. Por isso passou a ser comum exigir-se dos/as trabalhadores/as não apenas a execução de variadas tarefas (operação e manutenção dos equipamentos, limpeza e organização do local de trabalho, controle de qualidade etc.), como ainda a responsabilidade de se reunir continuamente com a gerência sugerindo melhorias nos processos de maneira a cortar estoques e elevar a produtividade. É neste novo universo produtivo que se reconfigura o problema da educação nesta nova fase do capital. [...] Em termos de uma educação formal, habilidades intelectivas como selecionar e relacionar informações em vários níveis de complexidade, desenvolver conhecimento por simbolização, acesso a recursos de informática e o domínio, ao menos básico, de línguas estrangeiras, passaram a ser exigências à medida que o uso de equipamentos de alta precisão técnica foi cada vez mais difundido. Daí a importância da ampliação da escolaridade em nível básico e mesmo em nível superior, complementada por cursos de capacitação que ofertem saberes-fazeres técnicos específicos demandados pelo mercado de trabalho, geralmente oferecidos nas modalidades à distância. Em termos de qualificação profissional, passou a ser demandada aos/as trabalhadores/as maiores experiências práticas nas atividades, o chamado “conhecimento tácito” (Antunes, 2017, p. 7-8).

Por conseguinte, conforme exposto acima, na educação toyotista, ainda que propagadas a criatividade e a autonomia do trabalhador, permanece o trabalho alienado, cooptado, sequestrado pela lógica do capital. O trabalhador, mesmo qualificado e criativo, ainda vive alienado, separado dos meios de produção. Daí que Antunes (1999) afirma que a centralidade do trabalho deve ser um elemento fundante e estruturante do processo de sociabilização humana, dotando a vida de sentido (dentro e fora do trabalho). Assim, a atividade laborativa, distante da lógica opressora do capital, permitiria uma vida cheia de sentido muito próxima da criação artística, transformando-se em elemento humanizador. Todavia, sob relações capitalistas, ocorre justamente o contrário: a predominância do trabalho sem sentido e amarrado a opressão do capital.

[...] uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará

maculada pela desefetivação que se dá no interior da vida laborativa (Antunes, 2008, p. 57).

Antunes (1999; 2008; 2017), ao criticar o trabalho alienado no fordismo e no toyotismo, parte do mesmo pressuposto de Saviani (1989), para o qual a educação deve ser um instrumento de emancipação dos indivíduos para além da opressão do modo de produção capitalista. Ambos partem da crítica da educação produtivista, alienada e refém da ordem vigente. Ambos vislumbram outra ordem capaz de romper a dicotomia manual x intelectual e, assim, dotar o trabalho de sentido pleno para aquele que o realiza. Este sentido estaria na própria realização humana, para si, e não para outro (o capitalista).

Diante do exposto, eis a questão que se coloca: como pensar uma Educação Profissional e Tecnológica hoje, que seja capaz de tentar superar essa dicotomia coisificadora dos sujeitos? Aqui pensamos com Lottermann (2012) para o qual o *Currículo Integrado* faz parte de uma concepção de organização da aprendizagem que tem como finalidade oferecer uma educação que aprecie todas as formas de conhecimento produzidas pelo ser humano.

Trata-se de uma visão progressista de educação à medida que não separa o conhecimento acumulado pela humanidade na forma de conhecimento científico daquele adquirido pelos educandos no cotidiano das suas relações culturais e materiais. Por essa razão, possibilita uma abordagem da realidade como totalidade, permitindo um cenário favorável a que todos possam ampliar a sua leitura sobre o mundo e refletir sobre ele para transformá-lo no que julgarem necessário. Por se tratar da integração da formação básica com a formação profissional, o Currículo Integrado possibilita que os trabalhadores tenham acesso aos bens científicos e culturais da humanidade ao mesmo tempo em que realizam sua formação técnica e profissional. Esta formação se diferencia dos projetos vinculados aos interesses de mercado, uma vez que é bem mais que isso. É um ensino que pretende formar um profissional crítico, que seja capaz de refletir sobre sua condição social e participar das lutas em favor dos interesses da coletividade (Lottermann, 2012, p. 21).

Destarte, o currículo integrado rompe potencialmente com a lógica parcelar produtivista, buscando não somente a formação de trabalhadores ou sujeitos integrados ao *status quo*, mas principalmente a formação de indivíduos capazes de pensar o mundo concreto, real, vivido.

O currículo integrado é exatamente essa “tentativa de contemplar a compreensão macro do conhecimento e de promover maiores parcelas de *interdisciplinaridade* na sua construção” (Silva, 2016, p. 37, grifo nosso). A interdisciplinaridade, para Morin (2000), requer fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de *homo sapiens*.

Daí que, novamente destacando, o currículo integrado tem tido, nos Institutos Federais no Brasil, um desenvolvimento tanto quantitativo, quanto qualitativo de superação da educação produtivista e parcelar do fordismo, ou mesmo da falaciosa educação flexível do toyotismo.

Projetado a partir de uma perspectiva em que ciência, técnica, humanismo e política são inseparáveis, o currículo integrado encontrou nos então Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica, hoje Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, um de seus espaços de maior acolhida e experimentação. Foi e tem sido nesses locais que diferentes grupos de educadores e educadoras em seu labor cotidiano vêm colocando em prática, apesar dos inúmeros desafios enfrentados, o currículo integrado (Silva, 2016, p. 09).

Segundo Cunha *et al* (2020, p. 56), o cenário da educação profissional no Brasil foi reconfigurado nos últimos anos, permitindo uma aproximação do ensino médio regular com a educação profissional e tecnológica, união essa que foi, ao longo da história do país, muitas vezes negada, “ficando o ensino regular voltado para uma elite e o ensino profissional voltado à classe trabalhadora”. Para os autores acima, ao longo da história brasileira, a educação profissional teve uma base assistencialista voltada à educação daqueles considerados “pobres e desvalidos”. No entanto, a partir de 2003, os debates a respeito da integração do ensino médio e o ensino profissional, com um caráter *politécnico* de formação humana integral, voltaram a ganhar espaço. É preciso destacar que “uma formação centrada na politecnia envolve não apenas o domínio dos conhecimentos gerais, mas também o domínio prático e teórico do saber atrelado ao processo produtivo (Cunha et al, 2020, p. 60).

Deste modo, com a Lei nº 11.892² de 29 de dezembro de 2008, foi criada a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, isto é, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), definidos “como instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino” (Cunha et al, 2020, p 59).

Logo, com a expansão do currículo integrado, entende-se, segundo Castro (2019, p. 51), a necessidade de uma pedagogia organizada a partir “do saber objetivo já sistematizado; da articulação entre os conhecimentos gerais e específicos; da concepção do sujeito como um ser histórico-social concreto, do trabalho como princípio educativo, da relação entre o trabalho, a

² LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm: Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

ciência, a cultura e a tecnologia; da reflexão do contexto social; e da sociedade que queremos para o futuro”. Não obstante, há uma ressalva:

O currículo integrado, enquanto plano pedagógico, traz importantes contribuições no âmbito da educação profissional, principalmente do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio. [No entanto,] satisfazer-se com a simples presença de disciplinas gerais e técnicas na grade curricular, e assim considerar como currículo integrado, pode empobrecer os processos de ensino e de aprendizagem que levem em conta a formação integral do sujeito (Volkweiss, 2018, p. 74).

Diante disso, concordamos com Bezerra (2020) quando afirma que o Currículo Integrado se trata de uma proposta formativa relativamente nova, complexa e ainda de difícil materialização no contexto brasileiro. No Brasil, tem sido dominante a perspectiva técnica de formação com o objetivo restrito de garantir mão-de-obra ‘qualificada’ e barata a partir da “inclusão” das camadas mais pobres da população. Assim, fica evidente a dificuldade de uma proposta educacional (crítica, humanista, integrada e emancipadora) cujo objetivo não corresponda diretamente aos interesses restritos do mercado de trabalho (Bezerra, 2020).

Portanto, segundo Volkweiss (2018, p. 87), para a real existência do currículo integrado, são necessárias ações efetivas voltadas ao desenvolvimento multidimensional dos sujeitos da escola. É preciso “cultivar um currículo feito por pessoas e para elas mesmas, num dado momento social-histórico, considerando a sinergia do coletivo em questão, seus anseios, proposições, responsabilidade social, política e ambiental”, investindo em um projeto que destaque o sujeito em si, nas suas relações e no seu lugar nos “novos tempos” competitivos do mundo do trabalho.

Esses novos tempos – de ‘curto prazo’ (Sennett, 1999) e de ‘modernidade líquida’ (Bauman, 2001) – requerem do sujeito uma educação proativa, reflexiva e adaptada ao novo mundo do trabalho. Assim, a educação profissional e tecnológica tem sido redescoberta como um campo de estudos para além de seu histórico caráter classista.

Vale lembrar que, segundo Campello (2009), no Brasil a oferta de escolas de formação profissional sempre esteve voltada para o atendimento de populações com diferentes origens e destinação social: os mais pobres, isto é, aqueles sem capital econômico e cultural no qual a escola termina sendo uma instância de reprodução da ordem dominante (Bourdieu; Passeron, 1992). Assim, para Campello (2009), durante muito tempo o atual ensino médio no Brasil ficou restrito àqueles que prosseguiriam seus estudos no nível superior, enquanto a educação profissional era destinada aos mais pobres.

Tal educação profissional, essencialmente voltada aos mais pobres, tinha o objetivo de manter a estrutura de classes, tendo as classes médias e elites o acesso ao ensino científico, enquanto as classes trabalhadoras ficavam restritas à educação técnica. Ao ensino técnico cabia a reprodução dos saberes manuais, braçais e rotineiros (sem prestígio e pouco desejados), típico da mentalidade colonial aqui imposta (Freyre; 2006; Holanda, 1995; Prado Jr, 1953).

Isto nos permite depreender e sustentar que a classe burguesa brasileira, de cultura e mentalidade escravocrata e colonizadora e historicamente associada e subordinada à classe burguesa dos centros hegemônicos do capitalismo, impediu, por diferentes mecanismos, a universalização da educação escolar básica (fundamental e média), pública, laica e universal, mesmo nos limites dos interesses de um capitalismo avançado. Ou seja, a burguesia brasileira nunca se colocou de fato o projeto de uma escolaridade e formação técnico-profissional para a maioria dos trabalhadores para prepará-los para o trabalho complexo que a tornasse, enquanto classe detentora do capital, em condições de concorrer com o capitalismo central (Frigotto, 2007, p. 529).

Diante disso, por décadas a educação técnica profissionalizante gozou deste baixo prestígio intelectual, já que esteve atrelada ao *modus operandi* do trabalho que as elites e classes médias não queriam realizar. Por conseguinte, um ranço histórico tem acompanhado essa mentalidade do trabalho técnico como algo inferior, de menor valia, menos prestigiado.

Como destaca Santos (2018), trata-se da construção social e histórica que acompanha a compreensão de pobreza, comumente relacionada à ideia de ignorância, perigo e inutilidade. Essas diferenças apresentadas na organização social se institucionalizaram claramente nas propostas educacionais que separaram uma escola para os pobres e outra para as classes dirigentes. Enquanto a segunda prepara seus descendentes para o comando (trabalho pretensamente nobre, digno), para ocupar os melhores cargos e perpetuarem a posse dos bens, à primeira é oferecida uma educação que garante minimamente o conhecimento necessário para o domínio das habilidades indispensáveis ao trabalho produtivo, fundamental para manutenção dos benefícios da elite (Santos, 2018).

Assim, esta dualidade entre ensino técnico e ensino científico ainda persiste, já que o modo de produção capitalista intensifica as desigualdades e contradições econômico-sociais. Não obstante, a EPT tem se reestruturado dinamicamente. Inclusive nas Universidades já ocorre certa tecnificação curricular. Por exemplo, Cursos Superiores de Tecnologia (CST), de curta duração (2 anos), têm se expandido na educação superior. Além disso, a expansão dos Institutos Federais e escolas profissionalizantes também tem contribuído para a mudança desse quadro de estigmatização da educação técnica. Assim, o aumento nos níveis de desemprego (Pochmann,

2002) e a enorme precarização do trabalho e suas formas de subemprego, subcontratação e uberização do trabalho (Slee, 2017) têm tornado a educação tecnológica de curta duração³ um mecanismo mais dinâmico para o mercado de trabalho. No mais, como não é somente o “diploma” que impera como diferencial de mercado, mas, sobretudo o custo de contratação da força de trabalho barata, a educação tecnológica passa a ser uma opção interessante tanto para aqueles que não querem entrar numa universidade, quanto para aqueles que têm menos acesso efetivo.

Aqui partimos, segundo Oliveira, Xavier e Silva (2020), da premissa histórica de que a EPT fez parte do projeto brasileiro de consolidação do Estado republicano mediante o avanço controlado da educação, não somente em termos quantitativos e geográficos, mas, e principalmente, de doutrinação sociopolítica, cívico-religiosa e linguístico-consuetudinária. Diante disso, a educação profissional e tecnológica forçosamente tinha que passar por considerações sobre a inclusão e integração dessa massa subordinada na normalidade econômica, jurídica e política da nação em fermentação tensa (Oliveira; Xavier; Silva, 2020).

A Educação Profissional no Brasil [...] representa desde sempre um espaço privilegiado para a compreensão das relações educacionais e de trabalho constituintes da História da Educação no Brasil, de modo geral, e, mais especificamente, das relações, muitas vezes conflituosas, entre ensino, profissionalização, formação e tantos outros construtos conceituais e teóricos envolvidos no que se convencionou chamar Educação Profissional e Tecnológica (EPT) (Oliveira; Xavier; Silva, 2020, p. 11).

Indo nesta toada e além dela, a educação profissional e tecnológica está inserida em um cabedal complexo e nebuloso de disputas e empreendimento políticos e morais pela condução das potencialidades do enorme e populoso território brasileiro. Educar as massas para o trabalho digno, para o desenvolvimento econômico e técnico-científico e para a cidadania, com efeito, permanece como uma das maiores dívidas do processo de formação do Estado nacional. Dívida esta que se arrasta desde o século XIX e que atualmente se apresenta como aglomerado de ações voluntaristas, projetos circunstanciais e discursos oportunistas. Portanto, com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) precisamos urgentemente ampliar no Brasil referenciais para

³ “[...] a expansão e profissionalização do ensino superior possibilitou acesso a esse nível de ensino a pessoas que dificilmente o teriam. Ademais, se percebeu os CST’s [Cursos Superiores de Tecnologia] como cursos mais focados em atividade operacionais da área, que vêm atender uma demanda do mercado de trabalho, formando profissionais especialistas, em tempo reduzido e a custos baixos. Contudo, verificou-se que o ensino superior acaba servindo como máquina de triagem, formando profissionais para atender às necessidades do mercado de trabalho, mas não possibilitando maior mobilidade social. São diplomas que fornecem acesso fácil ao mercado de trabalho, mas que são limitados nas chances que disponibilizam de evolução na carreira, posteriormente” (Martins; Rocha-de-Oliveira, 2017, p. 21).

“ultrapassar a disciplinarização autista do ensino de ‘conteúdos’ descontextualizados, mas também a reprodução cega da lógica epistemológica que exclui sistematicamente o trabalho, a técnica e os saberes do trabalho e do trabalhador” (Gruber; Allain; Wollinger, 2019, p. 09).

Destacamos com Frigotto (2016) que a formação profissional da classe trabalhadora e, conseqüentemente, a forma como operam as políticas reproduzidas pela lógica da ciência burguesa que as concebe, só podem ser entendidas por meio da “[...] compreensão da dialética materialista histórica como concepção da realidade em todas as suas dimensões da vida social, método de captar como ela se produz e a práxis transformadora” (Frigotto, 2016, p. 36). Assim, o professor e sua compreensão crítica do contexto social em que sua atuação ocorre de forma transformadora, não pode se limitar ao que ocorre dentro das quatro paredes das salas de aula. Deve analisar as interferências sociais de âmbito mais geral do contexto educacional (Silva; Cruz, 2020).

Igualmente mudanças têm sido operadas também em relação às transformações pedagógicas nas concepções da EPT, em parte tentando driblar as armadilhas classistas da reprodução da dualidade entre pensar e fazer, entre o científico e o operacional. Não obstante, apesar dessa expansão, é importante mencionar que muitas vezes essa formação técnica se faz às custas de uma exigência do capital, cuja formação do trabalhador adequada à flexibilidade do processo produtivo e da acumulação é incompatível com a educação politécnica⁴ e de escola unitária⁵. A escola dual recebe, neste contexto, novas determinações. A escolaridade e o tipo de qualidade de educação para classe trabalhadora terminam sendo com menos tempo, conteúdo aligeirado mais restrito (tecnicista) e mais barato (Frigotto, 2007).

Mesmo assim, segundo Cunha *et al* (2020), o cenário da educação profissional no Brasil foi reconfigurado nos últimos anos, permitindo uma aproximação do ensino médio regular com a educação profissional e tecnológica, união essa que foi, ao longo da história do país, muitas vezes negada, ficando o ensino regular voltado para as elites e classes médias e o ensino profissional voltado à classe trabalhadora. Assim, a partir de 2003, os debates a respeito da integração do ensino médio e o ensino profissional, com um caráter *politécnico* de formação humana integral, voltaram a ganhar espaço. Eis o que aqui estamos discutindo: o ensino profissional a partir das condições concretas em que se impõe no Brasil.

⁴ Para Frigotto, a educação politécnica deve estar fundamentada numa tentativa de fazer do trabalhador alguém que tenha variados tipos de conhecimentos para que possa atuar em diversas áreas. Assim, a formação tecnológica ou politécnica se encontra em oposição a educação neoliberal focada numa escola instrumental e fragmentária para a preparação exclusiva de trabalhadores (Queiros, 1996).

⁵ “A escola unitária refere-se a uma base de conhecimentos técnico-científicos e de conhecimentos universais promovendo, assim, a interdisciplinaridade em contraposição a uma dualidade defendida pelos neoconservadores” (Queiros, 1996, p. 440).

4. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: SUJEITOS, SIGNIFICAÇÕES E EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS

Iniciando a análise aqui realizada, os quadros a seguir (02, 03, 04 e 05) apresentam os pré-indicadores dos Núcleos de Significados (Aguia; Ozella, 2006), destacando palavras ou expressões com significados que nos revelarão, na próxima etapa, a possibilidade de compreender sentidos mais gerais permitidos entre a biografia do sujeito do campo e o contexto concreto de seu cotidiano.

Os quadros devem ser lidos como uma paisagem mais representativa das falas proferidas pelos estudantes entrevistados. Não expressam uma tabulação linear de tudo o que disseram, mas momentos significativos de nossa conversa/entrevista, revelando suas expectativas, medos, incertezas, dúvidas etc.

Analisamos brevemente cada quadro de pré-indicadores separados por blocos de duas variáveis de sentido, indicando trechos de falas capazes de servir como gatilhos formadores dos sentidos e significações construídas pelos informantes da pesquisa. O quadro 02 abaixo aborda o diagnóstico situacional da escolaridade e ocupação profissional da família dos entrevistados.

Pré-indicadores
1) Família e escolaridade 2) Família e ocupação profissional
“O meu pai foi aquele pessoal que colocava ferro nos prédios [ferreiro]. Minha mãe é doméstica” (Informante 01).
“Meus pais foram servidores públicos. Cargo comissionado. [Estudaram] até o ensino fundamental I” (Informante 02).
“Meu pai era açougueiro”. [Eles concluíram o ensino médio?] “Minha mãe sim. Meu pai não” (Informante 03).
“Meu pai é pedreiro. Minha mãe trabalha em negócio de brechó [...] Não concluíram o ensino médio”. (Informante 04)
“Minha mamãe, ela não fez, só tem o primeiro grau. Papai era comerciante”. Eles concluíram o ensino médio? “Não, só o primeiro mesmo”. (Informante 05)

“Meu pai adotivo, ele é cabeleireiro. Ele tem um salão. [...] Eu não tenho contato com minha mãe. Ela me abandonou eu tinha 45 dias de nascida” (Informante 06)
“Minha mãe é funcionária pública, aposentada, servidora pública auxiliar de serviço. E meu pai era vigilante federal da UFPB” (Informante 07)
“Os meus pais foram agricultores”. [Seus pais concluíram o ensino médio?] “Não, não estudaram” (Informante 08)
“Minha mãe era doméstica, meu pai era mestre de obra”. [Seus pais concluíram o ensino médio?] “Não, minha mãe tinha só a terceira série e meu pai era analfabeto” (Informante 09)
“Meus pais são aposentados [...] São agricultores”. [Seus pais concluíram o ensino médio?] “Não”. (Informante 10)
“Meus pais foram agricultores, depois foram feirantes, mercado central”. [E eles concluíram o ensino médio?] “Não. Então, só a quarta série”. (Informante 11)
“Minha mãe foi mochileira e meu pai motorista de carro, de madame... teve que ser várias pessoas”. [E seus pais concluíram o ensino médio?] “Não, não. Eles estudaram na quinta série, quarta série, quarta série” (Informante 12)
“Minha mãe é doente, meu pai trabalha”. [Seus pais, sua mãe e seu pai concluíram o ensino médio?] “Acho que não” (Informante 13)
“Meu pai trabalha com comunicação visual e minha mãe trabalha com salão de beleza”. [Seus pais concluíram o ensino médio?] “Minha mãe sim, meu pai não”. (Informante 14)

Quadro 02: Pré-indicadores 1 e 2
 Fonte: Pesquisa de campo da autora

O quadro 02 acima apresenta dois pré-indicadores (1 e 2): um relativo à escolaridade familiar, outro pertinente a ocupação profissional dos pais, cujas variáveis expressam as trajetórias educacionais e laborais das famílias desses estudantes, isto é, seus capitais cultural, simbólico, social e econômico (Bourdieu; Passeron, 1992). É exatamente a posse desses capitais – diplomas, aquisição de livros, arte e cultura em geral – e a reprodução simbólica das famílias que estruturam os projetos de vida dos filhos pautados na lógica escolar formal. A ausência desses capitais, por sua vez, faz com que os estudantes não percebam o investimento educacional como algo positivo, abandonando ou mesmo concluindo a educação básica sem uma formação de qualidade.

Verifica-se nas falas presentes no quadro 02 um perfil socioeconômico e educacional bastante homogêneo, isto é, famílias que se reproduzem material e simbolicamente com baixa instrução escolar formal e que realizam trabalhos subproletariados (Antunes, 1999). Podemos dizer, por conseguinte, que disso resulta que as condições materiais e subjetivas destes alunos

fazem parte daquilo que Bourdieu e Passeron (1992) entendeu como *Reprodução*, na qual a herança familiar e as condições da escola, herdadas na família e aprofundadas pela instituição escolar, têm um forte peso no futuro dos filhos. Muitos terminam não rompendo essa lógica de classes, tendendo a reproduzir a realidade cotidiana dos pais e se ocupando em condições parecidas. O capital escolar e econômico dos pais se reproduz no cotidiano objetivo e subjetivo dos filhos, independente da faixa etária, reproduzindo, com forte possibilidade, o mesmo esquema perceptivo da realidade. No quadro acima, infere-se predominantemente que os pais estudaram somente até o ensino fundamental, tendo alguns casos de ensino médio incompleto. As falas dos entrevistados 4 e 9 mostram bem essa lógica reprodutiva de classes:

“Meu pai é pedreiro. Minha mãe trabalha em negócio de brechó [...] Não concluíram o ensino médio” (Informante 04).

“Minha mãe era doméstica, meu pai era mestre de obra [...] Minha mãe tinha só a terceira série e meu pai era analfabeto” (Informante 09).

Verifica-se ainda nos discursos acima a presença de pais e mães que se ocupam como agricultores, pedreiros, motoristas, vigilantes, trabalhadoras domésticas etc., todas ocupações com baixo nível educacional, conforme dito nas entrevistas. Como já dito, poucos concluíram o ensino médio. Eis que, conforme já discutido nos capítulos anteriores, percebemos o quanto a lógica de classes se faz presente na continuidade dos estudos das classes trabalhadoras. Enquanto as efetivas classes médias e as elites enviam seus filhos para as universidades, as classes populares não estudam ou estudam tardiamente em cursos técnicos e/ou EJA. Os dados acima são ilustrativos: a reprodução de classes é visível dentre nossa amostra qualitativa de 14 informantes. Logo, as percepções e expectativas desses sujeitos se dão num quadro muito particular de orientação projetiva, seja sonhando – sem base concreta, realista – com um futuro melhor, seja colocando certos limites quanto ao que se deseja (o famoso ditado que diz: *isto não é para mim*). Não obstante, os entrevistados apontaram os aspectos do prestígio de estudar (fato roubado na fase esperada da vida) ou mesmo aspectos financeiros de emancipação.

O Mapa Mental a seguir ilustra, através de uma representação visual, a escolaridade e a ocupação laboral dessas famílias:

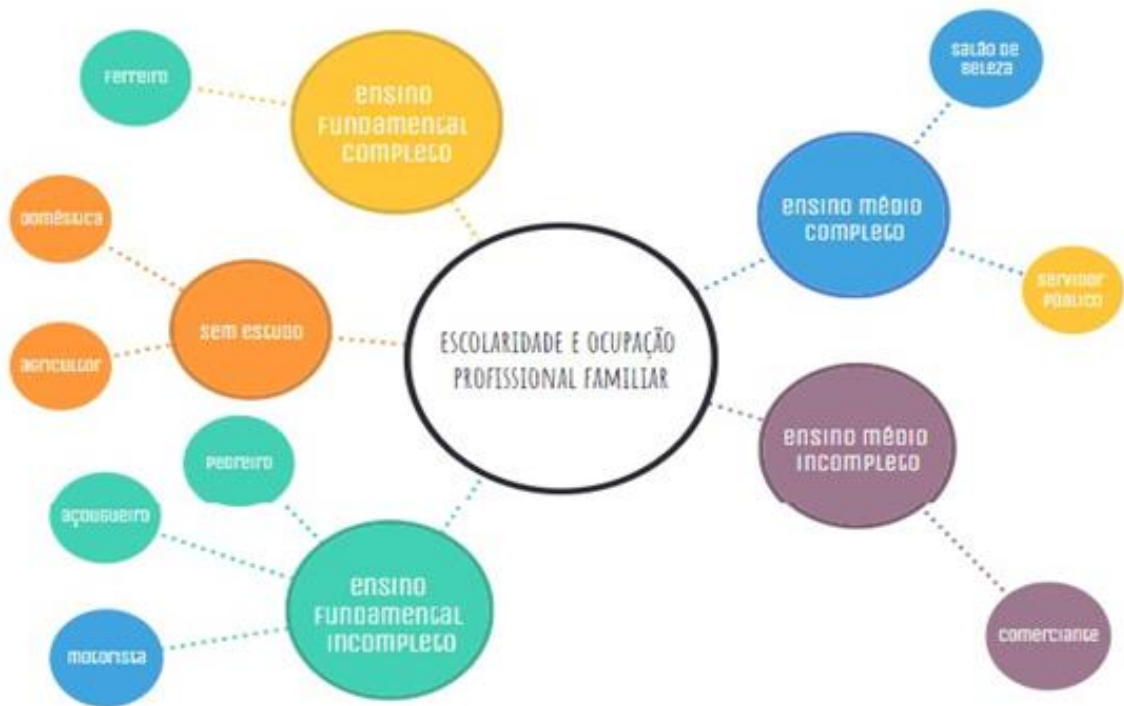


Imagem 01: Mapa Mental: Escolaridade e Ocupação Profissional Familiar

Fonte: Da autora.

O mapa mental acima é ilustrativo de como o cotidiano educacional e profissional dessas famílias, reproduzido por estruturas de poder e de dominação de classes, termina limitando o alcance de horizontes projetivos mais ousados para além do ensino técnico. Logo, o quadro 03 a seguir mostra os pré-indicadores 3 e 4, destacando essas esperanças e as motivações para a escolha do curso técnico e suas respectivas expectativas em relação ao curso de eventos.

Pré-indicadores

3) Motivações para a escolha do curso

4) Expectativas em relação ao curso técnico

“Eu sempre gostei dessa parte de eventos, como aniversário, festa, casamento, e eu queria aprender mais um pouco, aprofundar mais. Aí por isso que eu escolhi mais o evento. [...] Pretendo trabalhar, se eu tiver oportunidade. Pretendo. [...] É muito bom. É bom. Abre oportunidades” (Informante 01)

“A expectativa de aprender, né? De aprender, não é quem sabe lá na frente o que pode acontecer. Uma grande obra, e nessa obra o evento tá incluso, aprendizado pelo tempo que passei aqui aprendendo” (Informante 01)

“Rapaz, para não ficar parada. Eu disse ‘eu vou’. Aí quando o pessoal disse, não eu vou ficar parada também. E também para ficar em casa fazendo o quê? Eu vou ficar com a mente cheia e eu quero estudar, eu preciso estudar, então eu vim. [...] Foi de não ficar em casa acomodada. [...] Não, é porque assim, eu não conseguia entrar, eu já tinha feito umas provas pra poder entrar aqui muito tempo atrás. Não conseguia entrar, meu sonho era entrar aqui no IFPB. Aí depois passando eu disse “é a faculdade igual a qualquer uma”. Aí eu me liguei. Aí quando apareceu esse curso, essa oportunidade, pronto. Aí eu agarrei, né?”
(Informante 02)

“Rapaz, eu trabalho em eventos. Mas aí é a parte de serviços gerais. [...] Pra quem realmente gosta da organização, de trabalhar, é maravilhoso, né? Porque assim, tem vários direcionamentos, né? Eventos, né? Não fica focado só naquilo ali, não. Eles direcionam para vários setores também, né? Tem a parte da organização, tem a parte... Tem coisa que a gente nem sabe, mas tem. Parte administrativa, que tudo entra... Porque tudo entra, é administrativa, a organização do evento, como é que... Direciona para vários setores, né?”
(Informante 02)

Eu escolhi estudar no IF porque eu fiz um curso aqui primeiro de microempreendedorismo individual.

A melhor era a primeira coisa. Aí, através desse curso, eu fui sabendo que tinha, nesse... É, para concluir os estudos, né? Eu queria concluir não tanto pelo curso em si, eu queria concluir mais para fazer o ensino superior futuramente. E eu queria no método normal, porque quando fazia muito tempo que eu não tinha estudado, aí eu queria rever algumas coisas que eu não tinha visto no passado, né? Não tinha esquecido [...] porque, como eu estou dizendo, eu escolhi, não por causa do curso em si, mas sim para concluir o ensino médio, do método normal (Informante 03)

Acho que hoje em dia... valorizado porque tem muito evento. Até o final. Já deu vontade até de desistir assim, mas... É, no caso de não cansaço. Tantas obrigações que eu já tenho no dia a dia, né? Fora aqui. Mas vou até o final. (Informante 03)

Assim, sempre foi meu sonho, quando eu passava na frente, eu queria, um dia vou estudar. Aí teve a entrevista, uma oportunidade, aí eu passei e estou aqui até hoje. [...] Assim, eventos porque eu gosto de festa. Tipo assim, eu não tinha noção. Esse curso abriu a minha mente. (Informante 04)

Aí eu fiz esse curso, tive mais noção, e assim, eu trabalho e não trabalho. Só que quando eu tenho um dinheirinho extra, aí eu vou ali encomendo uma torta e vendo as fatias, já é um dinheirinho extra. Aí eu tô pensando de vender e o meu menino já investindo no meu negócio pra mim. Abrir o negócio pra mim, pra vender torta. Eu já vendi já aqui as meninas gostou. Aí estou só esperando as condições melhorar, pra eu vender de novo. (Informante 04)

Porque aqui é bom, né? É federal, né? Coisa boa, pode ser um bom emprego. Estou desempregada. Porque eu trabalho com minha sobrinha. Eu faço aniversário com ela. A gente faz decoração de aniversário. Por isso que eu escolhi este curso. (Informante 05)
Eu pretendo com ela, a gente tá pretendendo abrir nosso negócio. (Informante 05)

Além de ser um instituto federal que abre portas, além de ter renome, eu acho que ele abriu uma oportunidade na minha vida que eu não enxergava em outras instituições. Além de ter um apoio não só sobre os professores e a coordenação, eles são muito atenciosos na parte de aprendizagem, eles focam bastante nisso. Então, foi algo importante para mim. (Informante 06)

Eu já ajudei em eventos, eventos diversos como festas de aniversário, eventos da igreja, essas coisas... É uma área que instiga, porque é uma área que mexe muito com o manual, muito com organizacional, com a mente. Você precisa estar muito centrado pra estar na frente de um evento. Dependendo do evento, isso custa muito do seu tempo e do seu intelecto. (Informante 06)

É uma área bem diversa. Eu digo por conta própria, quem se forma na área de evento muito dificilmente fica desempregado. Porque você pode ajudar na área de evento, na área da cozinha, pode ajudar na parte cinematográfica, pode ajudar na parte de cuidar, de estar frente do evento só cuidando, só instruindo as pessoas. É uma área muito diversificada para você trabalhar. (Informante 06)

Bom, meu pai trabalhou aqui, então eu praticamente cresci aqui dentro, né? Eu sempre fui apaixonada pelo IF e também pela UF, né? Depois ele trabalhou quase 10 anos aqui, depois foi pra UFPB. E eu cresci dentro desse mundo, eu sempre ficava encantada vendo as estudantes, né, passando pra lá e pra cá como criança. E quando eu cresci... que era a época de fazer um curso técnico, foi quando eu engravidei e não pude continuar a estudar. Mas, quando eu descobri que tinha essa possibilidade de fazer o EJA, eu corri atrás. (Informante 07)

Eu sempre quis me manter nessa área de eventos. Foi nisso que eu cresci, praticamente. Eu passei minha vida inteira dentro de eventos, só que na parte de fora, só como cantora. Nunca fui de botar a mão na massa. E eu sempre fui encantada pelos eventos. A questão de organizar eventos, eu sempre achei lindo o papel do cerimonialista... os eventos, sempre me encantou demais.

Cerimonialista no Sebrae, eu não lembro se foi no Sebrae ou se foi no Sesc. é... como é? Senac... foi um dos dois... quando eu vi caríssimo, mas só tipo oratória cerimonialista, mas de técnico em eventos não nunca encontrei em canto nenhum. Aí quando eu soube que estava tendo inscrição para o IFPB para ensino médio e técnico aí eu procurei para o curso de turismo, aí eu descobri que o curso de turismo eu também não podia fazer, porque só faz o curso de turismo quem já trabalha na área. Aí pesquisando e pesquisando e pesquisando, encontrei do nada o curso de eventos. (Informante 07)

Aí fui abrir o Instagram. O meu Instagram... Aí tinha a página do IF. E estava falando assim, Proeja, jovens e adultos, não sei o quê. Tinha até uma mulher falando “venha, estamos com vaga [...] O motivo foi que eu trabalhei em uma época... como garçõete de um buffet. E eu me identifiquei com o meio. E eu tinha muita vontade. Eu fiz um curso de garçõete, um curso de manipulação de alimentos, para agregar nesse trabalho que eu estava. Era freelancer, mas como eu gostava ali e recebia também bem, eu fiz. Eu tinha muita vontade de fazer esse curso de eventos. (Informante 08)

Para falar a verdade, eu nunca nem imaginei que eu ia conseguir estudar aqui. É porque eu sou tipo... Vovó festeira. (risos). Entendeu? Eu faço as festas dos meus netos, eu decoro, faço lembrancinhas. Eu gosto de festejar. Entendeu? Por exemplo, teve um evento aqui que primeiro foi lá no TRT ou TRE, não lembro direito, TRE. E eu fiz o bolo fake pra decoração. Foi. No período de junino. (Informante 09)

É o que eu desejo, né? Porque assim, eu vou fazer o curso só pra fazer? Não. E também porque assim, o curso não só... Eu vejo assim, sabe, esse curso, ele não só esclarece como a gente se comporta, porque ele tem essa parte, sabe? A professora diz assim, assim, a parte... que você tem que mostrar que você é capaz de realizar aquilo ali, está entendendo? E também de que você não vai retroceder. A professora ... ela passa muitas coisas interessantes para a gente que é bom a gente concentrar. Concentrar, não é? está entendendo? (Informante 09)

Para concluir meu ensino médio completo, que eu não concluí ainda, parei no ensino médio no primeiro ano, só que eu quero terminar logo, em nome de Jesus. [...] Porque é importante para dar experiência a coisas como festas de casamento, para você abrir seu próprio negócio também.

Tendo oportunidade, eu pretendo. (Informante 10)

Porque o IFPB é o IFPB né? É uma escola renomada. É uma escola renomada que abre portas, né? Abre caminhos. Aqui é uma escola de referência, né? Por isso também, porque esse curso de eventos, a gente tem um curso de referência, né? gratuito, só tem aqui no IFPB, não tem em outro lugar. Se quiser fazer em outro lugar, tem que ser particular. (Informante 11)

É o meu sonho mesmo é gastronomia. Aí eu já fiz ENEM, mas não consegui porque é caro, aí o desconto foi pouco, porque eu tirei nota de baixa. Aí eu decidi também esse curso de eventos (Informante 11)

Sim, eu estava estudando o curso de empreendedorismo e me falaram que tinha outros cursos. Tinha o de secretariado, que é dois anos, e tinha esse de eventos. Eu estava na cidade, tinha o de secretariado, é mais para a gente jovem. Aí eu pesquisei no YouTube, sabe? Que era Eventos, eu não sabia. Mas tem várias áreas, tem muito... é muito bem diversificado, né? E, quando comecei, disse que estava no caminho certo mesmo, porque faz o cumprimento com a minha de vendas, porque é lidar com o público, é serviço, entendeu? Então, é isso.

Ele é bem grandioso, sabe? Quando eu já estive num salão de festas, acho que foi no mês de agosto, foi ótimo, uma experiência maravilhosa. A professora está para levar a gente no hotel. Então, são experiências muito gratificantes, aprendizagem ótima. (Informante 12)

Porque eu sempre tive vontade de vir estudar aqui, porque eu achava que só quem estudava aqui eram outras pessoas, mais ou menos assim. [...] esse já é o segundo curso, eu já fui qualificar mais, progredi, aí terminei e agora estou fazendo esse. (Informante 13)

Assim, o motivo é para aprender mais, ter mais conhecimento. Assim, é bem dizer a mesma coisa que a pessoa tivesse na escola, porque tem matemática, português, tem todas essas matérias. Só que fala um pouquinho sobre eventos. Mas, só que assim... Não é que eu quero alguma coisa com o evento, é que eu quis fazer mesmo um curso mais para fazer, entendeu? Para ter mais conhecimento, saber mais das coisas. Mesmo que desista, quanto mais ter conhecimento, melhor. (Informante 13)

Não, muito não. Só inventei de fazer para não estar em casa. Mas, só que sabe a Deus lá na frente se eu vou...né. (Informante 13)

Porque é um ensino de qualidade, todo mundo fala, e aconteceu um, puxando para a EJA, que foi o seguinte, já era para ter terminado o ensino médio no ano passado, só que aí acabou acontecendo algumas coisas lá na escola, e aí acabou... não foi nem nada demais, foi só questão de matrícula, eu não estava gostando muito da escola, esse tipo de coisa. Aí eu resolvi não estudar lá mais, estava procurando outra escola. Aí meus primos estudavam aqui e me indicaram, aí eu vim. [...] Como eu falei agora, puxou mais para o lado do ensino médio, mas o lado de evento também me atrai bastante. Meu pai trabalhou com eventos, trabalha em alguns momentos, aí achei interessante (Informante 14)

Eu acho que é um mercado muito grande, mas não é tão fácil de você entrar. Por exemplo, eu terminando o curso hoje, eu acho que talvez, a minha perspectiva hoje, eu estou no segundo período, é de que talvez eu não consiga ingressar de imediato no mercado, mas é um mercado muito grande, sim. (Informante 14)

Quadro 03: Pré-indicadores 3 e 4
Fonte: Pesquisa de campo da autora

Percebe-se no quadro 03 acima, na exposição dos pré-indicadores 3 e 4, como o público apreende o curso e o mercado de eventos como uma “*oportunidade*”, chance essa muitas vezes negada ao longo de suas trajetórias biográficas como sujeitos periferizados, subalternos e subproletariados das classes trabalhadoras.

O fluxograma de palavras a seguir desenha o que está posto no quadro acima.

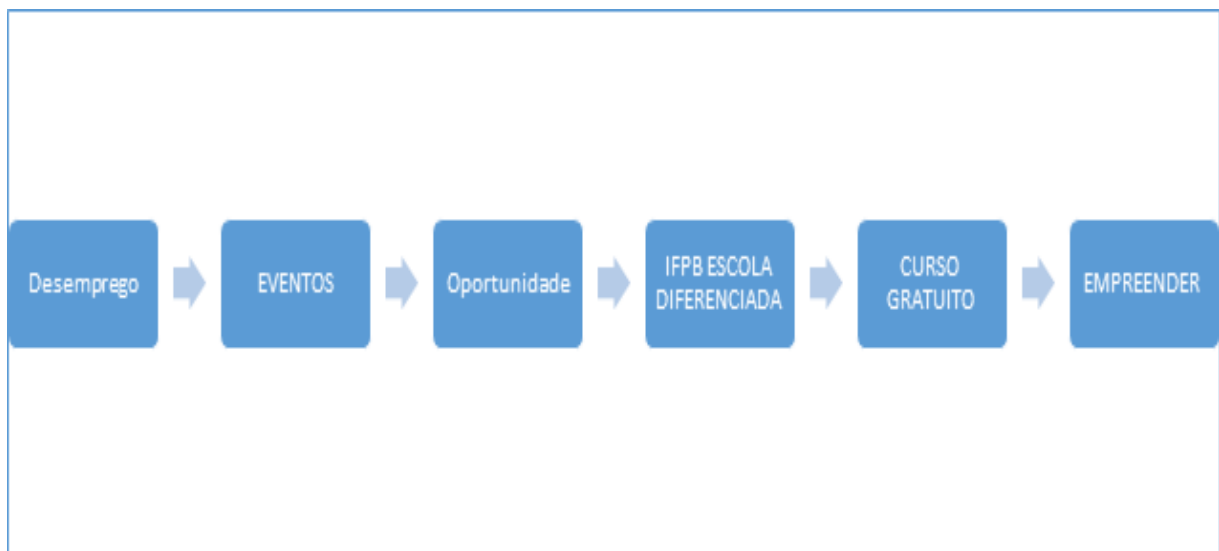


Imagem 02: Fluxograma de Palavras: motivações e expectativas

Fonte: Da autora.

Os relatos mostram um público que, através da oportunidade gratuita de obter formação técnica qualificada num Instituto Federal, almeja empreender na área de eventos. A palavra “oportunidade” foi uma das mais citadas nos relatos, revelando carência e a luta simbólica por espaços de atuação e visibilidade.

Trata-se de um público que ambiciona – independente do senso de realidade – empreender na área, ou mesmo trabalhar como *freelancer* em eventos, sobretudo de casamentos, batizados, festas infantis etc. O mercado de eventos, por fazer parte da economia terciária, absorve muita mão de obra – qualificada ou não –, e isso gera um conjunto de expectativas de atuação profissional. Por não ser uma profissão regulamentada, trata-se de um mercado de trabalho aberto, flexível e dinâmico, empregando trabalhadores e trabalhadoras oriundos de amplos setores da economia. Além disso, João Pessoa é uma cidade turística e seu mercado de eventos também potencializa os discursos apologéticos sobre o emprego gerado. Tudo isso, mais uma vez reforçando, cria no imaginário popular a ideia de que trabalhar com eventos pode ser um fator de emancipação financeira, sobretudo para os mais pobres.

Stefanini (2008), a partir da obra de Bourdieu, coloca que a construção do *ethos* familiar e das disposições interiorizadas nos processos de socialização são relacionadas aos aspectos objetivos e simbólicos da classe social de pertença. O direcionamento para o ensino técnico e a tendência de prevalência do trabalho em detrimento da longevidade dos estudos, verificada na maior parte dos alunos, pode ser relacionado ao que Bourdieu (1998; 1996) conceitua como *habitus*, estruturas estruturadas e estruturantes, duradouras e transponíveis, inevitavelmente articuladas e influenciadas pelos capitais cultural e econômico e condições materiais e objetivas de classe social. Não obstante, os processos de socialização, em sua condição eminentemente histórica, envolvem contradições e movimentos que se interpõem entre as expectativas, trajetórias e existência dos alunos, ou ainda, entre o ideal de longevidade escolar e a necessidade de trabalhar. A continuidade e/ou prolongamento dos estudos, na visão dos alunos, é vista como fundamental para uma desejada ascensão social, mas sua viabilidade geralmente se atrela ao trabalho/renda (Stefanini 2008).

Daí que, para a autora Stefanini (2008), as expectativas de estudo e trabalho apresentam algumas especificidades quando considerados os casos de alunos categorizados como jovens, cujo ingresso na escola técnica se dá de forma concomitante e/ou imediatamente após o ensino médio; ou mesmo os alunos categorizados como adultos, cujas trajetórias escolares foram interrompidas e que provavelmente já constituíram famílias.

Assim, no caso dos alunos jovens, a escolarização técnica é geralmente referida tanto como “opção” mais palpável do que o ensino superior, em virtude dos capitais culturais e econômicos disponíveis, como também enquanto estratégia para tal objetivo, audacioso em relação ao *ethos* de classe. No caso dos alunos adultos as esperanças da escolarização como meio de “subir de vida” eram projetadas para os filhos (Stefanini, 2008).

Silva Filho et al (2019) citam que, no campo das expectativas, observa-se que no ingresso aos cursos a maioria dos candidatos se posiciona pelo desejo de se beneficiar de um bom nível de ensino, de encontrar bons amigos, muito estudo e bons professores, demonstrando uma preocupação com sua formação e seu futuro. Logo, os autores observam que, se por um lado as escolas de educação profissional se preocupam com a formação do técnico preferencialmente para o mercado de trabalho, por outro ficam satisfeitas quando são avaliadas positivamente em exames nacionais ou pelo fato de seus alunos terem desempenho satisfatório em exames vestibulares, sobretudo em universidades públicas. Assim verificamos nas falas acima, e que também serão aprofundadas nos dois quadros a seguir, como o IFPB é bem valorado pelos discentes.

As motivações e expectativas postas no quadro 03 são bem representativas nos relatos abaixo:

Eu sempre gostei dessa parte de eventos, como aniversário, festa, casamento, e eu queria aprender mais um pouco, aprofundar mais. Aí por isso que eu escolhi mais o evento [...] pretendo trabalhar, se eu tiver oportunidade. Pretendo. [...] É muito bom. É bom. Abre oportunidades (Informante 01).

É uma área bem diversa. Eu digo por conta própria, quem se forma na área de evento muito dificilmente fica desempregado. Porque você pode ajudar na área de evento, na área da cozinha, pode ajudar na parte cinematográfica, pode ajudar na parte de cuidar, de estar frente do evento só cuidando, só instruindo as pessoas. É uma área muito diversificada para você trabalhar (Informante 06).

Além disso, os quatorze discentes aqui entrevistados percebem a importância de uma Instituição Federal como o IFPB e sabem que continuar estudando é fundamental para uma mudança no quadro de vida. A fala do entrevistado 11 retrata a importância do IFPB:

“Porque o IFPB é o IFPB né? É uma escola renomada. É uma escola renomada que abre portas, né? Abre caminhos. Aqui é uma escola de referência, né?” (Informante 11).

No entanto, uma contradição é revelada nos relatos: muitos desses informantes estão fazendo o curso como uma forma de ocupação cotidiana. Não se trata de uma narrativa reflexiva sobre si (Giddens, 1999), ancorada num projeto reflexivo do sujeito que se percebe emancipado no mercado de trabalho. Verificamos muito mais um conjunto plural, contraditório e ambíguo nessas narrativas, que ora valorizam a distinta educação técnica ofertada pelo IFPB, ora sabem que estão inseridas num jogo muito desigual e competitivo, já que o estudante não é um viajante desorientado no tempo. Também sabe que a posse do diploma não necessariamente cumprirá seu papel institucionalizado.

Percebemos, contudo, que alguns informantes já trabalham informalmente com eventos, organizando festas ou servindo como pessoal de apoio. Outros têm uma noção já sólida sobre o que é o mercado, em virtude de já terem trabalhado como *freelancer* em outros eventos. O mais palpável nos relatos acima é a possibilidade vislumbrada de empreender, ou mesmo de trabalhar empregado neste mercado. Quase todos os entrevistados têm uma percepção do mercado como um espaço dinâmico e amplo, permitindo diversas formas de inserção profissional e, sobretudo, uma expertise técnico-operacional que compensaria a ausência de um saber teórico negado pela escolarização acadêmica. Isso talvez explique a média etária do público matriculado. Os entrevistados sabem da importância do IFPB e deste curso, talvez não como perspectiva de mudança material de vida, mas como recurso de distinção em estar estudando numa instituição de qualidade.

Essa realidade é mais bem ilustrada no Quadro 04 a seguir, quando são destacados os pré-indicadores 5 e 6. Estes abordam as percepções sobre as contribuições do Curso para a vida profissional e as habilidades desenvolvidas.

Pré-indicadores
<p>5) Contribuições do Curso para a vida profissional 6) Habilidades desenvolvidas no Curso</p>
<p>É, conhecimento, né? Isso aí. É, conhecimento, especializar mais um pouco na profissão, né? [...] Aprendi assim sobre um evento que a professora [...] está fazendo. Porque eu passei meu tempo parada, e como é um curso técnico, ela fala que a gente está fazendo um evento fictício, mas bem interessante. Estou gostando. Bem interessante. Isso, como montar um evento, como fazer o logo, como trabalhar com uma equipe, como fazer o orçamento, como fazer as vendas. Muito Top. (Informante 01)</p>
<p>Conhecimento, a formação, não é só formação, questão do curso, mas sim a formação de uma visão melhor, né, para o mercado de trabalho. Porque o que eu vejo nesse curso não é só focado só numa, numa profissão, dentro desse curso tem várias profissionais. (Informante 02)</p> <p>Minha filha, a expectativa não é só uma não, é várias. Expectativa pra formar, pra ser uma boa organizadora de eventos. Deixa eu ver... ser uma boa profissional. Não só daquilo que eu gosto, realmente. E entre outras, tem tantas coisas que se eu for dizer aqui, eu vou passar a noite todinha. (Informante 02)</p>
<p>Em relação às matérias que tem, que falam dos assuntos... Até a parte prática também que eu também nunca tinha. [...] Ter mais atenção nas coisas, mais responsabilidade também. É isso aí. (Informante 03)</p>

Assim, como eu recebo bolsa família, não dá para sustentar, ter minha casa própria. Esse curso me ajuda, pronto. Ontem, por incrível que pareça, não tinha nada, meu Deus, tomara que esse dinheiro caia. Hoje caiu, graças a Deus. Assim, quando eu entrei, era uma mulher que ela disse que olhe aqui você topa tudo. Se eles pegarem vocês e levar para São Paulo, por exemplo, pra trabalhar é uma equipe todinha, vou simhora. (Informante 04)

Foi que eu não tinha noção de fazer festa. Abriu minha mente e através do orçamento aqui também, por causa das bolsas. A [...] ela fala sempre muito sobre essa questão de investimento, quanto vai gastar, esse negócio que a gente tava agora, no programa, no evento dela. Que é a parte dessa questão do orçamento, quanto é que vai gastar, quanto vai ser pago. Isso aí abriu minha mente. Porque antes eu não sabia de nada. (Informante 04)

Tem muita oportunidade de eventos. Casamento, aniversário, né?
Tô aprendendo coisas novas, né? Coisas novas que tá aí no mercado. Todo dia tem uma coisa nova, né? Dia a dia. (Informante 05)

Desse aqui eu fiz curso de produção gráfica, sou formada em produção gráfica. Não é um curso técnico, foi um curso realmente. E eu fiz pequenos cursos também, como de marca pessoal, essas coisas, porque é uma área que eu acho interessante. (Informante 06)

Muito porque a gente... Além dele me ensinar, me promover a aprendizagem, ele me proveu o financeiro também. Porque os eventos que a gente trabalha no Instituto Federal geram renda para a gente. A gente não trabalha... Tem os trabalhos por experiência, que contam para o curso, mas tem os trabalhos que a gente já vive na prática o próprio curso de eventos. (Informante 06)

Tinha coisa sobre a área de multimídia que eu não sabia. A gente tá aprendendo a montar datashow, aprendendo a decorar, aprendendo onde por talher, coisas que eu não sabia, coisas pequenas que... Por exemplo, um exemplo, num evento muito... E assim... A gente aprende muitas coisas na prática. Uma das professoras que mais trouxe prática pra gente, na verdade são duas [...] ela promoveu pra gente uma experiência num espaço de festas. (Informante 07)

E foi ensinado muitas coisas para a gente, onde colocar talher, onde posicionar mesa, onde você coloca, onde você pode decorar, colocar cortina. Por mais que isso pareça coisas bestas, para um curso de eventos é essencial, porque se você está num evento muito importante que exige pessoas de autoridade maior, você não pode colocar um talher errado, você não pode posicionar algo errado. Isso conta para você, como um péssimo exemplo profissional. Então, é isso que conta para a gente. (Informante 07)

É muito competitivo, porque todo mundo tem o curso de eventos como... Como é que eu posso dizer? Qualquer um pode fazer. Qualquer um pode ornamentar um evento, uma festa. Qualquer um pode pegar o microfone e fazer a oratória de um evento. Mas... para entrar nesse mundo de eventos, acho que, com o currículo, fica mais fácil. [...] Sim, e é o que eu digo a todas as meninas, assim, quando eu converso com as meninas sobre isso, para quem quer trabalhar, quem quer realmente sair daqui do curso de eventos para trabalhar em eventos, é aproveitar essas oportunidades de estágio, porque é onde a gente aprende, tem conhecimento na prática, além da teoria, e também é visto. Por essas empresas de eventos. [...] na prática, porque a gente vê a magia, né, vê que coisa linda, ah, eles fizeram uma coisa, mas a gente não tem ideia do quanto isso custa, o trabalho

que dá, né, o fato de você receber a proposta do evento e saber, como é que eu posso dizer, eu não estou conseguindo lembrar uma palavra que encaixa, mas é tipo assim, você conseguir visualizar o sonho do outro, É mais ou menos isso, acho que é o mais difícil. É a parte mais difícil. No caso, para quem trabalha com produção de eventos, é você tentar visualizar o que o outro está querendo. É exatamente isso. É exatamente a questão do planejamento, de você saber o que fazer e como fazer. (Informante 08)

Não sei pela idade a gente não tem tanta expectativa assim. Eu estou estudando também para fazer concurso então se essa não for se esse não for o meu caminho eu quero pelo menos passar num concurso para ter uma renda fixa assim para ter pelo menos uma aposentadoria decente daqui a uns. 100 anos. (Informante 08)

É justamente essa questão de dar... a quantidade de gente que tem já trabalhando, mesmo sem ter a técnica. Tem muita gente por aí afora que trabalha em eventos grandes sem nem saber o que é que significa, qual o significado. Aprende na prática, não tem experiência nenhuma teórica. Então, tem muito isso. Ter quem indique. Infelizmente, a gente depende muito disso. (Informante 08)

É muito conhecimento, né? E também, assim... experiências de conhecer, conhecer outros, conhecer os professores, conhecer que esse curso abre um leque, que eu posso fazer um outro curso. Então, tem toda uma oportunidade pela frente (Informante 09)

É a de trabalhar com eventos e de também abranger outros horizontes e fazer outro curso Assim, eu acredito que está me ajudando na fala. Como é que se diz? Interagir com o público. (Informante 09)

Eu acho que, por exemplo, de João Pessoa, a capital da Paraíba, que eu acho que é bem aberto o campo cultural, né? É, é muito aberto e assim, ninguém precisa ocupar o espaço do outro e muito menos copiar, porque é aberto, é um campo grande. Eu vejo assim, um futuro pra quem, tipo na minha sala tem uma garota que ela falou que pretende fazer uma empresa pra ela depois, entendeu? Aí como assim, é... O capital, né, não encontra ali de uma hora pra outra. Então, eu falei assim... Quando você for fazer o seu, eu quero junto com vocês. Para já iniciar aquilo. Porque assim, eu não pretendo, na verdade, ter uma empresa não. Mas eu quero trabalhar com alguém que trabalhe ou tenha uma empresa. (Informante 10)

Bom, por enquanto, até agora, eu não tive a chance de estagiar, eu acho que justamente porque eles escolhem mais as criaturas mais jovens. Eu não sei, eu penso assim. E como eu tenho também essa paralisia, não me dá a chance. Por isso eu acho que só quando alguém realmente, como a colega disse, vai abrir a empresa dela, aí vou ter a chance, a contribuição (Informante 10)

Que aqui está contribuindo? Me ajudando a exercitar mais a aprendizagem. [...] Marketing é muito importante, eu amo. Eu não entendia, agora estou aprendendo. [...] É isso mesmo, eles mexem com apresentações. Isso mesmo. Propaganda. [...] O povo quer comprar lá o seu site. Ajuda a marca, porque ajuda. (Informante 11)

É uma área bem abrangente. Porque mesmo com toda dificuldade, todo mundo faz festa. Pode ter dificuldade, mas acho um jeito de fazer uma festa. [...] É um trabalho a tudo. Não é fácil, não. Não é fácil, não. Principalmente se for uma festa de porte médio, ou porte grande, né? Aí dá um trabalhinho. Mas você monta uma equipe, e Deus vai na frente, e a gente consegue. (Informante 12)

Eu sei que abrange eventos culturais, abrange eventos mais festivos, tipo casamentos, aniversários, essas coisas. Abrange também a área do Estado, cerimonial, essas coisas.

Colégio, faculdade. Em todo lugar. Formatura, abre um leque é muito grande. (Informante 12)

Ele [o curso] me ajuda na minha formação, E as pessoas que falam, não sou eu, mas falam que sou ótima vendedora, e realmente eu vou aqui e faço, atendo as pessoas, dar atenção. E no curso não, no curso você não está... Está aproveitando, está me instruindo, melhor ainda mais, com mais experiência, com mais conhecimento. Ele também ajuda financeiramente também. Eu não estava recebendo muito, mas agora eu vou me sentir melhor. Mas tudo bem, tudo bem. [...] Ele dá esse suporte também. E também quando você trabalha na área de eventos, eu já ganhei. Tem eventos que você ganha, tem eventos que eu ganho, mas é válido. Muito é válido. (Informante 13)

Habilidades. Talvez seja... Esse seria o assunto, porque a gente prepara uma mesa, ajuda a preparar. Na hora que o pessoal sai de uma palestra, para servir a eles, atender a eles. Acho muito isso importante, gratificante. Muito legal. Não tinha trabalhado nessa área. Devo me entender. É muito bom mesmo. (Informante 13)

Me ajudou bastante, porque como eu já trabalho em alguns eventos, desde que eu cheguei aqui, isso já ajuda bastante. Quando eu chego por aí, bom, eu trabalhei em tal evento, sabe, esse tipo de coisa ajuda bastante. Eu tenho gostado, já falei isso inúmeras vezes, que a cada dia tem sido mais motivante, vir para as aulas, esse tipo de coisa. Óbvio que o cansaço dificulta um pouco, mas... (Informante 14)

Eu acho que toda essa questão de, por exemplo, analisar o evento de forma diferente, porque quando a gente tá como... Você como participante, você nem percebe certas coisas, mas quando você tá trabalhando, é diferente, você começa a analisar mais, são muito mais detalhes do que quando, obviamente, eu tô como participante, sabe? Aí isso tem mudado bastante, assim. (Informante 14)

Quadro 04: Pré-indicadores 5 e 6

Fonte: Pesquisa de campo da autora

Os relatos acima são concretos e revelam como o Curso de Eventos tem um papel ativo na formação desses estudantes. Os informantes reconhecem as habilidades adquiridas ao longo do processo formativo e as contribuições para a vida profissional. Listam uma série de habilidades performáticas do mercado de eventos e isso é um indício de que esse conhecimento técnico está sendo um dispositivo já incorporado pelos estudantes. Há toda uma nomenclatura técnica listada pelos informantes: produção de eventos; planejamento; oratória; orçamento etc. Igualmente, falam em conhecimento técnico, especialização na área, exigências do mercado, experiência como diferencial e a necessidade de empreender. Esse jargão mostra concretamente que essas habilidades estão sendo construídas, todavia dentro de um quadro de expectativas realista dentro do qual a trajetória do sujeito pode se dar.

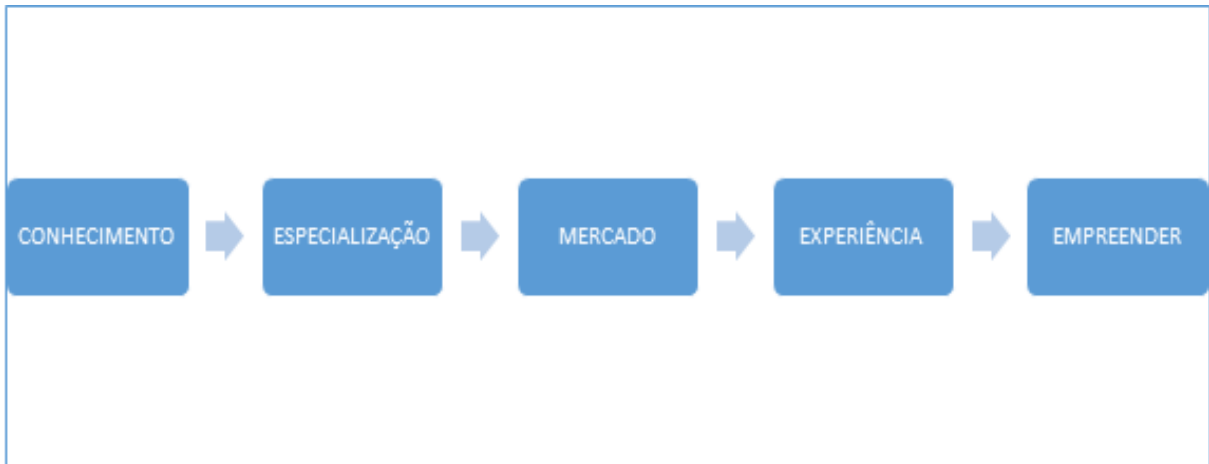


Imagem 03: Fluxograma de Palavras: formação e habilidades

Fonte: Da autora.

O fluxograma acima mostra como as entrevistas revelam um público ciente da qualidade técnico-formativa do IFPB, e como o curso de Eventos prepara para o mercado de trabalho. *Conhecimento, a formação, não é só formação, questão do curso, mas sim a formação de uma visão melhor, né, para o mercado de trabalho, diz a Informante 02.*

Vale destacar que o PPC do Curso de Eventos do IFPB estabelece as seguintes competências a serem desenvolvidas pelo aluno:

- a) Identificar oportunidades e tendências relacionadas à indústria dos eventos, incluindo sua cadeia produtiva, a partir do contexto socioeconômico, especialmente na região;
- b) Compreender a sociedade, os elementos que nela intervêm, sua história e cultura, respeitando as diversidades, a cultura e especificidades de cada povo e contribuindo com a manutenção de seus patrimônios imateriais;
- c) Identificar e interagir com a cadeia produtiva da área de eventos, aproveitando oportunidades e estabelecendo parcerias produtoras para a realização de atividades na área de eventos;
- d) Atentar para as atividades complementares e/ou paralelas aos eventos principais, como fontes de recursos adicionais e/ou programas de lazer para os participantes e/ou seus acompanhantes;
- e) Gerir orçamentos, sabendo ponderar os custos e benefícios envolvidos no âmbito do planejamento de evento, com foco na responsabilidade administrativa e orçamentária;
- f) Coordenar a realização de um evento, do planejamento à avaliação, bem como a seleção e o relacionamento com os diversos prestadores de serviços e fornecedores, ou auxiliar no exercício destas atividades;
- g) Executar eventos, ou prestar auxílio para tal, a partir do planejamento prévio, valendo-se das ferramentas de feedback com vistas ao acompanhamento da execução e efetuar as correções a partir dos desvios identificados;
- h) Empreender no campo da organização e consultoria em eventos ou em áreas correlatas, bem como em campos abrangidos pela cadeia produtiva da área de eventos;
- i) Avaliar eventos e confeccionar relatórios, ou prestar auxílio para encetar tal atividade;
- j) Conhecer e levar em consideração aspectos relacionados à ética no exercício profissional e as responsabilidades social, ambiental e fiscal;
- k) Identificar, no bojo da organização de um evento, os setores que necessitam de recursos humanos e tomar as providências cabíveis para a seleção e contratação da mão de obra;
- l) Ser capaz de interpretar dados e textos;
- m) Ser dotado de

habilidades comunicativas, que propiciem fluência e desenvoltura nas atividades realizadas, dentre as quais aquelas de cerimonial, e dominar a norma culta da língua portuguesa e alguma língua estrangeira moderna (Plano Pedagógico do Curso, 2015, p. 23-24).

Nas falas dos sujeitos entrevistados verificamos muito mais as competências D, E, F, G, H e M, principalmente aquelas habilidades mais ligadas ao fazer, executar. Exemplos presentes nos relatos são os verbos *arrumar*, *servir*, *interagir*, *decorar*, *organizar* e *preparar*, todos do âmbito dessa necessidade prática da econômica terciária.

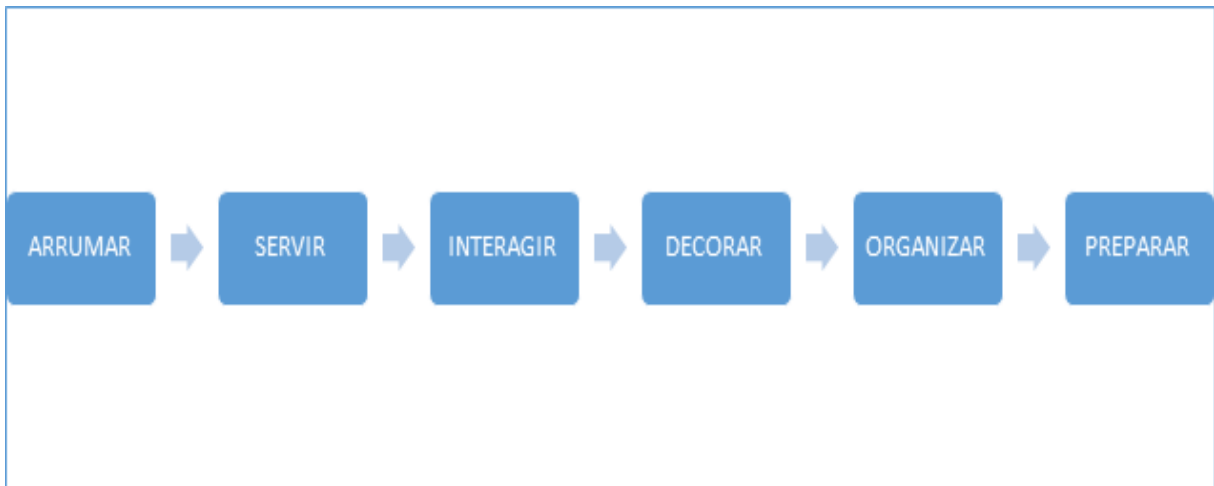


Imagem 04: Fluxograma de Palavras: habilidades listadas

Fonte: Da autora.

Não obstante, as competências mais teóricas, que envolvem maior desenvoltura interdisciplinar e humanística, pouco foram citadas. Eis que entendemos que são mais desenvolvidas as habilidades práticas do que as de formação propedêutica (formativa do sujeito), implicando fragilidade na proposta de uma educação politécnica, humanista e integral. Pelas próprias estruturas de classe social, a capacidade teórica de pensar e articular o mundo se minimiza perante os saberes práticos do cotidiano imediato. Isso é um dado perceptivo nas entrevistas. É quase unânime que os saberes e fazeres apontados nas entrevistas estão no domínio técnico.

Verifica-se ainda nas falas como os entrevistados percebem o Instituto e o Curso de Eventos como um diferencial formativo. Os entrevistados reconhecem, mais uma vez, a importância do IFPB em suas vidas e reafirmam o mercado de eventos como um espaço dinâmico e atrativo para quem tem o perfil. Temos aí um dado possível desta estrutura de classe, já que a educação de qualidade não se efetivou para muitos desses sujeitos na idade escolar regular. Logo, o que era um limite, passou a ser uma realidade mesmo que tardia. No entanto, o senso de realidade paira no ar para alguns desses entrevistados, sobretudo quando enfatizam

a idade (a não juventude termina sendo um fator de diferenciação nesses mercados performáticos de eventos) ou mesmo a falta de recursos para investir.

O estudo de Costa et al (2023) mostra que os principais fatores motivacionais para a entrada do estudante num curso técnico federal estão relacionados aos fatores extrínsecos, tais como: o fato da instituição ser federal, de oferecer um ensino de qualidade e gratuito, pelo renome e prestígio na região, e, também, pela influência de família e/ou de amigos. As falas de alguns estudantes e seus familiares expressam, neste estudo, que o Instituto Federal transparece prover um diferencial em sua formação, possibilitando melhores condições para prosseguir seus estudos. A respeito da escolha do curso, verificou-se, igualmente, que, tanto para os estudantes quanto para os familiares, a identificação com a área técnica foi o fator principal indicado, seguido das perspectivas de mercado de trabalho.

No quesito expectativas, novamente no estudo de Costa et al (2023) nota-se que os informantes possuem expectativas altas em relação à instituição. Igualmente, com relação às demais expectativas registradas pelos estudantes como: querer apenas cursar o ensino médio ou finalizar o ensino e seguir em outra área, considerando que não se identifica com o curso, o fato de ainda não terem vivenciado a realidade do curso na prática justifica a escolha por esta opção. Isso também se verifica em nosso campo, já que algumas pessoas apenas têm o interesse, mas ainda não estão inseridas concretamente no mercado de eventos.

Daí que o quadro 05 abaixo, que lista os pré-indicadores finais (7 e 8), desenha essas expectativas e dificuldades enxergadas pelos 14 informantes deste estudo.

Pré-indicadores
<p>7) Expectativas profissionais 8) Dificuldades enxergadas</p>
<p>A profissão que eu desejo é ser uma técnica de eventos, né? É, se Deus quiser. Uma profissão que eu gostaria muito, que eu tenho muito desejo, fora o técnico de eventos é técnico de enfermagem. Isso. (Informante 01)</p>
<p>Rapaz, tem sim, mas tem certas coisas que deixam um pouquinho a desejar. Igual qualquer outro curso tem. Não tem esse que não tenha. Se a gente não for buscar, a gente não vai ter. De projeto, organizar um projeto. Não que eu não sabia, é porque eu já tinha trabalhado na escola e a gente já trabalha muito também com projeto. Então é... E eu, faz tempo que eu não exerço essa profissão, aí eu voltei e agora eu tô tentando, né, na parte da organização também, de organizar eventos. De que tem que ter todo o planejamento completo de planejar um evento.</p>

O que eu pretendo fazer realmente é correr atrás daquilo que eu quero, né. Eu quero ser um empreendedora, então, tem que correr atrás do que eu quero, né?

Sim, financeira. A parte financeira. Não é a parte que seja profissional, de curso, não é essa parte também. Mas a parte financeira que é o que mais... É o capital que está... tá baixo. (Informante 02)

Algumas barreiras, eu mesmo boto as barreiras. Medo de não dá certo, mas vou seguir em frente. (Informante 03)

A profissão, abrir um negócio pra mim, não depender do dinheiro do meu filho... Assim, trabalhar pra mim mesma. É, trabalhar para mim mesma e eu estou fazendo também um curso lá, uma aula de culinária. Que, assim, eu tenho noção de alguma coisa: lasanha, panqueca, mas queria saber de tudo. De tudo, assim, para eu não depender de ninguém, da minha mãe, principalmente, porque eu digo “mainha, tô com saudade de comer panqueca” Aí ela faz. As vezes. [...] Terminar o curso, eu pretendo fazer outro curso. Se você tiver de culinária... (Informante 04)

É, também. Financeiro também. Pronto, na torta, que eu encomendo lá. Eu queria, assim, aprender para fazer o mermo em casa. (Informante 04)

Apreendi muita coisa. Coisas também que eu nem sabia, que era coisa de jantar, que a professora ensinou... como faz uma mesa, prepara uma mesa.

Posicionar os talheres, os pratos, o copo, copo de vinho, copo de champanhe, copo de água. Foi muito bom, eu gostei.

Eu quero essa, eventos. Eventos. Eu gosto muito. (Informante 05)

Quero cursar um superior em administração. Quero me formar em administração.

A dificuldade eu sempre coloquei na cabeça que quem coloca é a gente. Pra mim, o impossível não existe, foi inventado por homem. (Informante 06)

Para o meu futuro, eu tenho duas expectativas. Se eu não conseguir fazer a faculdade de psicologia, eu quero fazer gastronomia. [...] Eu pretendo continuar estudando. Vou fazer o Enem para ver se consigo a minha graduação. Porque eu já não tenho mais 15 anos, sou uma mulher preta, desempregada, mãe solo, todas possíveis. Não é fácil não. (Informante 07)

Você tem que querer muito, né? Porque é muito difícil. E ainda tem que incentivar em casa, né? E outra coisa que eu achei importante eu vim estudar foi para, também, as minhas filhas acreditarem na educação. Entendeu? Eu estava vendo assim, que muitas coleguinhas ao redor, da minha filha de 15, muitas assim, porque eu gosto muito de incentivar elas a ter muitas amizades, e estar muito junto, não, porque às vezes atrapalha. Seja amigo de todos, mas não queira estar sempre, sempre com todos não. [...] Não é, mas tu achas que quando tu terminar o ensino médio, você já fez tudo? Não, mas graças a Deus já vou estar livre dos estudos. Não, conhecimento, minha filha, é o que abre as portas.

Não me decepciona”. (Informante 07)

Eu como eu tenho dificuldade no computador por conta do meu braço, certo? Mas o professor [...] ele é muito, muito paciente, sabe? E tem me ajudado muito. Então, nessa parte aí eu tenho melhorado [...] essa habilidade, sabe? Está contribuindo. Está contribuindo para mim. Porque eu não tive isso quando foi criança (Informante 08)

O dinheiro. O dinheiro é o quê? É o tudo. (Informante 09)
 O restaurante, que eu acabei de falar. Ou se não, uma loja de roupas, calçados, poderia ser. Porque é festa, abraçadas de festa. Eu não acho que ganhe muito dinheiro, porque hoje em dia é o que mais tem, lugar de festa. (Informante 09)

Eu quero montar uma empresa. Porque eu já sou mesmo microempresária no salgado. Sim. Eu quero fazer, se montar de equipamentos, de aluguel. Aluguel. Não quero trabalhar tanto em festa, porque dá muito trabalho. Mas assim, não tem aqueles cenários? Aquelas coisas de bola, piscina de bola, essas coisas. Esse daí dá menos trabalho do que trabalhar com comida.

Porque tudo envolve dinheiro. Tudo envolve dinheiro. (Informante 10)

Um curso desse, gratuito. Depois me dá outras pra fazer outros cursos. Então, eu pretendo fazer outro. (Informante 10)

Eu acho que esse mesmo, de eventos, e eu tinha muita vontade também, sabe? que lá atrás eu sempre quis fazer o curso de turismo, acredita? E teve uma menina dentro do ônibus que a gente vinha conversando sobre isso, porque ela disse que vai terminar esse, o curso de evento, e o que se encaixa no curso de evento é do turismo. Eu disse, nossa, meu Deus, eu não sei, né? Se Deus me levar para aí, eu não sei. Talvez consiga, mas por enquanto o de eventos.

[...] Tem anos pela frente, aí pensa muita coisa. Assim... Eu já tô com 46 anos, então é muita coisa assim. Porque você tem sua casa, não tem um filho, mas tem o meu esposo, então eu tenho que deixar o almoço pronto. É muita coisa, né? Que envolve, ele trabalha, aí vem almoçar em casa. Então eu tenho esse cuidado, deixar as coisas prontas pra ele. Então, eu vejo assim, que se eu fizer turismo, principalmente, aí esse curso de eventos já me ocupa bastante, glória a Deus. Eu falo com a menina, né, Brinco, Eu não tenho tempo mais pra nada, só curso mesmo. Porque a menina diz, vamos fazer curso sem ninguém. Você quer dizer, não, eu não tenho tempo não, só curso de eventos mesmo já me ocupa bastante. Mas eu acho muito bom (Informante 11)

Eu acho que é muita correria, por exemplo, você precisa trabalhar muito para ter meios de dar procedimento ao estudo. Então, acho que é essa a questão. É conciliar trabalho e estudo. É difícil isso. É, exatamente. (Informante 12)

Eu prefiro, assim, o trabalho que a pessoa quer. Prefiro trabalhar nessa área de serviços gerais mesmo. [...] Eu pretendo fazer faculdade para ser... fazer fisioterapia. Mas pra isso você tem que focar bem, estudar muito mesmo pra conseguir chegar lá. Se der certo uma coisa, você só tenta outra. (Informante 13)

Eu sou muito indeciso. Eu sou muito... Eu sou muito indeciso. E assim, eu vou sempre assim, conforme as oportunidades. Eu acho que, por exemplo, eu sempre falo que... Eu não vou ficar me acabando, por exemplo, se eu pedir uma oportunidade aqui, porque a oportunidade surge em todo lugar. Você que tem que saber aproveitar. Uma coisa que eu tinha um sonho de fazer era direito, mas é como eu estou falando, a vida foi de um jeito diferente do que você espera e talvez eu tenha um objetivo de talvez continuar realmente trabalhando com eventos. Sim, é uma opção hoje, sabe? Uma opção forte hoje pra mim (Informante 14)

Quadro 05: Pré-indicadores 7 e 8

Fonte: Pesquisa de campo da autora

Verifica-se acima como os sujeitos entrevistados sabem das dificuldades concretas do campo de trabalho escolhido, apesar de não perder de vista o horizonte da esperança por uma ocupação profissional na área de eventos ou mesmo a continuação dos estudos em outra área.

Para além das dificuldades do mercado, há um senso de realidade também apurado sobre as adversidades do cotidiano. Os entrevistados sabem da dificuldade presente na conciliação entre a vida estudantil e a vida concreta do trabalho:

Eu acho que é muita correria, por exemplo, você precisa trabalhar muito para ter meios de dar procedimento ao estudo. Então, acho que é essa a questão. É conciliar trabalho e estudo. É difícil isso. É, exatamente (Informante 12).

Concordamos com o estudo de Handro et al (2020) quando afirmam que os egressos reconhecem que a formação trouxe mudanças na percepção de mundo e na relação com o trabalho, mas que apesar de desenvolverem importantes habilidades durante o curso, ainda há a necessidade de mais incentivo e apoio da instituição de ensino para a realização de estágios e inserção profissional, já que a maioria ainda não atua efetivamente na área. Nos relatos dos 14 entrevistados existe quem trabalha na área, mas muito mais como força de trabalho periférica, precarizada etc. Não há nenhum efetivamente ocupado numa grande empresa de eventos, tampouco empreendendo para além de atividades complementares de renda. O fluxograma a seguir sintetiza essas dificuldades, basicamente mostrando como dificuldades a falta de dinheiro para empreender, a dificuldade estrutural para conciliar trabalho e estudo, além do desejo em cursar outra área diferente da formação.

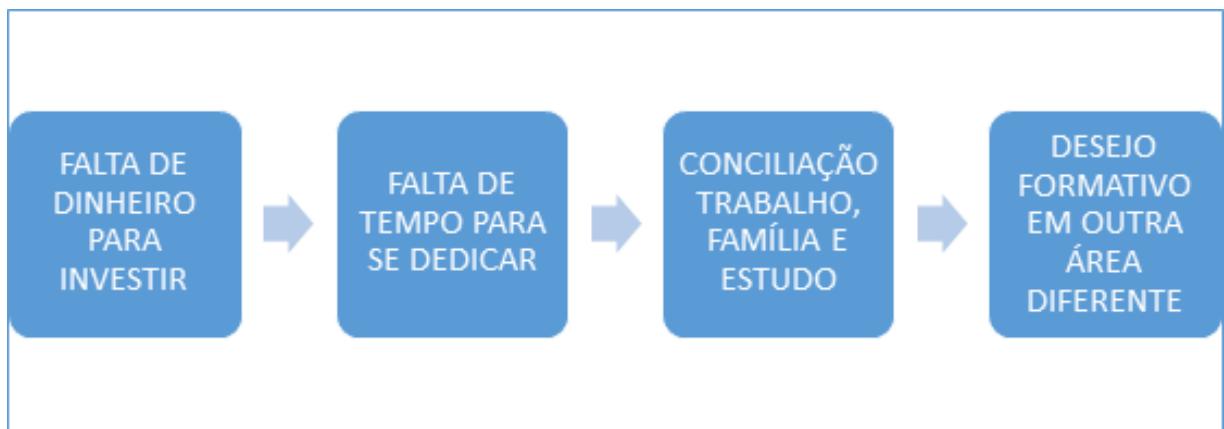


Imagem 05: Fluxograma de Palavras: dificuldades enxergadas

Fonte: Da autora.

Contudo, apesar dessas dificuldades, esses estudantes reconhecem que o Curso Técnico tem tido um impacto positivo em suas vidas, mas não ainda em suas vidas profissionais (Rodecz, 2019). Este estudo de Rodecz é importante pois mostra a categoria sonhos e desejos, destacando três categorias almeçadas: passar num concurso público e ter estabilidade financeira; se especializar na área; e fazer um outro curso que melhore suas vidas. Assim, semelhantes aos nossos 14 informantes, se percebem sujeitos esperançosos, outros desanimados, alguns modernos, outros caretas, uns cheios de sonhos, outros cheios de vícios, aqueles que acreditam nos pais, outros que nem os conheceram, há sujeitos encontrados, outros perdidos, uns estudando e trabalhando, outros nem estudando, nem trabalhando (Rodecz, 2019).

Deste modo, o quadro 06 a seguir sintetiza os quadros de pré-indicadores anteriores e os reagrupa em quatro (4) indicadores (coluna 2):

Pré-Indicadores	Indicadores
1) Família e escolaridade	I) Limitado capital cultural familiar e ocupação profissional de baixa qualificação técnica
2) Família e ocupação profissional	
3) Motivações para a escolha do curso	II) Reconhecimento do IFPB como Instituição de qualidade. Buscam com isso conquistar melhorias na vida financeira
4) Expectativas em relação ao curso técnico	
5) Contribuições do Curso para a vida profissional	III) Reconhecem que o Curso é um diferencial formativo e que fornece as competências necessárias
6) Habilidades desenvolvidas no Curso	
7) Expectativas profissionais	IV) Se percebem trabalhando na área, mas circunscritos ao que é permitido. Têm um senso de otimismo, mas dentro de um quadro de realidade factual
8) Dificuldades enxergadas	

Quadro 06: Pré-Indicadores e Indicadores

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora

Portanto, os entrevistados reproduzem: I) Limitado capital cultural familiar e ocupação profissional de baixa qualificação técnica, expresso por uma herança familiar escolar e profissional ligada a baixa instrução e ocupação em trabalhos subproletariados; II) Reconhecimento do IFPB como Instituição de qualidade, buscando com isso conquistar melhorias na vida financeira na própria área de eventos ou mesmo fazendo outro curso posteriormente; III) Reconhecem que o Curso é um diferencial formativo e que fornece as competências necessárias, destacando a qualidade do corpo docente; IV) Os estudantes se percebem trabalhando na área, mas circunscritos ao que é permitido. Têm um senso de otimismo, mas dentro de um quadro de realidade factual, já que sabem que há barreiras financeiras, etárias e de conhecimento para se inserir ativamente no mercado.

Diante disso, como pensar os processos formativos desses sujeitos à luz das perspectivas teóricas colocadas nesta dissertação de mestrado? Como pensar a formação e as perspectivas desses(as) estudantes a partir das noções de ensino integrado e politecnicidade?

O Plano Pedagógico do Curso (2015) assume o PROEJA como fundamento de integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, visando contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania. O curso de eventos do IFPB visa, portanto, “formar profissionais e cidadãos competentes técnica, ética e politicamente, com elevado grau de responsabilidade social e capacidade de concepção, planejamento, produção/promoção, gestão, operacionalização e avaliação de eventos, ainda que de pequeno porte, promovidos por instituições privadas, públicas ou de iniciativa própria (Plano Pedagógico do Curso, 2015, p. 22).

Sediado no campus João Pessoa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, o Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio insere-se no contexto do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Os cursos inseridos no PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB tem como objetivo a formação de profissionais habilitados em bases científicas, tecnológicas e humanísticas para o exercício da profissão, numa perspectiva crítica, proativa, ética e global, considerando o mundo do trabalho, a contextualização sócio-político-econômica e o desenvolvimento sustentável, agregando-lhes valores artístico-culturais (Plano Pedagógico do Curso, 2015, p. 12).

Eis que o projeto político do Curso parte de uma base material concreta para pensar a realidade material e simbólica dos alunos. Entende o desenvolvimento do setor de eventos

sendo de grande pertinência econômica e social nas cidades que, embora possuam vocação turística, são prejudicadas pela sazonalidade inerente ao turismo convencional, como é o caso de João Pessoa. A grade curricular apresenta tanto as disciplinas de formação propedêutica, quanto as de caráter técnico para a gestão de eventos. Contudo, essa formação integrada encontra barreiras estruturais muito fortes, principalmente no tocante ao perfil discente e suas trajetórias de vida. Muitos estavam fora de sala de aula; não têm autonomia financeira para estudar; e/ou estão fazendo o curso de eventos com interesse transitório, aguardando a oportunidade para fazer outro curso no futuro. Assim, por mais que a proposta pedagógica do curso seja progressista, as barreiras de classe social se impõem e limitam a efetivação de uma verdadeira educação politécnica e integrada.

O quadro 07 a seguir, fechando a análise dos Núcleos, reorganiza os 4 indicadores anteriores e os agrupa em 3 Núcleos maiores de significados. São eles:

Indicadores	Núcleos de Sentido
1) Limitado capital cultural familiar e ocupação profissional de baixa qualificação técnica	Núcleo 1 – Escolaridade, condições de vida e reprodução de classes
2) Reconhecimento do IFPB como Instituição de qualidade. Buscam com isso conquistar melhorias na vida financeira	Núcleo 2 – Formação técnica como expectativa para mudança de vida
3) Reconhecem que o Curso é um diferencial formativo e que fornece as competências necessárias	
4) Se percebem trabalhando na área, mas circunscritos ao que é permitido. Têm um senso de otimismo, mas dentro de um quadro de realidade factual	Núcleo 3 – Oportunidades nos mercados de trabalho vigentes dentro do status quo dominante do atual Mundo do Trabalho

Quadro 07: Indicadores e Núcleos de Sentido

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora

O limitado capital cultural familiar, juntamente com as condições econômicas, impõe um conjunto estruturado de circunstâncias impeditivas para o cotidiano escolar desses sujeitos, seja colocando barreiras formativas dentro de sua condição de classe, seja requerendo que se trabalhe desde cedo, expondo as contradições entre tempo de estudo e tempo de trabalho.

Sobre o IFPB, os informantes sabem que é uma instituição pública, gratuita e de qualidade. O prestígio de se estudar numa escola federal ainda guarda marcas de sua fase elitista, quando, até os anos noventa, era um privilégio ingressar nesta instituição. Portanto, está claro nos relatos como, apesar das dificuldades listadas, reconhece-se o IFPB como um espaço diferenciado que poderá oportunizar frutos no futuro.

Igualmente, sobre o Curso em Eventos, também reconhecem o esforço prático do corpo docente em formar recursos humanos aptos ao mercado concreto de trabalho. Apesar de não estar escrito desta forma nos relatos, os entrevistados não sentem uma proposta pedagógica desconexa do que pede o mercado de trabalho. Isso certamente contribui para a permanência no Curso, já que o pensamento teórico-abstrato não se impõe ao conhecimento prático do mercado.

Por fim, os estudantes enxergam o Curso como uma oportunidade de trabalho, contudo atravessada por muitas questões cotidianas que ora limitam, ora permitem projetar expectativas sobre o trabalho.

Para além dos Núcleos de Significados, é também importante destacar o problema da *baixa mobilidade educacional intergeracional* (Bezerra, 2017), cuja evasão escolar e situação geral desses estudantes confirma a tendência dessa pouca mobilidade, cansaço, desestímulo etc. Muito similarmente ao estudo de Bezerra (2017), verifica-se também neste campo que a maior parcela dos estudantes se aproximou da instituição IFPB – e do curso de eventos – motivada pela reconhecida qualidade da formação. Igualmente, a tese de Bezerra mostra essa relação conflituosa entre a dimensão epistemológica presente na ideia de um Currículo Integrado com o perfil dos estudantes do curso. Conclui-se, a partir dos relatos, e concordamos com Oliveira e Machado (2012), que não é possível olhar estes resultados sem retomar o contexto de constituição histórica das instituições públicas, que ao longo da educação brasileira foram assumindo o papel de formadoras dos trabalhadores. Para os autores, esta retomada evidencia que há uma cultura institucionalizada nos institutos federais que, contraditoriamente, nascem para atender à formação dos trabalhadores pobres e se transfiguram em espaços de excelência que vivem um estranhamento diante do público-alvo de sua ação formadora atual.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA

O Produto Educacional, intitulado **SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA**, permite que o docente possa trabalhar os conceitos e temas do Mundo do Trabalho a partir de uma ação integrada entre teoria e prática, articulando a trajetória – biográfica, escolar, familiar, social etc. – de cada estudante com conteúdos reflexivos que tenham conexão com o mundo concreto de cada realidade subjetiva particular.

Daí que, ao invés de simplesmente lançar conteúdos *a priori*, o Produto tem o objetivo de apresentar as atuais transformações vigentes no Mundo do Trabalho, tecendo, a partir da realidade concreta e subjetiva de cada estudante, uma reflexão sobre possibilidades de entender-se no mundo contemporâneo. Isso permitirá que o docente, assim, melhor planeje suas aulas. Utilizando do cinema como ferramenta pedagógica audiovisual, esta sequência didática traz uma linguagem extra e mais acessível para gerar engajamento crítico e esboçar maior imaginação por parte do público.

Vale lembrar que um produto educacional é um recurso criado especificamente para facilitar o aprendizado e o ensino. Esses produtos podem variar amplamente, incluindo livros, apostilas, sequências didáticas, softwares educativos, aplicativos, vídeos, jogos, ferramentas de avaliação etc. O objetivo principal é apoiar o processo educacional, tornando-o mais eficiente, envolvente e acessível para os alunos.

Na Educação Profissional e Tecnológica - EPT, esses produtos educacionais desempenham um papel muito importante, já que são projetados para fornecer conhecimentos práticos e habilidades específicas que preparam os estudantes para o mundo do trabalho. Esses produtos são adaptados às necessidades dos cursos técnicos e profissionalizantes na EPT, abordando tanto a teoria, quanto a prática de maneira integrada. Isso inclui manuais técnicos, simuladores, sequências didáticas, materiais de laboratório e outras ferramentas que ajudam a desenvolver competências específicas.

Em resumo, os produtos educacionais como, por exemplo, uma sequência didática bem estruturada, são ferramentas estratégicas para a educação técnica e profissionalizante. Eles capacitam os alunos com conhecimentos práticos e críticos, preparando-os para ingressar no mundo do trabalho com uma visão crítica, abrangente e estratégica.

Aqui desenvolvemos uma sequência didática como Produto Educacional. Uma sequência didática é um tipo específico de produto educacional que organiza o conteúdo e as atividades de ensino em uma ordem lógica e progressiva. Ela é estruturada para facilitar o desenvolvimento gradual do conhecimento e das habilidades dos alunos. As sequências didáticas são especialmente úteis para assegurar que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma eficiente e coerente.

No Curso de Eventos, cujo campo disciplinar vem das ciências sociais aplicadas como economia, administração e contabilidade, um Produto desta natureza tem a relevância de discutir e tentar desconstruir algumas narrativas acríticas sobre o empreendedorismo. Não podemos jogar, sem uma perspectiva crítica e situacional, conteúdos sobre gestão, planejamento e empreendedorismo como se fossem uma saída mágica para o desemprego no país e a precarização das condições de trabalho. Eis que esta sequência terá a possibilidade de discutir questões centrais do Mundo do Trabalho e tentar aguçar a imaginação crítica destes sujeitos.

Assim, dada a supracitada relevância, abaixo apresentamos a proposta da Sequência Didática, organizada em 5 aulas visando ser desenvolvida para explorar crítica e criativamente o tema "Mundo do Trabalho", dentro e fora das disciplinas propedêuticas. Esta sequência assim está organizada:

Aula 1: Mudanças históricas e processos de trabalho

- A revolução industrial e o emprego fabril

- Lutas operárias contra a exploração

Filme: PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. A Classe Operária Vai ao Paraíso, Itália, 1971).



Aula 2: O emprego fordista no século XX

- Tecnologia, relações de trabalho e emprego fordista
- Fordismo e qualificação profissional

Filme: TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. EUA, 1936



Aula 3: Reestruturação produtiva e toyotismo

- O emprego toyotista e suas relações de trabalho
- Desemprego estrutural e organizacional
- Novas qualificações e flexibilização do trabalho

Filme: O CORTE. Direção: Costa-Gavras, França, 2005.



Aula 4: Capitalismo Plataformizado e Trabalho

- Plataformização, uberização e exploração do trabalho

- Capitalismo de plataforma e desregulação do trabalho

Filme: VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI. Direção: Ken Loach. Inglaterra, 2018.



Aula 5: Trabalhador informal não é empreendedor!

- Os mitos do empreendedorismo

- Educação profissional e empreendedorismo: caminhos, possibilidades e críticas

Filme: À PROCURA DA FELICIDADE. Direção: Gabriele Muccino. EUA, 2006.



A sequência didática de 5 aulas tem o objetivo de explorar o tema "Mundo do Trabalho", através da seguinte estrutura: na primeira aula, uma introdução ao mundo do trabalho, abordando as principais transformações nos processos de trabalho desde o surgimento do capitalismo industrial, destacando os movimentos grevistas de resistência e luta operária. Na segunda aula, a discussão aborda o regime de produção fordista, caracterizado pela produção

em massa e relações de trabalho e produção também massificadas. Pode ser mostrado como o trabalho era rotinizado e desgastante fisicamente.

A terceira aula foca no regime toyotista de gestão do trabalho, destacando sua ruptura com o fordismo e mostrando como o trabalhador passa a ter uma exploração muito mais refinada e acentuada. Além disso, pode ser aprofundada ainda a discussão acerca do aumento da intensificação da exploração do trabalho e a expansão do desemprego tecnológico e organizacional.

Na quarta aula, será discutido o atual momento do capitalismo globalizado, também chamado de plataformização da economia. Nesta aula, pode ser mostrado como o desemprego se acentua e como formas atípicas e desregulamentadas de contratação do trabalho são intensificadas.

Por fim, a quinta aula da proposta aborda a delicada questão do empreendedorismo, fazendo a crítica a essa categoria ideológica. Podem ser mostrados os determinantes estruturais do Toyotismo e da plataformização para mostrar os limites do ato de empreender.

Tendo em vista que cada aula terá duração de 50 minutos, os filmes deverão ser assistidos antes de cada encontro, através de link disponibilizado previamente para cada estudante.

Em cada aula, o(a) discente receberá ainda um roteiro com questões para responder. As questões deverão ser discutidas e entregues na semana seguinte. Cada roteiro terá o objetivo de problematizar o que foi visto no filme a partir de questões cotidianas desses estudantes, tais como qualificação profissional, desemprego, crise salarial, greve, empreendedorismo, escolhas profissionais, tecnologias etc.

A sequência didática é essencial para orientar os alunos sobre algumas armadilhas que a categoria empreendedorismo pode incorrer. É evidente, contudo, que empreendedorismo pode ser uma alternativa de carreira – óbvio que dentro de um quadro estruturado de possibilidades raramente fáceis –, proporcionando geração de renda, trabalho e possibilidade de inovação. Todavia, é preciso expor os alunos às etapas e desafios do empreendedorismo no mercado de eventos, tornando-os mais preparados para explorar e aproveitar algumas oportunidades. Logo, é igualmente importante desenvolver uma visão crítica sobre o empreendedorismo de uma forma geral. Os alunos devem ser encorajados a analisar não apenas as oportunidades, mas também os riscos e desafios associados. Eles precisam entender as exigências do mundo do trabalho, as tendências, a competitividade e os aspectos éticos e sustentáveis da gestão de eventos. Isso ajuda a formar profissionais mais conscientes e preparados para enfrentar as

complexidades do mundo do trabalho hoje. Isso ajudará a fazer com que o aluno não confunda empreendedorismo com formas atípicas e precarizadas de trabalho.

O Produto foi concebido quando verificamos muitos discursos acríticos e apologéticos sobre a possibilidade de empreender. Sujeitos sem recursos, sem experiência prévia e imersos num quadro sumamente otimista de empreendedorismo, lançados na esperança de ter seu próprio negócio. Optamos por uma sequência didática que possa ser trabalhada como tema transversal por diversas disciplinas, objetivando mostrar os limites e possibilidades do empreendedorismo.

Deste modo, o Produto busca viabilizar a imersão dos estudantes num quadro concreto e conceitual do Mundo do Trabalho a partir de suas realidades particulares. Objetiva-se aqui a efetivação de um recurso educacional que possa levantar, diagnosticar e avaliar a dinâmica da estrutura de classes e de precarização do trabalho hoje. Deste modo, o professor tem em mãos uma ferramenta capaz de compreender os limites e possibilidades de cada estudante, reduzindo a inequidade estrutural da educação formal e melhor orientando para o Mundo do Trabalho contemporâneo. Este Produto apresenta linguagem acessível, ilustrações e, principalmente, questões práticas que possam provocar alguns debates em sala de aula, buscando identificar expectativas, inseguranças e perspectivas sobre o novo e precário Mundo do Trabalho. Utiliza o recurso audiovisual do cinema para mostrar leituras de mundo, problematizando-as como recursos interpretativos de nossa realidade.

5.1. AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Esta seção teve por objetivo descrever e refletir sobre a avaliação do Produto Educacional (PE) elaborado a partir desta pesquisa de mestrado. O PE, intitulado **Sequência didática para trabalhar o tema mundo do trabalho na educação profissional e tecnológica através do cinema**, busca possibilitar ao docente trabalhar determinados conceitos e temas do Mundo do Trabalho a partir de uma ação integrada entre teoria e prática, com conteúdos reflexivos que tenham conexão com o mundo concreto da realidade de cada estudante.

A avaliação foi realizada através da aplicação de formulário online, via *Google Forms*, pelos três professores do IFPB, campus João Pessoa, atuantes na modalidade PROEJA nas disciplinas de sociologia, filosofia e história. Especificamente essas disciplinas foram escolhidas por serem o lócus privilegiado da ação crítica das ciências sociais e humanas, palco

por excelência para a crítica das formas mercadorizadas e alienadas das ideologias empresariais pró Capital.

O formulário de avaliação do PE foi enviado – por e-mail – no dia 19 de agosto de 2024, sendo finalizado no dia 29 do mesmo mês. O instrumento de coleta de dados – baseado na Escala Likert – contou com dez questões fechadas e uma aberta, buscando mensurar a eficácia do Produto aqui elaborado.

Metodologicamente, a coleta de dados com três professores não tem caráter amostral-representativo. Longe disto, sua validação é essencialmente qualitativa, significando que os docentes em questão leram, ponderaram e teceram suas avaliações sobre a eficácia do instrumento pedagógico elaborado. Daí que, tendo a avaliação positiva de três sujeitos peritos, já há a possibilidade concreta de se trabalhar o PE em sala de aula. A legitimidade da avaliação parte, pois, da experiência teórica e prática dos professores avaliadores, sujeitos peritos do campo educacional.

De antemão, antecipando os resultados desta validação, os três docentes em questão legitimaram o PE, avaliando positivamente os pontos didáticos aqui investigados. Em suma, o PE aqui elaborado atendeu as expectativas dos três professores.

A primeira questão tratou de saber se a finalidade do PE está claramente definida e alinhada com as necessidades do contexto educacional. Com unanimidade, os três docentes responderam que concordam totalmente. O gráfico 1 a seguir mostra o resultado da questão supracitada:

Gráfico 1

1. A finalidade do material está claramente definida e alinhada com as necessidades do contexto educacional.

3 respostas



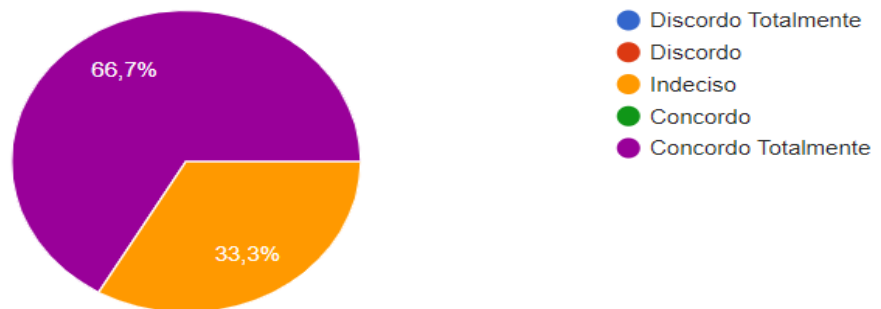
Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

A segunda questão investigou se os objetivos propostos para a aprendizagem são mensuráveis e factíveis dentro do recorte temporal proposto para o PE. No gráfico 2 abaixo está posto que 2/3 dos professores concordaram totalmente.

Gráfico 2

2. Os objetivos de aprendizado são específicos, mensuráveis e factíveis dentro do tempo disponibilizado para a sequência didática.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Neste gráfico 2, somente um se mostrou avaliar de forma indecisa. Especificamente, este docente informou – na questão aberta – que os alunos têm dificuldade de tempo e que há conceitos densos que precisariam ser trabalhados em um maior espaço de tempo. Além disso, informou que a dura realidade da EJA implicaria em dificuldades de compreensão conceitual de aspectos mais teóricos do PE. Vale salientar que esta questão 2 foi a única que obteve uma resposta mediana na Escala Likert. As demais estiveram totalmente dentro do intervalo de concordo e concordo totalmente.

Eis que fazemos uma ressalva à preocupação desse professor. Apesar de concordarmos plenamente com suas críticas, afirmamos que a sequência didática, ao trabalhar com a linguagem do cinema, pode elucidar e trazer a abstração teórica a um nível mais concreto de entendimento, evitando a densidade teórica que muitas vezes afasta o estudante. Além disso, sobre a variável tempo cotidiano do estudante, é exatamente a linguagem do cinema que pode contribuir para que se possa ter interesse no conteúdo, diferentemente se fosse somente um texto ou videoaula. No mais, as críticas recebidas são justificáveis e pertinentes. Dependerá de como o professor, em sua atividade concreta e vivida, trabalhe este PE.

Avançando, o gráfico 3 investigou se as atividades estariam organizadas de forma coerente e lógica, articulando devidamente teoria e prática. Como respostas, 2/3 concordam totalmente e 1/3 concorda.

Gráfico 3

3. As atividades estão organizadas de forma lógica e coerente, promovendo uma articulação eficaz entre teoria e prática.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Verifica-se que os respondentes entenderam a lógica do PE, estando satisfeitos com a organização do Produto e suas etapas didáticas de realização. Somente um sugeriu que poderia ser mais bem definido o tempo para a atividade remota do filme.

O gráfico 4, a seguir, investigou se a metodologia adotada estava adequada ao tema abordado. 100% dos pesquisados informaram que o Produto Educacional possui uma metodologia adequada.

Gráfico 4

4. A metodologia adotada é pertinente e apropriada ao tema abordado, garantindo qualidade e relevância no processo de ensino-aprendizagem.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Já a questão 5 buscou compreender se a sequência didática permite a reflexão crítica acerca das atuais demandas postas pelo Mundo do Trabalho. Igualmente a questão três, 2/3 concordam totalmente e 1/3 concorda.

Gráfico 5

5. A sequência didática permite a reflexão crítica sobre a representação do mundo do trabalho.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Adentrando na sexta questão, foi perguntado se o PE estimula o pensamento crítico dos alunos, promovendo a reflexão sobre os temas tratados. Esta foi uma questão unânime. Todos concordaram totalmente.

Gráfico 6

6. O produto estimula o pensamento crítico dos alunos, promovendo a reflexão sobre os temas tratados e suas implicações sociais.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

As questões cinco e seis mostram como o PE atingiu êxito ao trazer um instrumento atual e crítico sobre o Mundo do Trabalho. O Produto escolheu uma literatura crítica sobre as atuais transformações do trabalho no capitalismo atual, destacando conceitos fundamentais para o entendimento dessas questões contemporâneas.

A questão 7 perguntou se o PE pode contribuir para o desenvolvimento das múltiplas dimensões do estudante, ligadas aos aspectos cognitivos, sociais e emocionais. Igualmente as questões 3 e 5, 2/3 concordam totalmente e 1/3 concorda.

Gráfico 7

7. O material contribui para o desenvolvimento das múltiplas dimensões do estudante, integrando aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

3 respostas



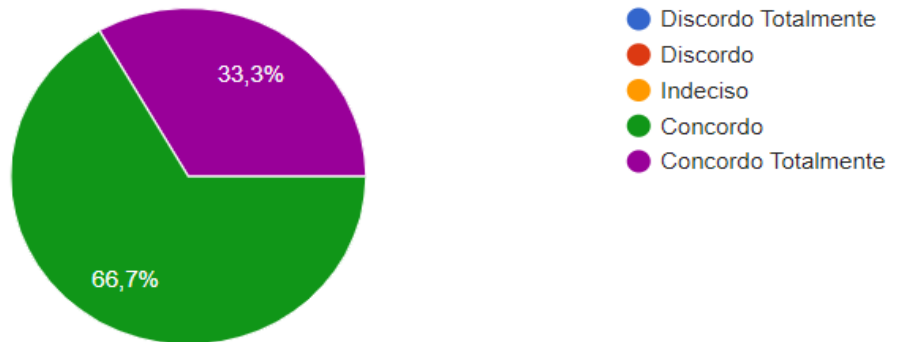
Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

A oitava questão aferiu se o PE oferece atividades práticas que possam ser facilmente integradas às aulas, favorecendo a aplicação de conhecimentos teóricos. Neste item, houve uma inversão: 1/3 concorda totalmente e 2/3 simplesmente concordam.

Gráfico 8

8. O produto oferece atividades práticas que podem ser facilmente integradas às aulas, favorecendo a aplicação de conhecimentos teóricos.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Conforme colocado na análise da questão 2, o entendimento teórico de algumas questões realmente depende das variáveis tempo e capital cultural do aluno. De fato, a aplicação de conhecimentos teóricos depende da bagagem e visão crítica do aluno. No entanto, este PE não será trabalhado isoladamente do conteúdo das disciplinas. O professor ou a professora trabalhará também aspectos conceituais, contidos no currículo escolar, que auxiliarão este PE.

Avançando, a nona questão pergunta se o roteiro avaliativo de questões é pertinente com os objetivos da proposta. A avaliação segue o padrão das questões 3, 5 e 7, tendo 2/3 que concordam totalmente e 1/3 que simplesmente concorda.

Gráfico 9

9. O roteiro avaliativo de questões é pertinente com os objetivos da proposta.

3 respostas



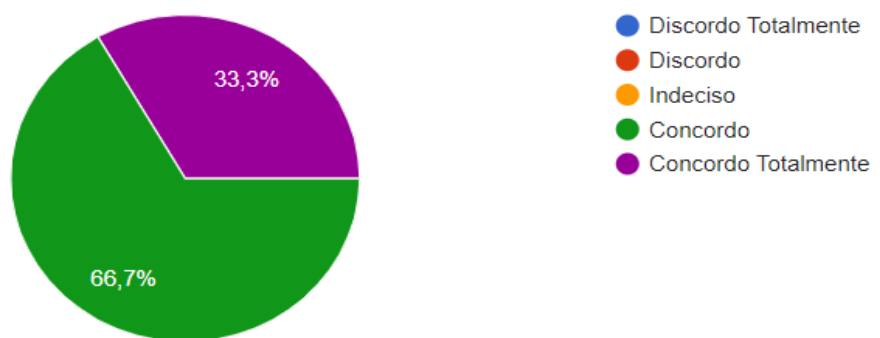
Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

A última questão fechada investigou se o PE está aplicável a Educação Profissional e Tecnológica - EPT, tendo a mesma avaliação da questão oito, ou seja, 1/3 concorda totalmente e 2/3 simplesmente concordam. Apesar de não ter unanimidade, está dentro do intervalo positivo da concordância.

Gráfico 10

10. O Produto Educacional é aplicável à EPT.

3 respostas



Fonte: Pesquisa de campo da autora (2024)

Por fim, na questão aberta, um dos docentes avaliadores informou que tem interesse em utilizar o PE em duas de suas disciplinas. “Finalizo dizendo que gostei muito da proposta e, se me permite, gostaria de utilizá-la no planejamento das minhas aulas, sobretudo nas disciplinas de Ética e Direitos Humanos e de Ética Profissional”. Igualmente, outro docente reforçou a

legitimidade do PE: “Muito interessante a proposta, o cinema é uma linguagem/metodologia fundamental para promover as discussões e reflexões sobre temáticas”.

Diante disso, finalizamos destacando que todo Produto Educacional tem seus limites e possibilidades. Sua eficácia vai depender – contextualmente – do uso e das práticas concretas e vividas presentes no cotidiano pedagógico da sala de aula. Esta sequência didática apresenta 5 filmes, 5 roteiros de questões e 5 textos-base, todos voltados para a compreensão crítica das mudanças contemporâneas do Mundo do Trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como questão-problema compreender quais as expectativas que os estudantes do PROEJA no curso técnico de Eventos (IFPB, Campus João Pessoa) atribuem a esta modalidade de educação, quais os anseios em relação à sua atuação profissional – destacando seus projetos pessoais e profissionais – e em que medida essas expectativas vêm sendo atendidas.

Tratou-se de uma pesquisa exploratória e explicativa, finalizada sob a forma de estudo de caso. O trabalho foi desenvolvido a partir da *Análise de Núcleos de Significado*. Esta Análise busca captar o processo dialético de apreensão das significações produzidas em grupos. Daí que tal procedimento tem a intenção analisar as falas (transcrevendo-as de falas), entendendo-as como ponto de partida e como historicidade no processo analítico. Assim, explicitamos que “é um momento essencial tomarmos as transcrições das falas para apreender nosso objeto e objetivo de estudo, mas de modo algum pode ser compreendido como um fenômeno descolado das relações sociais e históricas que forjam os sujeitos e todas as suas expressões” (Aguiar; Godinho Aranha; Soares, 2021, p. 03).

Como resultados do estudo, inferimos que há uma pluralidade de biografias e contradições impostas a vida material desses 14 sujeitos entrevistados. Homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores e desempregados, solteiros e pais/mães etc., expressam a riqueza sociocultural do grupo em questão. O que há em comum nessas trajetórias? Dizemos, em consonância com Bourdieu, que as expectativas em relação ao mercado de trabalho se relacionam à posição social, *ethos* familiar, de classe e composição dos capitais (econômico, cultural, simbólico, social), assim como às condições objetivas e simbólicas que se revelam relativamente específicas e distintas entre os 14 sujeitos entrevistados. Filhos de trabalhadores subproletariados e com pouca instrução escolar, os informantes reproduzem essa realidade e traduzem seu cotidiano como uma narrativa ainda fluida, aberta e à deriva, todavia entrecortada pelas expectativas de um futuro melhor, seja pelo sonho da emancipação financeira através do trabalho no mercado de eventos, seja pela possibilidade de realizar outro curso formativo.

Inicialmente o estudo problematizou, no campo teórico de um referencial crítico, as desigualdades escolares que se manifestam e se reproduzem numa sociedade de classes, marcadamente desigual, elitista e excludente. Como a Escola está situada dentro das contradições estruturais da sociedade capitalista, tornou-se necessário entender o papel que a

educação técnica desempenha na promoção de oportunidades para estudantes de origem popular. Não tratamos, nesta pesquisa, a educação técnica como salvação dos problemas educacionais gerais, tampouco atribuímos a ela uma crítica pessimista destacando exclusivamente seus limites de alcance. Partimos do entendimento que a EPT, dentro de um quadro social, cultural, político e econômico determinado, pode responder a algumas demandas desses sujeitos. Deste modo, partimos da noção teórica de politecnia, sem, contudo, assumi-la como um dado de realidade. Usamos essa categoria como um vir a ser, isto é, uma possibilidade.

Como resumo da resposta da questão-problema, a pesquisa de campo identificou que os sujeitos do estudo têm um certo senso prático que os orientam reflexivamente sobre as escolhas e possibilidades cotidianas, todavia, este senso é limitado aos seus capitais culturais, econômicos e simbólicos. O campo da pesquisa revelou que os sujeitos entrevistados têm um certo senso prático de orientação reflexiva, sabendo ponderar acerca das dificuldades do mercado, cujos limites se interpõem ao cotidiano profissional como resultado da herança escolar. Não obstante, em muitas situações, trata-se de uma reflexividade limitada, já que determinadas narrativas neoliberais - como o mito do empreendedorismo - produzem e tecem subjetividades cooptadas, fragmentadas e contraditórias. As entrevistas revelaram que os sujeitos sabem das dificuldades vigentes no mercado de trabalho, mas ainda assim almejam empreender ou mesmo trabalhar em alguma empresa estável. Eis que falta, principalmente, uma visão crítica tanto sobre os limites do empreendedorismo, quanto sobre a precarização do trabalho hoje. Daí que esta dissertação trouxe as duas dimensões, seja mostrando a precarização estrutural do trabalho, somada ao crescente desemprego estrutural, seja apresentando o mito do empreendedorismo como uma artimanha neoliberal para reforçar a mentalidade cooptada, passiva e flexível dos trabalhadores.

Não obstante, antes de entender e responder a questão-problema, esta dissertação analisou as atuais transformações presentes no mundo do trabalho. Mostramos o processo estrutural de precarização do trabalho, marcado por desemprego em massa, flexibilização e desregulamentação do trabalho. Esta seção foi fundamental, já que nos mostrou o que a massa de sujeitos formados e em formação nos cursos de EPT encontra nos mercados de trabalho. Em geral, os mercados esperam sujeitos proativos, flexíveis, dóceis, multitarefeiros e capazes de suportar as exigências da lógica toyotista de gestão do trabalho, isto é, a venda da subjetividade do trabalhador.

É importante destacar que seria insuficiente discutir a educação profissional somente através de perspectivas teóricas que a enxergam num quadro otimista de ação, sem levar ou minimizando os fatores estruturais de produção da desigualdade em nossa sociedade. Portanto,

pensar a EPT separada da expansão neoliberal que tudo privatiza e transforma em mercadoria, do avanço econômico do capitalismo sobre o trabalho e, principalmente, da lógica parasitária da elite brasileira, seria sonhar com uma educação irreal. A educação real é concreta e é determinada por nossas questões estruturais mais gerais.

Prontamente, o estudo mergulhou no campo justamente para ouvir os sujeitos desta pesquisa, buscando entender, dentro do mundo vivido e concreto de seu público-alvo, quais expectativas os estudantes da EPT atribuem a esta modalidade de educação e de que forma essas perspectivas estão sendo construídas nos contextos sociais em que são produzidas. Esta foi a delimitação – recorte metodológico – de nosso estudo, isto é, entender a EPT como formação profissional não meramente acadêmica, mas que busca capacitar o indivíduo em suas faculdades e aptidões para a intervenção laboral no seu contexto histórico, geográfico, político, econômico, social e cultural concreto, apurando competências que devem ser integradas na vida profissional do sujeito.

Portanto, esta pesquisa se lançou no desafio de entender como um grupo de estudantes – com origem escolar e trajetórias de vida distintas – se percebe no campo educacional e como projetam suas expectativas profissionais a partir da imersão num curso técnico-profissionalizante. Longe de tratá-los como um grupo homogêneo, aqui reconhecemos a pluralidade de biografias e as contradições impostas a vida material desses 14 sujeitos entrevistados. Homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores e desempregados, solteiros e pais/mães etc., expressam a riqueza sociocultural do grupo em questão. Não são sujeitos à deriva, já que têm bom senso diante das muitas questões levantadas. Sabem e vivem o drama do desemprego, dos trabalhos precários, da falta de oportunidades que tiveram e, principalmente, das dificuldades vindouras. Todavia, também há nas falas aqui coletadas uma boa dose de esperança de um porvir melhor através da educação. Estudar no IFPB se torna uma marca distintiva, um recurso de poder simbólico, algo honroso. Eis que, para além das dificuldades e dos sonhos, os sujeitos aqui estudados estão imersos exatamente nos quadros acima apontados: expansão da educação técnica para o mercado e precarização deste mesmo mercado de trabalho. Temos aí uma contradição visível efetivada pelo modo de produção capitalista, isto é, uma massa de trabalhadores qualificados, porém, potencialmente supérfluos ou sujeitos à própria sorte.

O que há em comum nessas trajetórias? Recorremos a Pierre Bourdieu, perspectiva teórica que percorreu nosso estudo, e dizemos que as expectativas em relação ao mercado de trabalho se relacionam à posição social, *ethos* familiar, de classe e composição dos capitais (econômico, cultural, simbólico, social), assim como às condições objetivas e simbólicas que

se revelam relativamente específicas e distintas entre os 14 sujeitos entrevistados. Filhos de trabalhadores subproletariados, com pouca instrução escolar, os informantes reproduzem essa realidade e traduzem seu cotidiano como uma narrativa ainda fluida, aberta e à deriva, todavia entrecortada pelas expectativas de um futuro melhor, seja pelo sonho da emancipação financeira através do trabalho no mercado de eventos, seja pela possibilidade de realizar outro curso formativo.

O Curso de eventos tem propiciado a esses estudantes do PROEJA uma vivência formativa diferenciada. Daí que o papel do IFPB tem sido estratégico na redução das desigualdades escolares no país. Foi dominante dentre os relatos que o Curso de Eventos possui uma proposta inovadora e que atende os interesses dos estudantes. Contudo, foi visto nos relatos que, apesar da notoriedade reconhecida, e da qualidade atribuída ao Curso de Eventos, as desigualdades estruturais vivenciadas por esses entrevistados orquestram o cotidiano dos sujeitos, e, sistematicamente, organizam e orientam o futuro profissional. Deste modo, desigualdades de origem escolar (baixo capital cultural), etárias (estudantes mais velhos com longo período fora da escola), econômicas (sem condições para investir no estudo ou na profissão), de gênero (as mulheres, além de estudar, precisam cuidar de casa e dos filhos) se impõem no cotidiano escolar dos entrevistados, reproduzindo limites da proposta pedagógica do Curso e mesmo no processo formativo como um todo.

Essa foi a conclusão desta pesquisa que, como práxis pedagógica, também elaborou um Produto Educacional capaz de tentar minimizar as desigualdades ideológicas postas pela crescente educação neoliberal. Criamos uma Sequência Didática para trabalhar a problemática do Mundo do Trabalho a partir do cinema, visando diretamente debater o atual processo de precarização do trabalho, o crescimento do desemprego e, principalmente, desconstruir o mito do empreendedorismo como narrativa ideológica colocada pelo neoliberalismo para a classe trabalhadora.

Como palavras de desfecho desta conclusão, não há prescrição política ou pedagógica para o problema acima. Como a desigualdade é estrutural, somente uma mudança radical nos imperativos citados poderá criar uma outra lógica educacional, que desafie o capitalismo e as desigualdades de classes. Por enquanto, resta-nos vivenciar as adversidades, contradições e oportunidades abertas pela EPT em nossa realidade atual e, enquanto pedagogos ou professores, tentar orientar para um futuro menos incerto e mais inclusivo. Daí que, precisamos construir uma educação formal que, sem as amarras de um mundo perverso, possa minimizar as inequidades educacionais, dentro e fora dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Liliâne Alcântara de. Et al. O discurso meritocrata como elemento sociocultural: análise do filme “À procura da felicidade”. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 07, Ed. 04, Vol. 04, pp. 46-66. Abril de 2022.
- AGUIAR, W. M.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, 2006.
- AGUIAR, W. M. J. de; GODINHO ARANHA, E. M.; SOARES, J. R. Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, p. e07305, 2021.
- ALVES, G. A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos. **ArtCultura**, v. 7, n. 10, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- _____. O trabalho e seus sentidos. **Confluências**, Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 10, n. 1, 2008.
- _____. **Da educação utilitária fordista à da multifuncionalidade liofilizada**. In: 38ª Reunião Nacional da ANPEd, UFMA – São Luís/MA, 01 a 05 de outubro, 2017.
- AXT, Margarete. Mundo da vida e pesquisa em educação: ressonâncias, implicações, replicações. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 46-54, jan./mar. 2011.
- BATISTA, E. A.; OLIVEIRA, A. R. **Orientação profissional: aprendendo a ser e a escolher: manual para orientadores**. Ouro Branco, MG: PROFEPT, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BECKMANN, A. R. **Tapete pedagógico: um recurso didático para introduzir o ensino de ciências e matemática na educação infantil**. Santa Maria: Universidade Franciscana – UFN, 2021.
- BERGAMIN, M. A. E quando o paraíso é uma névoa? A classe operária vai ao paraíso e o fetiche. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 7-22, jun.-set. 2016.
- BEZERRA, Italan Carneiro. Currículo técnico integrado ao ensino médio: implantação e desenvolvimento de práticas no contexto brasileiro. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, 2020.
- BEZERRA, I. B. **Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical do IFPB: reflexões a partir dos perfis discente e institucional**. 524 f. 2017. Tese. Tese

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, 2017.

BONDARIK, R. et al. Origens e Características do Fordismo. **Anais... IV Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção**, Ponta Grossa, PR, Brasil, 03 a 05 de Dezembro, 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, 2007.

BRASIL. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**: Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm

BRASIL. **Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acao-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>.

CAMPELLO, Ana Margarida Campello. Dualidade educacional. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.

CASTRO, Angeline Santos. **Ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica: a relação entre o currículo integrado e a prática pedagógica docente**. Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Olinda, Coordenação Local Profept/IFPE - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2019.

CHAPLIN, C. (dir.). **Tempos Modernos**. Estados Unidos: United Artists, 1936.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1981.

COSTA, D. M. Z. et al. Motivações e expectativas de ingressantes em relação aos cursos técnicos integrados do Instituto Federal Goiano: olhares e impactos na evasão escolar. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 23, e13135, 2023

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CUNHA, Jessica de Almeida et al. Politecnicidade e currículo integrado na Rede Federal de Ensino: contextos e desafios na educação profissional e Tecnológica integrada de nível médio. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v.4, n. especial, 2020.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

ESCANDIUSSI NETO, L.; FUINI, L. L. **Guia de orientação profissional e gestão de carreira para o ingresso no mundo do trabalho**. Programa de Pós Graduação do Mestrado Profissional de Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas, 2021.

FREITAS, R. Produtos educacionais na área de ensino da capes: o que há além da forma? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, nº 2, 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Trad. J. Batista. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação profissional e capitalismo dependente: o enigma da falta e sobra de profissionais qualificados. **Debate**, Trab. educ. saúde 5 (3), Nov., 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Dimensões teórico-metodológicas da produção do conhecimento na educação profissional. In: MOURA, Dante Henrique (Org.). **Educação Profissional**: desafios teórico-metodológicos e políticas públicas. EdIFRN: Natal, 2016.

FURTADO, Carla; FREITAS, Leda Garcia; GONÇALVES, Juliana de Andrade Rocha. Reflexões sobre o filme você não estava aqui à luz da psicopolítica de Han. **Trabalho (En)Cena**, Palmas-TO, v. 8, n.Contínuo, 2023.

GAVRAS, Costa. **O corte**. França: Sony Pictures, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo, Editora Atlas, 2017.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUBER, Crislaine; ALLAIN, Olivier; WOLLINGER, Paulo (Orgs.). **Didática profissional**: princípios e referências para a educação profissional. Florianópolis: IFSC, 2019.

HANDRO, C. B. et al. Análise da inserção profissional e das habilidades do técnico em logística: perspectiva de egressos e empresas. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 4, nº 3, 2020 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

IFPB. Curso Técnico em Eventos Integrado - PROEJA: **Plano Pedagógico**. João Pessoa: Equipe Pedagógica do Curso Técnico em Eventos, 2015. 120 p. (Série Documentos Pedagógicos, n. 5).

LAUER-LEITE, I. D.; MOREIRA, A. S. **Expectativas quanto ao primeiro emprego**: a visão de universitários dos cursos de administração, sistemas de informação e economia. *Administração: Ensino e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 11-29, Jan/Fev/Mar, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1984.

LOACH, K. (Dir.). **Você não estava aqui**. Inglaterra: MUBI, 2018.

LOTTERMANN, Osmar. **O currículo integrado na educação de jovens e adultos**. Dissertação - Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências - Departamento de Pedagogia (DePe), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), 2012. 137 f.

MACEDO, O. J. V.; ALBERTO, M. F. P.; ARAUJO, A. J. S. Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 29 (Supl.), outubro - dezembro 2012.

MARTINS, B. V.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Qualificação Profissional, Mercado de Trabalho e Mobilidade Social: Cursos Superiores de Tecnologia. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, mai/ago 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEC. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja>. Acesso em: 05. Jun. 2022

MELO-SILVA, L. L. et al. A Orientação Profissional no contexto da Educação e Trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 5 (2), 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUCCINO, G. (Dir.). **À procura da felicidade**. Estados Unidos: Sony Pictures, 2006.

OLIVEIRA, E. C; MACHADO, M. M. O desafio do PROEJA como estratégia de formação dos trabalhadores. In OLIVEIRA, E.C; PINTO, A.H.; FERREIRA, M.J.R. **EJA e Educação Profissional**: desafios da pesquisa e da formação no Proeja. Brasília: Liber Livro, 2012.

OLIVEIRA, M. J. V.; ALMEIDA, S. M. Empregabilidade após o ensino médio: os desafios e perspectivas dos jovens alunos do Instituto Federal do Amazonas do curso de administração

para inserção ao mercado de trabalho no município de Parintins-AM. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, EUMED, dez. 2019.

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro; XAVIER, Gláucia do Carmo; SILVA, José Fernandes da; OLIVEIRA, Shirlene Bemfica de (Orgs). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: da história à teoria, da teoria a práxis**. Curitiba: CRV, 2020. 276 p. (Coleção Educação Profissional e Tecnológica no Brasil – Volume 1).

PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. **A Classe Operária Vai ao Paraíso** (La Classe Operaia Va in Paradiso). Itália, 1971.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo, Boitempo, 2002.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1953.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODECZ, M. **Juventude(s): escolha e inserção profissional dos jovens egressos do Ensino Médio Integrado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, SC, 2019.

SANTOS, Maria Escolástica de Moura. **Relações históricas entre trabalho, educação e pobreza**. Teresina: EDUFPI, 2018.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a concepção da politecnia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989.

SEGURADO, R. Análise da corrosão do caráter no filme O Corte. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 99-101, jun.-set.2016.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Adriano Larentes da. (org.). **O currículo integrado no cotidiano da sala de aula**. Florianópolis: IFSC, 2016.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da; CRUZ, Shirleide Pereira da Silva (Orgs.). **Profissionalidade docente na educação profissional**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. 228 p.

SILVA, E. P.; STEFANINI, D. M. As expectativas de formação profissional e trabalho de jovens e adultos de uma escola técnica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 15., 2010, Brasília. **Psicologia Social e Políticas de Existência - fronteiras e conflitos**. Brasília: ABRAPSO, 2010. p. 125-138.

STEFANINI, D. M. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu.** Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SILVA FILHO, J. P. et al. **A expectativa do discente ao ingressar nos cursos agrícolas de formação profissional e suas perspectivas após a conclusão.** UFMS, 2019.

SLEE, Tom. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado.** São Paulo: Editora Elefante, 2017.

STANDING, Guy. **O precarizado: a nova classe perigosa.** Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCHWAB, N. T.; LAZAROTTO, M. Percepções e expectativas dos alunos do curso técnico em paisagismo. **Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.** Santa Maria v. 2 n. 4 Jul./dez. 2013.

URRY, John. **O Olhar do Turista.** São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VOLKWEISS, Anelise. **O currículo integrado na educação profissional técnica de nível médio: saberes, desafios e possibilidades.** Dissertação - Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PGGEDUCEM), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Por Alegre, 2018. 215 f.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA

**ROTEIRO QUALITATIVO DE QUESTÕES
ENTREVISTA POR PAUTAS**

Entrevistadora: Palloma de Souza Silva

Entrevistado/a: (criar codinome) _____

Idade do/a Entrevistado/a: _____

Data: ____/____/2023

Pautas**PAUTA 1: FAMÍLIA E ESCOLARIDADE FAMILIAR**

- Com quem você vive?
- Que profissões exercem ou exerceram os seus pais?
- Seus pais concluíram o ensino médio? Cursaram faculdade?
- Você recebe incentivos em casa para continuar estudando?
- Caso sim, de que forma acontece esse incentivo?

PAUTA 2: EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO

- Você já trabalhou em alguma atividade profissional? Primeiro emprego? Jovem aprendiz? Estágio? Trabalha com a família?
- Caso a resposta seja sim, qual foi?
- Persistindo o sim, sua família incentivou este primeiro emprego?

PAUTA 3: PREFERÊNCIAS PELO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS

- Qual o motivo principal para a escolha deste curso técnico em eventos?
- Pretende trabalhar com eventos?
- O que acha do mercado de eventos?
- Você já fez outro(s) curso(s) antes deste?
- Caso a resposta seja sim, qual(is)?
- Quais são as principais contribuições do ensino técnico para a sua formação profissional? No que este curso tem te ajudado?

- Quais são suas principais expectativas com a realização deste Curso?
- Este curso tem atendido ou não as expectativas? Explique.
- Quais as principais habilidades que você desenvolveu ao longo do curso?

PAUTA 4: EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

- Qual a profissão que você deseja para seu futuro?
- Caso não seja esta profissão, que outras profissões você gostaria de exercer?
- O que você pretende fazer após o término do curso técnico em eventos?
- Quais dificuldades você enxerga para conseguir a profissão desejada?

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Estudante,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar desta pesquisa intitulada: **“EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DENTRE ESTUDANTES DO PROEJA NO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS DO IFPB/CAMPUS JOÃO PESSOA”** desenvolvida pela pesquisadora Palloma de Souza Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, Campus João Pessoa, sob a orientação do Prof. Dr. Italan Carneiro Bezerra.

O trabalho de pesquisa tem por objetivo compreender as expectativas dos estudantes do IFPB (Campus João Pessoa) sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) a partir dos anseios em relação à sua formação profissional, destacando seus projetos pessoais e profissionais.

A entrevista será realizada com os/as alunos/as matriculados/as no *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos* (PROEJA), Curso Técnico em Eventos do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, Campus João Pessoa, contendo perguntas acerca da temática, em sala reservada do Campus João Pessoa.

A finalidade deste trabalho é compreender quais as expectativas que os estudantes do curso técnico de Eventos (IFPB, Campus João Pessoa) atribuem a esta modalidade de educação, quais os anseios em relação à sua atuação profissional – destacando seus projetos pessoais e profissionais – e em que medida essas expectativas vêm sendo atendidas.

Nesse sentido, sua participação é fundamental para o êxito da nossa pesquisa. Assim, solicitamos sua colaboração e autorização para realizar esta pesquisa e apresentar os resultados em produção acadêmica, mantendo o completo anonimato. Deste modo, solicitamos gentilmente a sua colaboração para participar de nosso programa qualitativo de entrevistas. Também solicitamos a autorização para usar esse material e apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional. No corpo da dissertação e também nas publicações futuras todos os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo absoluto. Ao final do estudo, todo material será

mantido em arquivo, por pelo menos cinco anos, conforme resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A dissertação completa estará publicação na Biblioteca de Dissertações e Teses do IFPB, em seu Repositório Digital. O artigo resultante da dissertação será publicado em alguma revista nacional da área de educação ou interdisciplinar, preferencialmente qualificada com indicador QUALIS/CAPES acima de B2. Os resultados poderão ser também publicados no evento anual do IFPB – Semana de Ciência, *Tecnologia* e Inovação. Em todas essas publicações o anonimato estará rigorosamente preservado.

Informamos que você **não** deve participar deste estudo se se sentir constrangido/a em responder a qualquer dos itens presentes na pesquisa, caso esse constrangimento possa lhe acarretar maiores transtornos. Esta pesquisa oferece minimamente alguns riscos e, apesar das questões não serem invasivas, podem acarretar alguma consequência de ordem psicológica e ou emocional, sendo os riscos possíveis: cansaço, constrangimento, incômodo, irritação por se sentir despreparado para o trabalho ou por ocasião das respostas da entrevista.

Os riscos serão mitigados por meio da aplicação da entrevista guiada por pauta com o emprego de linguagem clara e acessível, em sala reservada que garanta a sua liberdade para não responder quaisquer perguntas ou ações constrangedoras, bem como a concessão de tempo adequado para as devidas respostas. A pesquisadora também estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantindo a suspensão imediata da aplicação da entrevista, caso seja percebido algum risco ou danos a sua saúde.

O participante poderá interromper a entrevista ou se negar a responder quaisquer das perguntas. Ademais, respeitando as recomendações da Resolução 510/2016/CNS, caso ocorra alguma intercorrência mais séria, pedimos que o/a participante procure um serviço público de saúde caso venha a necessitar de cuidados comprovadamente relacionada a entrevista e de sua participação na pesquisa. Caso algum discente tenha algum gatilho de incômodo, em função da temática, poderá entrar em contato imediato conosco pelo contato deixado neste termo para encaminharmos ao psicólogo da IFPB ou mesmo um particular. Desse modo, nos comprometemos, dentro das nossas condições, a prestar apoio. Por isso, colocamos à disposição nosso e-mail (palloma.souza@academico.ifpb.edu.br) e o número de nosso telefone (84) 99467-4549 para que possa conversar conosco, caso necessite, para juntos encontrarmos uma solução para promover o seu bem-estar.

Com a sua participação nessa pesquisa, você não terá benefício pessoal direto e imediato. Contudo, os benefícios da pesquisa em poder compartilhar sua expectativa sobre o futuro profissional dentre os estudantes do curso de eventos do IFPB e poder ter um

reconhecimento no social a partir do acesso ao resultado do estudo e do Guia de Orientação Profissional, disponibilizados em forma de uma cartilha digital.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, seguindo as orientações da Resolução 510/2016, que prevê no seu Art. 9º São direitos dos participantes:

I - ser informado sobre a pesquisa;

II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo;

III - ter sua privacidade respeitada;

IV - ter garantida a confidencialidade das informações pessoais;

V - decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;

VI - ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei;

VII - o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Portanto, se você necessitar de maiores esclarecimentos sobre seus direitos como participante da pesquisa, ou ainda formular alguma reclamação ou denúncia sobre procedimentos inadequados da pesquisadora, pode entrar em contato com o CEP-IFPB, no endereço indicado ao final do termo.

Sua participação é voluntária e, portanto, não está obrigado(a) a fornecer as informações e ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir da participação, não sofrerá nenhum dano em sua atuação docente e sua entrevista será descartada da coleta de dados. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Esclarecemos, ainda, que o presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido e esta pesquisa estão de acordo com o que preconiza a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS. Em situações contempladas por essa resolução, prevalecerão os princípios éticos contidos na Resolução 466/2012 do (CNS).

A pesquisadora estará à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que julgar necessários. Assim como prestar assistência e tomar os encaminhamentos necessários, relacionados a intercorrências relacionadas ao desenvolvimento desta pesquisa.

Ao consentir em participar desta pesquisa, você receberá uma via deste documento devidamente assinado pela pesquisadora e poderá optar por receber em seu e-mail uma cópia da sua entrevista.

Faremos a devolutiva do estudo para os participantes entregando o resultado através de um resumo em forma de relatório que será encaminhado através do e-mail que será solicitado no questionário. Este e-mail será encaminhado via mala direta com cópia oculta, garantindo que a distribuição coletiva dos resultados preserve o sigilo de todos os participantes, bem como enviaremos no mesmo e-mail o link do repositório onde constará a dissertação completa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e aos possíveis e decorrentes riscos da minha participação. Sendo assim:

() Eu aceito participar do estudo () Eu não aceito participar do estudo

Contato com o pesquisador responsável:

E-mail: palloma.souza@academico.ifpb.edu.br Telefones: (84) 99467-4549

Contato com o Comitê de Ética do IFPB:

Av. João da Mata, 256 – Jaguaribe – João Pessoa – PB. Telefone: (83) 3612-9725 E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do/a Participante

APÊNDICE C: SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA



Palloma de Souza Silva

Ítalan Carneiro Bezerra

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS
DO CINEMA

2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	02
PROPOSTA DE ENSINO 1	09
PROPOSTA DE ENSINO 2	10
PROPOSTA DE ENSINO 3	12
PROPOSTA DE ENSINO 4	15
PROPOSTA DE ENSINO 5	17
REFERÊNCIAS	19

APRESENTAÇÃO

O Produto Educacional, intitulado **SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA ATRAVÉS DO CINEMA**, permite que o docente possa trabalhar os conceitos e temas do Mundo do Trabalho a partir de uma ação integrada entre teoria e prática, articulando a trajetória – biográfica, escolar, familiar, social etc. – de cada estudante com conteúdos reflexivos que tenham conexão com o mundo concreto de cada realidade subjetiva particular.

Dá que, ao invés de simplesmente lançar conteúdos *a priori*, o Produto tem o objetivo de apresentar as atuais transformações vigentes no Mundo do Trabalho, tecendo, a partir da realidade concreta e subjetiva de cada estudante, uma reflexão sobre possibilidades de entender-se no mundo contemporâneo. Isso permitirá que o docente, assim, melhor planeje suas aulas. Utilizando do cinema como ferramenta pedagógica audiovisual, esta sequência didática traz uma linguagem extra e mais acessível para gerar engajamento crítico e esboçar maior imaginação por parte do público.

Vale lembrar que um produto educacional é um recurso criado especificamente para facilitar o aprendizado e o ensino. Esses produtos podem variar amplamente, incluindo livros, apostilas, sequências didáticas, softwares educativos, aplicativos, vídeos, jogos, ferramentas de avaliação etc. O objetivo principal é apoiar o processo educacional, tornando-o mais eficiente, envolvente e acessível para os alunos.

Na Educação Profissional e Tecnológica - EPT, esses produtos educacionais desempenham um papel muito importante, já que são projetados para fornecer conhecimentos práticos e habilidades específicas que preparam os estudantes para o mundo do trabalho. Esses produtos são adaptados às necessidades dos cursos técnicos e profissionalizantes na EPT, abordando tanto a teoria, quanto a prática de

maneira integrada. Isso inclui manuais técnicos, simuladores, sequências didáticas, materiais de laboratório e outras ferramentas que ajudam a desenvolver competências específicas.

Em resumo, os produtos educacionais como, por exemplo, uma sequência didática bem estruturada, são ferramentas estratégicas para a educação técnica e profissionalizante. Eles capacitam os alunos com conhecimentos práticos e críticos, preparando-os para ingressar no mundo do trabalho com uma visão crítica, abrangente e estratégica.

Aqui desenvolvemos uma sequência didática como Produto Educacional. Uma sequência didática é um tipo específico de produto educacional que organiza o conteúdo e as atividades de ensino em uma ordem lógica e progressiva. Ela é estruturada para facilitar o desenvolvimento gradual do conhecimento e das habilidades dos alunos. As sequências didáticas são especialmente úteis para assegurar que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma eficiente e coerente.

Abaixo apresentamos a proposta da Sequência Didática, organizada em 5 aulas visando ser desenvolvida para explorar crítica e criativamente o tema "Mundo do Trabalho", dentro e fora das disciplinas propedêuticas. Esta sequência assim está organizada:

Aula 1: Mudanças históricas e processos de trabalho

- A revolução industrial e o emprego fabril

- Lutas operárias contra a exploração

Filme: PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. A Classe Operária Vai ao Paraíso, Itália, 1971).



Aula 2: O emprego fordista no século XX

- Tecnologia, relações de trabalho e emprego fordista
- Fordismo e qualificação profissional

Filme: TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. EUA, 1936



Aula 3: Reestruturação produtiva e toyotismo

- O emprego toyotista e suas relações de trabalho
 - Desemprego estrutural e organizacional
- Novas qualificações e flexibilização do trabalho

Filme: O CORTE. Direção: Costa-Gavras, França, 2005.



Aula 4: Capitalismo Plataformizado e Trabalho

- Plataformização, uberização e exploração do trabalho
- Capitalismo de plataforma e desregulação do trabalho

Filme: VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI Direção: Ken Loach. Inglaterra, 2018.



Aula 5: Trabalhador informal não é empreendedor!

- Os mitos do empreendedorismo
- Educação profissional e empreendedorismo: caminhos, possibilidades e críticas

Filme: A PROCURA DA FELICIDADE. Direção: Gabriele Muccino. EUA, 2006.



A sequência didática de 5 aulas tem o objetivo de explorar o tema "Mundo do Trabalho", através da seguinte estrutura: na primeira aula, uma introdução ao mundo do trabalho, abordando as principais transformações nos processos de trabalho desde o surgimento do capitalismo industrial, destacando os movimentos grevistas de resistência e luta operária. Na segunda aula, a discussão aborda o regime de produção fordista, caracterizado pela produção em massa e relações de trabalho e produção também massificadas. Pode ser mostrado como o trabalho era rotinizado e desgastante fisicamente.

A terceira aula foca no regime toyotista de gestão do trabalho, destacando sua ruptura com o fordismo e mostrando como o trabalhador passa a ter uma exploração muito mais refinada e acentuada. Além disso, pode ser aprofundada ainda a discussão acerca do aumento da intensificação da exploração do trabalho e a expansão do desemprego tecnológico e organizacional.

Na quarta aula, será discutido o atual momento do capitalismo globalizado, também chamado de plataformização da economia. Nesta aula, pode ser mostrado como o desemprego se acentua e como formas atípicas e desregulamentadas de contratação do trabalho são intensificadas.

Por fim, a quinta aula da proposta aborda a delicada questão do empreendedorismo, fazendo a crítica a essa categoria ideológica. Podem ser mostrados os determinantes estruturais do Toyotismo e da plataformização para mostrar os limites do ato de empreender.

Tendo em vista que cada aula terá duração de 50 minutos, os filmes deverão ser assistidos antes de cada encontro, através de link disponibilizado previamente para cada estudante.

Em cada aula, o(a) discente receberá ainda um roteiro com questões para responder. As questões deverão ser discutidas e entregues na semana seguinte. Cada roteiro terá o objetivo de problematizar o que foi visto no filme a partir de questões cotidianas desses estudantes, tais como qualificação profissional, desemprego, crise salarial, greve, empreendedorismo, escolhas profissionais, tecnologias etc.

A sequência didática é essencial para orientar os alunos sobre algumas armadilhas que a categoria empreendedorismo pode incorrer. É evidente, contudo, que empreendedorismo pode ser uma alternativa de carreira – óbvio que dentro de um quadro estruturado de possibilidades raramente fáceis –, proporcionando geração de renda, trabalho e possibilidade de inovação. Todavia, é preciso expor os alunos às etapas e desafios do empreendedorismo no mercado de eventos, tomando-os mais preparados para explorar e aproveitar algumas oportunidades. Logo, é igualmente importante desenvolver uma visão crítica sobre o empreendedorismo de uma forma geral. Os alunos devem ser encorajados a analisar não apenas as oportunidades, mas também os riscos e desafios associados. Eles precisam entender as exigências do mundo do trabalho, as tendências, a competitividade e os aspectos éticos e sustentáveis da gestão de eventos. Isso ajuda a formar profissionais mais conscientes e preparados para enfrentar as complexidades do mundo do trabalho hoje. Isso ajudará a fazer com que o aluno não confunda empreendedorismo com formas atípicas e precarizadas de trabalho.

O Produto foi concebido quando verificamos muitos discursos acéticos e apologéticos sobre a possibilidade de empreender. Sujeitos sem recursos, sem

experiência prévia e imersos num quadro sumamente otimista de empreendedorismo, lançados na esperança de ter seu próprio negócio. Optamos por uma sequência didática que possa ser trabalhada como tema transversal por diversas disciplinas, objetivando mostrar os limites e possibilidades do empreendedorismo.

Deste modo, o Produto busca viabilizar a imersão dos estudantes num quadro concreto e conceitual do Mundo do Trabalho a partir de suas realidades particulares. Objetiva-se aqui a efetivação de um recurso educacional que possa levantar, diagnosticar e avaliar a dinâmica da estrutura de classes e de precarização do trabalho hoje. Deste modo, o professor tem em mãos uma ferramenta capaz de compreender os limites e possibilidades de cada estudante, reduzindo a inequidade estrutural da educação formal e melhor orientando para o Mundo do Trabalho contemporâneo. Este Produto apresenta linguagem acessível, ilustrações e, principalmente, questões práticas que possam provocar alguns debates em sala de aula, buscando identificar expectativas, inseguranças e perspectivas sobre o novo e precário Mundo do Trabalho. Utiliza o recurso audiovisual do cinema para mostrar leituras de mundo, problematizando-as como recursos interpretativos de nossa realidade.

PROPOSTA DE ENSINO 1

Professora(a): _____

Instituição: _____

Tema: Mudanças históricas e processos de trabalho

Data: ___/___/___

Duração da Aula: 50 min.

Objetivo: Abordar as principais transformações nos processos de trabalho desde o surgimento do capitalismo industrial, destacando os movimentos grevistas de resistência e luta operária.

Turma/Público alvo: _____

Conteúdo:

- A revolução industrial e o emprego fabril
- Lutas operárias contra a exploração

Metodologia:

Filme: PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. A Classe Operária Vai ao Paraíso (La Classe Operaia Va in Paradiso, Itália, 1971).

Aula expositiva e dialogada

O filme deverá ser visto antes da aula. Durante a aula, a obra será discutida em sala, juntamente com a leitura do texto-base.

Recursos utilizados:

Audiovisual: filme

Texto-base:

BERGAMIN, M. A. E quando o paraíso é uma névoa? A classe operária vai ao paraíso e o fetiche. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.9, n.26, p. 7-22, jun.-set.2016. Disponível em:

<https://revista.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/29496/22194>

Língua de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=MC07a6717Ec>

Avaliação: Roteiro de questões

Participação no debate

Roteiro de Questões para Debate

1. Imagine como era viver jornadas de trabalho fabris de 12, 13 ou até mais de 15 horas diárias. A industrialização nascente incorporava homens, mulheres e até crianças de forma brutal nos processos de trabalho. Diante disso, como você analisa as jornadas de trabalho na contemporaneidade?
2. O que você entende por sindicalismo?
3. Qual a importância das lutas sindicais hoje?
4. O que você entende por consciência de classe?
5. O personagem Lulu Massa, no filme, tinha consciência de classe?
6. O que fez o personagem Lulu Massa mudar os rumos de sua consciência?
7. A intensificação da exploração do trabalho contribui para o que podemos chamar de consciência de classe?
8. Diante do contexto histórico de surgimento de greves, como você pensa os movimentos grevistas hoje?
9. Você conhece pessoas sindicalizadas?
10. Como você percebe o papel dos sindicatos hoje?

PROPOSTA DE ENSINO 2

Professora(a): _____

Instituição: _____

Tema: O emprego fordista no século XX

Data: __/__/____

Duração da Aula: 50 min.

Objetivo: Discutir o regime de produção fordista, caracterizado pela produção em massa e relações de trabalho e produção também massificadas, mostrando como o trabalho era rotinizado e desgastante fisicamente.

Turma/Público alvo: _____

Conteúdo:

- Tecnologia, relações de trabalho e emprego fordista
- Fordismo e qualificação profissional

Metodologia:

Filme: TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. EUA, 1936.

Aula expositiva e dialogada

O filme deverá ser visto antes da aula. Durante a aula, a obra será discutida em sala, juntamente com a leitura do texto-base.

Recursos utilizados:

Audiovisual: filme

Texto-base:

ALVES, G. A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos. ArtCultura, v. 7, n. 10, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unizioja.es/descarga/articulo/7468421.pdf>

Língua de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=Bv1sdRGRb8k>

Avaliação: Roteiro de questões

Participação no debate

Roteiro de Questões para Debate

1. Como você caracteriza a exploração e o cansaço do trabalhador no filme *Tempos Modernos*?
2. Quais diferenças você pode apontar entre o cansaço do personagem e as formas contemporâneas de exaustão no trabalho hoje?
3. Como o filme *Tempos Modernos* explora a temática da maquinaria na indústria?
4. O personagem principal tinha um emprego mecânico, rotineiro e cansativo, mas tinha certa estabilidade na função, pois os níveis de desemprego nesta época ainda eram baixos. Diante disso, que relações entre qualificação profissional e estabilidade no emprego podem ser vistas no filme?
5. O personagem, ao final do filme, deu sinais de esgotamento físico e emocional. O que o levou a esse adoecimento?
6. O que você entende por adoecimento no trabalho?
7. Que comparações você pode fazer entre o filme *Tempos Modernos* e as relações de trabalho hoje?
8. O personagem Carlitos tinha uma vida com sentido no trabalho? Ou era um trabalhador alienado?
9. O que você entende por alienação no trabalho?
10. Para Carlitos, existia uma vida feliz fora do trabalho?

PROPOSTA DE ENSINO 3

Professora(a): _____

Instituição: _____

Tema: Reestruturação produtiva e Toyotismo

Data: __/__/____

Duração da Aula: 50 min.

Objetivo: Analisar o regime toyotista de gestão do trabalho, destacando sua ruptura com o fordismo e mostrando como o trabalhador passa a ter uma exploração muito mais refinada e acentuada. Além disso, mostrar ainda o aumento da intensificação da exploração do trabalho e a expansão do desemprego tecnológico e organizacional.

Turma/Público alvo: _____

Conteúdo:

- O emprego toyotista e suas relações de trabalho
- Desemprego estrutural e organizacional
- Novas qualificações e flexibilização do trabalho

Metodologia:

Filme: O CORTE. Direção: Costa-Gavras, França, 2005.

Aula expositiva e dialogada

O filme deverá ser visto antes da aula. Durante a aula, a obra será discutida em sala, juntamente com a leitura do texto-base.

Recursos utilizados:

Audiovisual: filme

Texto-base:

SEGURADO, R. Análise da corrosão do caráter no filme O Corte. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.9, n.26, p. 99-101, jun.-set.2016. Disponível em: http://daffy.ufs.br/upload/page_attach/path/9559/sociologia_3E.pdf

Link de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEOst5BIUSk>

Avaliação: Roteiro de questões

Participação no debate

Roteiro de Questões para Debate

1. O que você entende por desemprego?
2. O que você entende por desemprego tecnológico?
3. O desemprego hoje é maior do que nas décadas anteriores?
Justifique sua resposta.
4. Há profissões que praticamente não existem mais na contemporaneidade. Pode citar algumas?
5. Por outro lado, há profissões inteiramente novas surgidas nas últimas décadas. Pode enumerar algumas também?
6. O padrão de qualificação profissional tem mudado bastante. Hoje há trabalhadores qualificados que não conseguem emprego. A que se deve isso?
7. No filme *O Corte*, o personagem Bruno Davert era altamente qualificado e não conseguia um bom emprego. Você conhece pessoas assim? São qualificadas? Porque estão desempregadas?
8. A questão etária é um fator de desemprego em alguns setores. Como você enxerga o desemprego de pessoas mais velhas hoje?
9. A concorrência é cada vez maior no mundo do trabalho. A que se deve essa concorrência?
10. Você acha que ter uma formação universitária é suficiente hoje para manter um emprego? Justifique sua resposta.

PROPOSTA DE ENSINO 4

Professora(a): _____

Instituição: _____

Tema: Capitalismo Plataformizado e Trabalho

Data: ___/___/___

Duração da Aula: 50 min.

Objetivo: Discutir o atual momento do capitalismo globalizado, também chamado de plataforma da economia, mostrando como o desemprego se acentua e como formas atípicas e desregulamentadas de contratação do trabalho são intensificadas.

Turma/Público alvo: _____

Conteúdo:

- Plataformização, uberização e exploração do trabalho
- Capitalismo de plataforma e desregulação do trabalho

Metodologia:

Filme: VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI. Direção: Ken Loach. Inglaterra, 2018.

Aula expositiva e dialogada

O filme deverá ser visto antes da aula. Durante a aula, a obra será discutida em sala, juntamente com a leitura do texto-base.

Recursos utilizados:

Audiovisual: filme

Texto-base:

Furtado, C., Freitas, L. G. de, & Gonçalves, J. de A. R. Reflexões sobre o filme você não estava aqui à luz da psicopolítica de Han. Trabalho (En)Cena, 8(Contínuo), 2023. <http://doi.org/10.20873/2526-1487e923007>

Link de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=qqAsnupNKG8>

Avaliação: Roteiro de questões

Participação no debate

Roteiro de Questões para Debate

1. Você sabe o que é a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT?
2. O que é um trabalho regulamentado por CLT?
3. Você conhece pessoas que trabalham plataformizadas, tais como Uber, Ifood ou AirBnB?
4. Você acha que os trabalhos plataformizado são melhores ou piores do que os empregos via CLT?
5. De que forma as relações de trabalho plataformizadas são mais incertas do que um emprego tradicional?
6. Você avalia que existe proteção social do Estado nas formas contemporâneas de trabalho plataformizado? Responda baseado na trajetória do personagem do filme.
7. O trabalho plataformizado possui jornadas maiores ou menores do que o emprego CLT?
8. O que você entende por Previdência Social? As plataformas de trabalho uberizado garantem ao trabalhador alguma proteção previdenciária?
9. Quais vantagens você percebe no trabalho plataformizado?
10. Quais desvantagens você enxerga no trabalho plataformizado?

PROPOSTA DE ENSINO 5

Professora(a): _____

Instituição: _____

Tema: Trabalhador informal não é empreendedor!

Data: __/__/____

Duração da Aula: 50 min.

Objetivo: Analisar a problemática do empreendedorismo, fazendo a crítica a essa categoria ideológica, mostrando os determinantes estruturais do Toyotismo e da plataformação e os limites do ato de empreender

Turma/Público alvo: _____

Conteúdo:

- Os mitos do empreendedorismo
- Educação profissional e empreendedorismo: caminhos, possibilidades e críticas

Metodologia:

Filme: À PROCURA DA FELICIDADE. Direção: Gabriele Muccino. EUA, 2006.

Aula expositiva e dialogada

O filme deverá ser visto antes da aula. Durante a aula, a obra será discutida em sala, juntamente com a leitura do texto-base.

Recursos utilizados:

Audiovisual: filme

Texto-base:

ABREU, Liliâne Alcântara de. Et al. O discurso meritocrata como elemento sociocultural: análise do filme "À procura da felicidade". Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 04, Vol. 04, pp. 46-66. Abril de 2022. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <http://www.nucleodocconhecimento.com.br/psicologia/discursos-meritocrata>

Link de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=K5S3vzbFwvQ>

Avaliação: Roteiro de questões

Participação no debate

Roteiro de Questões para Debate

1. O que você entende por empreendedorismo?
2. Você conhece alguma pessoa empreendedora?
3. Você considera empreendedor um trabalhador que vende doces e água no sinal? Justifique sua resposta.
4. No filme *À procura da Felicidade*, há a ideia de que o sucesso depende unicamente da vontade de cada um. Você concorda com isso?
5. No mundo do trabalho hoje, é possível pensar que há espaço para todos que querem empreender?
6. Diante do enorme nível de desemprego hoje, o empreendedorismo é uma opção para indivíduos sem conhecimento técnico e sem dinheiro para tornar capital?
7. Você gostaria de ser empreendedor? Em que área?
8. Quais dificuldades você enxerga para empreender?
9. Como o personagem Christopher Gardner - interpretado por Will Smith - conseguiu o dito sucesso financeiro? De que forma o empreendedorismo se coloca para o personagem? Como necessidade ou como vocação?
10. Como você avalia a situação do pequeno empreendedor num país como o Brasil?

Referências

ABREU, Liliane Alcântara de. Et al. O discurso meritocrata como elemento sociocultural: análise do filme "À procura da felicidade". Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 04, Vol. 04, pp. 46-66. Abril de 2022.

ALVES, G. A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos. ArtCultura, v. 7, n. 10, 2005.

À PROCURA DA FELICIDADE. Direção: Gabriele Muccino. EUA, 2006.

BERGAMIN, M. A. E quando o paraíso é uma névoa? A classe operária vai ao paraíso e o fetiche. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.9, n.26, p. 7-22, jun.-set.2016.

FURTADO, C., FREITAS, L. G., & GONÇALVES, J. de A. R. Reflexões sobre o filme você não estava aqui à luz da psicopolítica de Han. Trabalho (En)Cena, 8(Continuo), 2023.

O CORTE. Direção: Costa-Gavras, França, 2005.

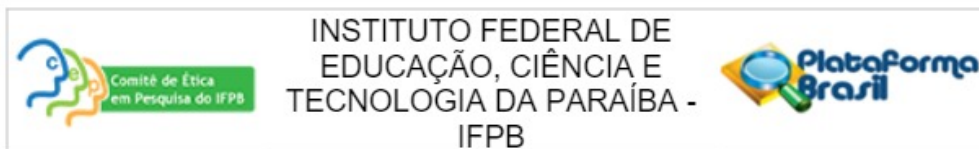
PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. A Classe Operária Vai ao Paraíso (La Classe Operaia Va in Paradiso, Itália, 1971).

SEGURADO, R. Análise da corrosão do caráter no filme O Corte. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.9, n.26, p. 99-101, jun.-set.2016.

VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI Direção: Ken Loach. Inglaterra, 2018.

TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. EUA, 1936.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DENTRE ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS DO IFPB - CAMPUS JOÃO PESSOA

Pesquisador: Palloma de Souza Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71077623.6.0000.5185

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.227.985

Apresentação do Projeto:

Trata-se de estudo em nível de mestrado, de pesquisadores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). A partir deste protocolo, espera-se compreender as expectativas dos estudantes do Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do IFPB – campus João Pessoa – a respeito da Educação Profissional e Tecnológica.

O projeto prevê a participação de 14 discentes do curso técnico em eventos do IFPB – campus João Pessoa, e tem como pressuposto as expectativas dos estudantes acerca de sua formação profissional, tendo em vista seus projetos pessoais e profissionais.

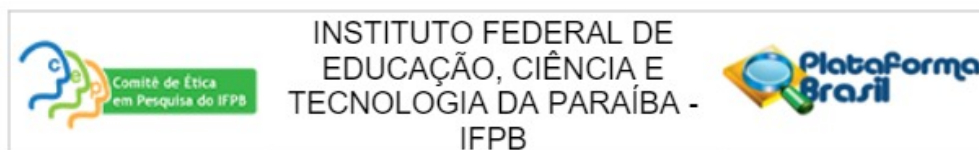
De acordo com as informações do projeto, o instrumento de coleta de dados será a entrevista, que, segundo os autores, terá duração média de 30 minutos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender as expectativas dos estudantes do IFPB – campus João Pessoa – sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) a partir dos anseios em relação à sua formação profissional, destacando seus projetos pessoais e profissionais.

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo
Bairro: Jaguaribe **CEP:** 58.015-020
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3612-9725 **Fax:** (83)3612-9706 **E-mail:** eticaempesquisa@ifpb.edu.br



Continuação do Parecer: 6.227.985

Objetivo Secundário:

- Averiguar a proposta político-pedagógica do curso técnico em eventos integrado ao ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos do IFPB, destacando suas interfaces com o mercado de trabalho.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Conforme os autores, o protocolo apresenta os seguintes riscos: a) possível sensação de cansaço; b) incômodos ou sensação de impotência por ocasião das respostas para a entrevista.

Para minimizar esses riscos, os autores afirmam que a entrevista será realizada com o emprego de linguagem acessível, em sala reservada. Também será garantido ao participante uma parcela de tempo adequado para reflexão e elaboração de suas respostas. Conforme disponibilizado no protocolo, a pesquisadora também estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantindo a suspensão imediata da entrevista, caso seja percebido algum risco ou danos à saúde dos participantes.

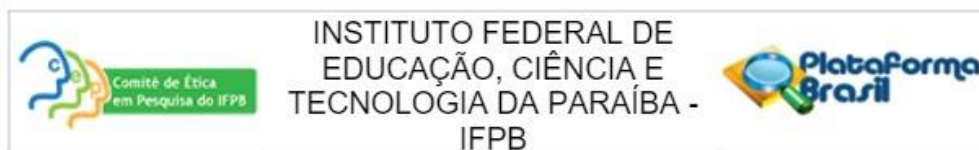
Benefícios:

Para os participantes, os benefícios serão o de poder compartilhar sua expectativa sobre o futuro profissional dentre os estudantes do curso de eventos do IFPB e poder ter um reconhecimento no social a partir do acesso ao resultado do estudo e do Guia de orientação Profissional (produto educacional), disponibilizados em forma de uma cartilha digital. Após o término da pesquisa, os resultados e o produto educacional serão divulgados aos participantes e à comunidade acadêmica através de eventos dentre a comunidade acadêmica do IFPB - Campus João Pessoa, além de publicação da dissertação em eventos de cunho científico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo objetiva compreender as expectativas dos estudantes do Curso Técnico em Eventos do IFPB – campus João Pessoa – sobre a Educação Profissional e Tecnológica. O projeto prevê a participação de 14 discentes, que serão submetidos a uma entrevista de 30 minutos, em média.

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo
 Bairro: Jaguaribe CEP: 58.015-020
 UF: PB Município: JOAO PESSOA
 Telefone: (83)3612-9725 Fax: (83)3612-9706 E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br



Continuação do Parecer: 6.227.985

Os riscos, apesar de serem de pequena monta, apresenta-se um protocolo de minimização de riscos compatível com os instrumentos que serão utilizados.

Também a devolutiva foi abordada no TCLE, que prevê encaminhamento de resumo e relatórios aos e-mails dos participantes, de forma individualizada, conforme previsto pela CONEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Folha de rosto apresentada, assinada pela Diretora Geral do Campus;
- Informações básicas: preenchidas na Plataforma Brasil;
- Projeto detalhado: apresentado;
- Cronograma de execução: apresentado e em conformidade com o protocolo;
- Orçamento: apresentado e compatível com a pesquisa;
- Instrumento de coleta de dados: apresentado e adequado ao estudo;
- TCLE: apresentado e com todos os elementos previstos pelo sistema CEP/CONEP.

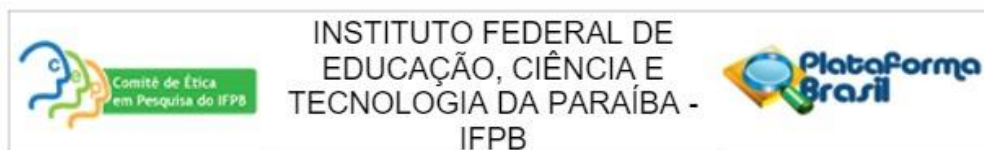
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após avaliação do parecer apresentado pelo relator, o Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB discutiu sobre os diversos pontos da análise ética sobre a qual preconiza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e deliberou o parecer de APROVADO para o referido protocolo de pesquisa.

Informamos ao pesquisador responsável que observe as seguintes orientações:

- 1- O participante da pesquisa tem o direito de desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; (Res. CNS 510/2016 – art. 9º - Item II).
- 2- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por parte do CEP que aprovou, aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano ao participante.
- 3- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quando for do tipo escrito, deve ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha. Em ambas as vias deverão constar o endereço e contato telefônico ou outro, dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local e da CONEP, quando pertinente e uma das vias entregue ao participante da

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo
 Bairro: Jaguaribe CEP: 58.015-020
 UF: PB Município: JOAO PESSOA
 Telefone: (83)3612-9725 Fax: (83)3612-9706 E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br



Continuação do Parecer: 6.227.985

pesquisa.

4- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

5- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

6- Deve ser apresentado, ao CEP, relatório final até 30/06/2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2148776.pdf	03/07/2023 16:01:54		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_Palloma_de_Souza_Silva_03.pdf	03/07/2023 16:01:40	Palloma de Souza Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_Estudante_03.pdf	03/07/2023 16:01:21	Palloma de Souza Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_ATIVIDADES.pdf	09/06/2023 19:40:19	Palloma de Souza Silva	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_DE_COLETA_DE_DADOS.pdf	09/06/2023 17:55:03	Palloma de Souza Silva	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	09/06/2023 17:49:38	Palloma de Souza Silva	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_PallomaDeSouzaSilva_Assinado.pdf	02/06/2023 16:11:10	Palloma de Souza Silva	Aceito

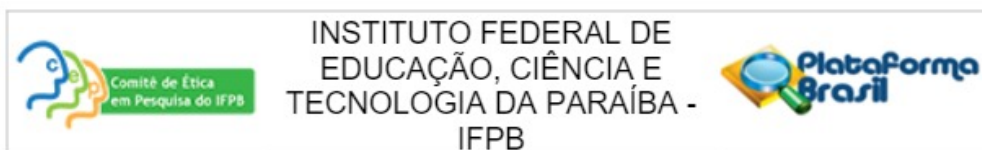
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIG, térreo
 Bairro: Jaguaribe CEP: 58.015-020
 UF: PB Município: JOAO PESSOA
 Telefone: (83)3612-9725 Fax: (83)3612-9706 E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br



Continuação do Parecer: 6.227.985

JOAO PESSOA, 09 de Agosto de 2023

Assinado por:
DIEGO DA SILVA VALDEVINO
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIG, térreo
Bairro: Jaguaribe CEP: 58.015-020
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3612-9725 Fax: (83)3612-9706 E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br